



POR ANO

Benefícios sociais injetam mais de R\$ 8,54 bi na economia da PB

Valor entra no orçamento doméstico de famílias em situação de vulnerabilidade atendidas pelo governo. *Página 17*

Foto: Divulgação/Codecom-UEPB



UEPB celebra 60 anos de atuação em favor do conhecimento

Presente do Litoral ao interior do estado, a instituição é símbolo de mobilização acadêmica, resistência política e transformação social, com um desenvolvimento ancorado em inclusão, tecnologia e sustentabilidade que a tornam um dos principais patrimônios públicos dos paraibanos.

Páginas 5 e 6

98ª edição do Oscar, que acontece hoje, promete uma das disputas mais equilibradas dos últimos anos



Foto: Divulgação

Neste ano, a torcida brasileira vive a expectativa de premiações para *O agente secreto*, que concorre em quatro categorias, incluindo as disputas de Filme Internacional e Melhor Ator, com Wagner Moura. A cerimônia será transmitida ao vivo pela Rede Globo, pelo canal pago TNT e pelo streaming HBO Max. O jornal A União preparou um guia sobre os principais concorrentes.

Páginas 29 a 32



Ações da Patrulha Maria da Penha crescem 264,7% no início deste ano

De janeiro a fevereiro, o programa que acompanha vítimas de violência doméstica atendeu 310 mulheres no estado.

Página 7

Decisão começa, hoje, no Marizão, com partida entre Sousa e Botafogo

Primeiro embate da final do Paraibano 2026 será a partir das 17h, com times em busca da vantagem para o último jogo, no dia 21.

Página 21

Atividades esportivas e de lazer ganham os céus paraibanos e novos adeptos

Parapente, paramotor, asa-delta e saltos de paraquedas chamam cada vez mais atenção dos aventureiros no estado.

Página 8

Foto: Divulgação/Prefeitura de Araruna



■ “O que mais aprendi veio pronto do saber do outro, dos que a eles me acostei desde o Pio XI, e pelos mestres que o dom da amizade vêm me facultando até hoje.”

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A escrita privilegia o silêncio, evoca a infância, repassa leituras, pensa o poético, testemunha o espanto e a dor existenciais. O tempo e a morte se fazem presentes”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Em uma época em que a participação da mulher era rara na ciência, Johanna Döbereiner contrariou todos os ditames que impediam mulheres de exercer atividades científicas”.

Claudio Furtado

Página 19

Editorial

Onde a guerra não dói

As guerras, enquanto assunto de reportagens de telejornais, por mais comoventes, parecem indolores. As narrativas, embora minuciosas, tanto na descrição do patrimônio físico destruído quanto das pessoas mortas em consequência dos bombardeios, não conseguem abalar a mente e o coração da maioria das pessoas dos países não conflagrados, que continuam agindo como se nada de ruim estivesse acontecendo no mundo.

Não é de hoje que os espectros ideológicos trafegam pelas narrativas dos grandes conglomerados de comunicação, desviando a atenção de leitores e ouvintes da falsa neutralidade das mensagens, que contam histórias sempre sob o ponto de vista das nações de maior poder econômico e, principalmente, militar, embora uma coisa não exista sem a outra. O dinheiro move o mundo, com seus motores à pólvora. É muito antigo isso.

O Irã e o Líbano são dois países do Oriente Médio hoje sob a mira das armas de alto poder destrutivo disparadas pelas forças de segurança dos Estados Unidos da América e de seu aliado Israel. Os relatos dão conta de centenas de vítimas dos bombardeios, sem maiores detalhes acerca da identidade social das pessoas que perderam a vida nas duas nações sitiadas. Corte para o apelo publicitário, depois entra esportes, e a vida continua...

Vale salientar que as cidades iranianas e libanesas não são habitadas apenas por membros das forças armadas oficiais ou de grupos terroristas, como fazem crer as mensagens subliminares. Há famílias pacíficas, com pais e mães que trabalham e filhos que brincam e estudam; pessoas que vivenciam, diariamente, o drama da guerra, temendo por suas próprias vidas e orando, também, para que nada de mal aconteça com parentes e amigos.

Como conciliar o sono ouvindo estrondos e clarões de bombas? O barulho de casas e edifícios desabando? Os gritos dos feridos e os lamentos desesperados dos que perderam pessoas queridas? A Faixa de Gaza, também no Oriente Médio, foi transformada por Israel em uma terra de mortos-vivos. Mais de dois milhões de seres humanos esfomeados, feridos, enlutados, vivendo entre ruínas, hospitais e cemitérios improvisados.

Há muitos interesses em jogo no Oriente Médio. Em síntese, os Estados Unidos da América querem mais petróleo, e Israel, mais territórios. Países que se contrapõem a tais projetos e lutam pelo direito de traçar suas próprias políticas e defender suas fronteiras são considerados inimigos e etiquetados como terroristas. Para eles, nada de diplomacia, apenas bombas e balas, para que não atentem contra quem manda no dito mundo civilizado.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O Liceu Paraibano

O Liceu Paraibano tem uma história que remonta a 1836. Funcionou inicialmente no antigo Convento de São Gonçalo, onde mais tarde se instalaria a Faculdade de Direito da UFPB, ao lado do Palácio da Redenção. Em 1937, o então governador Argemiro de Figueiredo construiu, na Avenida Getúlio Vargas, o belo prédio que até hoje abriga a instituição.

O ensaísta e cronista paraibano José Rafael de Menezes classificou o Liceu como a “matriz intelectual da Paraíba”. Pelos seus bancos escolares, passaram algumas das maiores expressões da vida política, cultural e artística do estado. Quase todos os governadores da Paraíba estudaram ali. Nomes célebres da nossa história, como José Américo de Almeida, Argemiro de Figueiredo, Celso Furtado, João Pessoa, João Agripino e Abelardo Jurema, frequentaram aquele educandário. O grande poeta Augusto dos Anjos não apenas estudou no Liceu, como também foi seu professor.

Na década de 1960, quando estive matriculado naquele que era considerado o mais tradicional colégio da Paraíba, cursei os dois últimos anos do ginásio e as três séries do curso clássico. Os estudantes que pretendiam prestar vestibular nas áreas de ciências humanas e sociais seguiam o clássico. Já os que se inclinavam para as ciências exatas ou biológicas optavam pelo científico, que, entre nós, distinguíamos informalmente como científico de engenharia e científico de medicina.

Naquele tempo, o Liceu possuía o que talvez fosse o melhor corpo docente da educação paraibana. Tivemos como professores juizes, médicos, advogados renomados, professores universitários, engenheiros e educadores de grande prestígio. Recordo alguns nomes que me vêm à memória: Wilson da Cunha, Milton Viana, Afonso Pereira, Fernando Barbosa, José Otávio de Arruda Melo, Daura Santiago Rangel, diretora por muitos anos, Quinídio, Perez, Aníbal Moura e Argentina Pereira.

O Liceu também foi palco de grandes

acontecimentos. Tornou-se uma espécie de quartel-general da política estudantil paraibana, verdadeiro laboratório de formação das lideranças secundaristas. Nem mesmo quando a ditadura militar tentou desarticular o movimento estudantil, proibindo os diretórios e criando os chamados grêmios literários, conseguiu conter o espírito de inquietação da juventude daquele tempo. O Grêmio Literário Daura Santiago Rangel, apesar das restrições e dos riscos, continuou exercendo um papel de mobilização e consciência política.

Minha passagem pelo Liceu me traz lembranças de um tempo de intensa efervescência. O colégio era muito mais do que um espaço de aprendizagem formal. Foi, para toda uma geração, uma verdadeira escola de formação cívica e consciência política.

O Liceu não formou apenas estudantes.

Formou consciências.

“

Pelos seus bancos escolares, passaram algumas das maiores expressões da vida política, cultural e artística do estado

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Companheiros de aventura

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

“Da bagaceira ao mel”

Tento compensar a surdez com a leitura. Mas não é fácil a quem viveu e aprendeu mais de ouvir e conversar que mesmo de ler. O que mais aprendi veio pronto do saber do outro, dos que a eles me acostei desde o Pio XI, com as peremptas lições do livro e do homem vindas do meu professor de Admissão, e pelos mestres que o dom da amizade vêm me facultando até hoje. Aqui e ali, desde que escrevo, eles voltam ao enredo provinciano destas curtas linhas.

O desabafo vem por conta dos eventos da minha devoção a que tenho faltado. Às falas da academia, sejam no bate-papo ou nas próprias do auditório. Nas reuniões da Casa de José Américo ou em eventos como esse da última quarta-feira, com o lançamento de livros resultantes do seminário promovido por aquela fundação em 2024, a que já não pude comparecer, para não ficar, como surdo, vendo peixe no aquário naquele abrir e fechar de bocas.

Como um dos organizadores, a professora Janete Lins Rodriguez, diretora do museu, antecipa ao leitor o essencial da obra coletiva *Da bagaceira ao mel*.

“Seria um guia para empresários, para a gestão governamental, para professores, pesquisadores, enfim, para todas as pessoas que se interessam e querem ver a Paraíba mais próspera. Reunimos textos nas áreas de educação, arte, justiça, infraestrutura, ciência e tecnologia, paleontologia, turismo. É uma obra que pode servir também de inspiração e referência para outros estados brasileiros”.

Vejamos bem: estamos no terceiro decênio do século XXI a extrair ouro de uma mina lavrada no início do terceiro decênio do século XX. Não somente extrair, mas a indicar como o ouro se extrai. Tive a sorte, a brejeirice ou os pendores para a amizade, de ouvir muito disso ou quase tudo ao vivo, somente os dois ou em companhia de Aurélio Albuquerque, Adalberto Barreto, Nathanael Alves ou um Juarez Batista, que nos faz reviver esse convívio em *Retratos e perfis*.

“

Estamos no terceiro decênio do século XXI a extrair ouro de uma mina lavrada no início do terceiro decênio do século XX

Está aí o centenário de um livro elaborado e escrito (para não dizer redigido) por encomenda do antigo Dnocs e logo visto pela inteligência do país de 1923 como “o primeiro estudo sólido, de conjunto, sobre a estrutura física e cultural” do Nordeste (Josué de Castro). Relatório, sim, mas com a advertência de um autor considerado imodesto que, tratando das obras de Epitácio Pessoa na região, dirige-se a ele, ao final do prefácio, nos termos seguintes: “O título *A Paraíba e seus problemas* é, exageradamente, compreensivo. Mas, reporteime apenas às soluções fundamentais como ponto de partida de todo o nosso progresso”.

E logo em seguida: “Mas o sr. Epitácio Pessoa gostará de ver que me impressionei mais com a sua obra do que com o seu nome e menos com a sua obra do que com a sua terra”. Já era a autoridade do intelectual de vida retirada nos livros, visto com cerimônia e respeito sem ter alcançado ainda o cume da vida política e da consagração literária. Aos 73 anos, ele próprio reconhece: “A Paraíba e seus problemas é o que tenho de melhor, embora um pouco enfático”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ECOPRODUTIVO

Comunidade vira modelo agropecuário no semiárido

Projeto usa técnicas e recursos voltados para a convivência com o clima

Samantha Pimentel
samanthauuniao@gmail.com

No Nordeste brasileiro, cerca de 85% do território é caracterizado como semiárido, sendo marcado pela irregularidade das chuvas e pelas altas temperaturas, que contribuem para o risco constante de escassez hídrica. Essas características podem dificultar a manutenção de atividades agrícolas, a criação animal e outros empreendimentos rurais. Porém, com as tecnologias e o manejo certos, é possível conviver com o semiárido, produzir bem e gerar renda. É isso que prova o Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável da Paraíba (Procase), iniciativa do Governo do Estado, por meio da Secretaria da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (Seafds), que beneficia agricultores familiares, oferecendo estrutura, capacitações e assistência técnica; dentro dele, o projeto EcoProdutivo vem se destacando como um meio de potencializar a produção e as boas práticas.

Desenvolvido desde 2023, ele tem como objetivo implementar uma propriedade rural de base familiar como modelo de referência de produção agropecuária, utilizando técnicas integradas e uma abordagem racional dos recursos naturais, considerando a convivência com o semiárido e as mudanças climáticas. A ação acontece junto à comunidade Tapera, no município do Congo, no Cariri paraibano, alcançando mais de 80 famílias. O investimento é de R\$ 590 mil.

Segundo explica o coordenador estadual do Procase, Nivaldo Magalhães, a iniciativa reúne uma série de atividades, como a fruticultura, meliponicultura, piscicultura, caprinocultura, sistemas agroflorestais, produção de hortaliças e outras. “Nós fomos desde a implantação de placas solares, para viabilizar economicamente as ações e também dar maior qualidade de vida aos beneficiários, à implantação de biodigestor, para substituir o gás de cozinha e também ter o biofertilizante para adubação. Fizemos uma verdadeira revolução em uma unidade demonstrativa, claro, para depois aproveitarmos aquelas técnicas, aqueles procedimentos que poderiam ser replicados, e que iam melhorar realmente a qualidade de vida, e dando rentabilidade”, afirma.

Ele destaca ainda que o EcoProdutivo é uma forma de preparação para o Procase II, a segunda fase do projeto, a qual tem o objetivo de atingir todas as 223 cidades do estado — diferente da primeira, iniciada em 2013, que beneficiou 56 municípios paraibanos. A nova etapa do programa deverá ter investimento de US\$ 105 milhões, alcançando mais de 60 mil famílias de agricultores.

“Com base em uma propriedade nessas condições, a gente avalia o que é viável para aquela região, o que é inviável também e o que realmente vai dar retorno impe-



Mais de 80 famílias do município do Congo são beneficiadas; ações vão desde o aprimoramento da atividade agrícola até o incentivo à criação de abelhas com ferrão atrofiado

diato. Nós tivemos, por exemplo, a implantação de dois tanques de piscicultura, onde eles [os agricultores beneficiados] têm uma boa renda, no caso de venda a programas do governo e também no período de Semana Santa”, pontua Nivaldo. Por meio dessa unidade demonstrativa, é possível acompanhar o desenvolvimento das várias ações implementadas, averiguar a viabilidade de cada uma delas e, com isso, tirar lições e boas práticas que podem ser replicadas e auxiliar em outras comunidades e regiões com características semelhantes.

Fortalecimento local

O consultor do Procase e responsável pela coordenação das ações do EcoProdutivo, Felipe Leal, esclarece que, para a escolha da comunidade beneficiada, foi priorizada uma localidade que estivesse no curso do Rio Paraíba, o qual recebe as águas da transposição do Rio São Francisco. “Por indicadores de níveis de desertificação, desenvolvimento socioeconômico e outros, chegamos à comunidade Tapera, que tem uma associação relativamente nova, mas muito organizada e aguerida. De forma colaborativa, dialogamos sobre esse projeto, essa intervenção na propriedade, que foi aprovada pela associação dos agricultores local”, afirma.

As ações implementadas já vêm produzindo frutos. O primeiro deles foi a regularização fundiária do território, que aconteceu em parceria com a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), a qual também contribuiu com o melhoramento genético dos rebanhos, cedendo reprodutores caprinos, ovinos e bovinos. “Também tivemos a regularização do uso da água do manancial, a outorga do uso da água, por meio da Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba, e a parte do licenciamento ambiental, junto à Superintendência de Administração do Meio Ambiente”, relata Felipe.

Com o fortalecimento da organização associativa e da produção, também houve melhoria de renda. “Eles estão buscando o mercado institucional. Pela primeira vez, estão acessando o Programa de Aquisição de Alimentos municipal, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, estão participando de editais, não só no município do Congo, mas outros da região. Também estamos fomentando um grupo de mulheres com quintais produtivos, produzindo pitaia, aumentando o leque de produtos que eles podem comercializar”, enfatiza Felipe.

O consultor ressalta que o grande objetivo das ações é que, além da segurança alimentar e nutricional e da melhor convivência com o semiárido, os agricultores possam alcançar ganhos financeiros. Os produtores beneficiados também recebem formações, oficinas, assistência técnica e acompanhamento constantes dos técnicos do Procase. O projeto ainda promove o fortalecimento da palma forrageira e a revitalização de matas ciliares, e o espaço abre as portas para receber a visita de escolas da região.

Agricultores

“O que nós temos na comunidade foi através do projeto EcoProdutivo. A gente aprendeu muita coisa, tanto com a assistência técnica como sobre participar de programas do governo, porque antes ninguém participava, já que a gente não sabia nem como fazer”, afirma José Roberto Bezerra Júnior, presidente da Associação Comunitária dos Agricultores, Produtores, Criadores e Apicultores das Comunidades de Tapera, Tatu, Poço Comprido e Barro Branco.

Quando a iniciativa chegou ao local, a associação havia sido criada poucos meses antes. José Roberto conta que, no início, a organização da entidade foi mais difícil, com parte das pessoas desacreditadas no projeto, mas o apoio do Procase facilitou o andamento das atividades. “Esta-

mos abastecendo hoje a escola estadual aqui do Congo e de Camalaú, além da municipal do Congo e de outro programa do município. Fornecemos verduras, legumes, carne caprina e bovina, peixes”, informa.

Sobre a criação de peixes, José Roberto frisa que esse conhecimento foi aprendido com o projeto. “A gente não sabia nem como lidar e hoje temos dois tanques de peixe. Foi uma coisa que veio para somar e gerar uma renda, conciliando com as outras coisas que a gente já fazia”, ressalta.

Outra agricultora da comunidade, Sara Layne Feitosa de Farias diz que o EcoProdutivo também lhe trouxe novos conhecimentos. Hoje, ela trabalha com meliponicultura — criação de abelhas com ferrão atrofiado, popularmente chamadas de “sem ferrão” —, cultivo que iniciou após o projeto. “A gente não tinha esse conhecimento sobre as abelhas sem ferrão, e o projeto trouxe isso e muito mais, desde as abelhas até a criação de animais, ração e alimentação dos animais e o plantio. E tem os técnicos que nos ajudam”, comenta.

Ela fala ainda sobre a importância da melhoria genética dos rebanhos, por meio do cruzamento com reprodutores trazidos pelas ações do Procase. “Também fizemos curso de poda, aprendemos outras formas de cuidar das plantas frutíferas, e, com os ensinamentos deles [os técnicos], a gente hoje vê as coisas de outra forma”, celebra.

O Procase é realizado em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Já o projeto EcoProdutivo tem o apoio, ainda, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas), da Prefeitura Municipal do Congo, entre outras instituições.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A culpa é de quem fica sentado

A sentença caiu: mais uma mulher morta. Mais um corpo que foi amor, que foi filha, que foi amiga, transformado em estatística, em manchete de jornal que a gente lê no café da manhã, suspira, balança a cabeça e passa os olhos para a previsão do tempo. Mais um homem que matou. Prendeu, espancou, silenciou. Mais um herdeiro do óbvio: de um direito de posse que lhe foi ensinado desde cedo, de um ego que não cabe no peito, de uma raiva que só encontra destino quando encontra um corpo feminino pela frente.

E nós, homens, rapidamente nos apressamos em demarcar território. “Que absurdo!”, “Esse cara é um monstro!”, “Tem que apodrecer na cadeia!”. Fazemos questão de cuspir no agressor, de nos distanciarmos dele como se ele fosse uma aberração da natureza, um ponto fora da curva, um erro estatístico. Vestimos a carapuça da exceção, enquanto seguimos a vida.

Mas será que somos mesmo tão diferentes assim? Há um ditado alemão que ecoa na minha cabeça, pesado como um epitáfio: “Numa mesa com cinco pessoas, se sentar um nazista e ninguém se levantar, então são seis nazistas”. A mesa está posta, e o jantar segue. Não é preciso usar a farda, não é preciso levantar o braço para fazer a saudação. Basta ficar sentado. Basta o silêncio. Basta a conveniência de não criar caso.

Traduzamos, então, para a nossa língua, para a nossa vida, para a nossa culpa. Numa mesa de bar, com cinco homens, se um deles conta uma piada machista — daquelas que objetificam, que ridicularizam, que naturalizam o desrespeito — e os outros quatro riem, ou desviam o olhar, ou mudam de assunto para não constranger o amigo, então são cinco machistas. Não, esperem. O ditado alemão é claro: são seis.

O que é um agressor, afinal? É um produto. Um homem que aprendeu, em milhões de pequenas lições diárias, que a mulher é um ser menor, um ser para seu uso, um ser que lhe deve satisfação. E quem lhe deu essas aulas? A sociedade inteira, sim, mas especialmente nós, os homens. Nós, que no futebol comentamos o corpo da repórter. Nós, que no grupo da família mandamos aquela “brincadeirinha” sobre a sogra. Nós, que no trabalho interrompemos a colega e depois chamamos de “histérica” quando ela reclama. Nós, que ouvimos um amigo se gabar de ter traído a namorada e damos um tapinha nas costas, um “isso aí, pegador”.

Cada riso cúmplice a uma piada misógina é um tijolo no muro da impunidade. Cada vez que nos calamos diante de um comentário sobre o “lugar da mulher” é um voto de confiança para o próximo tapa, para o próximo grito, para o próximo feminicídio. O homem que mata não nasce pronto. Ele é forjado no ferro da permissividade social, forjado por outros homens que, ao se omitirem, assinam embaixo do seu comportamento. Eles não são seis numa mesa. Eles são um exército.

Sentar-se à mesa com um agressor não é apenas estar no mesmo ambiente físico que ele. É sentar-se à mesa dos valores dele quando você silencia sobre os seus. É partilhar do pão da cumplicidade quando você não o confronta. É beber do vinho da convivência quando você prefere “manter a paz” a defender a dignidade de uma mulher que sequer está ali para se defender. O agressor se alimenta desse silêncio. Ele cresce, ele se fortalece, ele se sente no direito. Afinal, se até os amigos dele acham graça, se ninguém nunca o questiona, é porque ele deve estar certo. É porque ela “mereceu”.

A culpa não é só de quem aperta o gatilho ou desfere o golpe. A culpa é de quem afia a lâmina todos os dias, com cada palavra, cada gesto, cada omissão. A culpa é do engenheiro social que constrói a cadeia alimentar onde o homem está no topo e a mulher é a presa. E esse engenheiro não usa jaleco branco. Ele usa camisa social, usa uniforme de operário, usa bermuda de praia. Ele está no escritório, no bar, na igreja, no campo. Ele está no espelho, se ele se cala.

Portanto, homens, tirem os seus corpos da mesa. Levantem-se. Não esperem o momento em que a piada se transformar em tapa, e o tapa em facada. Não esperem ter que fazer um discurso no velório de uma conhecida para dizer “ela era uma pessoa incrível”. Sejam incríveis agora. Não compactuem. Não riem. Não achem “mimimi”. Porque, cada vez que um de nós fica sentado, rindo do machismo, estamos, juntos, segurando a faca. E a mão que mata, nessa hora, é também um pouco a nossa.

Colunista colaborador

Foto: Carlos Rodrigo



Elcio Abdalla

Coordenador do projeto do Radiotelescópio Bingo

“Minha hipótese é que a parte escura do universo tem alguma estrutura”

Em entrevista ao jornal *A União*, físico comenta as potencialidades, para a ciência, do dispositivo em construção na PB

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Quando pensamos em telescópios, geralmente temos a imagem de grandes estruturas formadas por uma série de lentes que possibilitam ao ser humano a observação dos astros. De todo modo, isso fica no campo do visível. No entanto, há também os radiotelescópios, que observam o “invisível”, aquilo que está fora das ondas que nossa visão consegue captar. É o caso do Bingo, em estado de implementação no município de Aguiar, interior da Paraíba, a partir de projeto coordenado pelo professor titular do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP) e gestor de projetos do Governo da Paraíba, Elcio Abdalla. A ideia é que o dispositivo possa registrar, em ondas eletromagnéticas, sinais emitidos por átomos de hidrogênio em épocas remotas, fazendo uma leitura do “passado” do universo. Esse registro pode trazer mais informações sobre a energia e a matéria escura, que compõem cerca de 95% de todo o universo (apenas 5% estaria em nosso conhecimento). O Bingo é o maior radiotelescópio da América Latina e o único do mundo dedicado especificamente à observação dos efeitos da matéria e da energia escura. É com Abdalla que conversamos sobre como funciona o Bingo, quais suas potencialidades e o foco de seu uso.

Entrevista

■ *O Bingo é um radiotelescópio. Qual a diferença entre um telescópio e um radiotelescópio?*

Telescópio é um termo genérico. Você olha para o céu e está vendo alguma coisa. No entanto, para você ver alguma coisa, depende de qual faixa de frequência você vê. Quando o telescópio, seu olho ou qualquer coisa está captando uma onda eletromagnética de aproximadamente 300 nanômetros, que são 300 bilionésimos de metro, essa é uma onda que nossos olhos são capazes de decodificar para mandar para os nossos cérebros. Tem telescópio que decodifica essas ondas? Um monte. Mas tem também aqueles que decodificam ondas ultravioletas, que a gente não vê, mas que um aparelho pode ver. Você decodifica aquilo e tem as informações. Você olha para uma estrela, você não vai querer ver só aquilo que você enxerga com os olhos. Você faz um monte de coisas. A luz que vem da estrela não é só aquela que a gente vê, mas muitas frequências. E se faz a análise de cada uma para saber o que ela está significando. As frequências dependem do emissor. O emissor está em um certo decaimento, num certo ato, num certo núcleo, aí ele emite certa frequência. E aquilo para nós é muito importante, porque ele emite naquela frequência, e a frequência depende da distância em que ele está. O radiotelescópio é algo que vê na frequência de rádio. Então, o nosso telescópio ouve na frequência de 980 MHz a 1.260 MHz. É uma frequência baixa, como a frequência do celular. Ele é uma onda diferente? Não, é igual

à onda que nós vemos, só que ela é maior. A nossa frequência é de 20 cm a 30 cm.

■ *Por que a gente está olhando essa frequência?*

Porque o elemento mais comum do universo é o hidrogênio. Em termos de número de átomos, chega a ser cerca de 80% do universo. Em termos de massa, 74% do universo é composto de hidrogênio. E o hidrogênio tem uma emissão de linha que é de 21 cm, que é a diferença entre a energia que ele tem com o elétron e o próton estando paralelos ou antiparalelos. Então, ele passa de um para o outro e emite essa pequeníssima onda, que, para nós, é muito importante. E, como ele é o elemento mais comum, acaba sendo uma das ondas mais comuns individualmente do universo. Olhando para a onda de 20 cm, a gente sabe de onde ela veio, sabe a distribuição de hidrogênio. Sabendo a distribuição de hidrogênio, a gente sabe a distribuição dos elementos visíveis, que são os prótons, os átomos, a massa fisicamente visível, porque tem uma que é invisível, que são a matéria e a energia escuras. Então, esta parte do universo a gente conhece olhando por um mapeamento de ondas de 20 cm.

■ *O que essa movimentação de átomos de hidrogênio pode falar sobre o passado do universo?*

O universo começou com uma grande explosão; em seguida, houve vários processos nos primeiros 380 mil anos de existência no universo, em que ele só tinha radiação muito quente e depois foi esfriando,

até hoje. Na verdade, nós só vemos o passado. Porque, quando você olha para certo lugar, a informação que saiu de lá anda na velocidade da luz. Uma coisa que esteja a seis bilhões de anos-luz é uma distância muito grande, quase metade do universo. Ela chega aqui seis bilhões de anos depois que saiu. Então, sempre que você olha para algum lugar, você está olhando para o passado daquele dia. O radiotelescópio consegue observar essas movimentações do hidrogênio. Chega então um monte de informação, toda atabalhoada. A gente tem que tirar todo o lixo. Tudo que passa por lá, como uma carga que passa na frente e que se acelera, limita a radiação eletromagnética. Uma radiação de fundo que veio lá do tempo do Big Bang, por exemplo, a gente tem que retirar. Aí, depois que se retiram os lixos, fica uma distribuição só dos 21 cm. Aí você olha e vai se perguntar o seguinte: “quanto de radiação teve aqui? Teve o dobro que teve ali”. Então, você sabe que a quantidade de hidrogênio de um ponto é maior do que a de outro. “Esse aqui tem cinco vezes mais que aquele lá. Aqui tem cinco vezes mais massa”. Com isso, a gente pode fazer um mapa do universo sob o aspecto de distribuição de hidrogênio.

■ *Qual a particularidade do Bingo em relação a outros radiotelescópios no mundo?*

Hoje, existem cinco ou seis radiotelescópios que observam o mesmo nicho. Temos o Bingo, temos também outros radiotelescópios no Canadá, na China, na África. O Bingo vai olhar para uma certa faixa de distância, para o que começou a se categorizar como importante, a energia escura, que é o que acelera o universo. A gente acha que ali tem alguma informação muito importante. Os outros [radiotelescópios] não vão olhar particularmente para essa faixa. A gente tem três coisas [no universo]. A gente tem nossa matéria — os bárions —, matéria escura e energia escura. Por condições diferentes, chegou-se à conclusão de que a soma dessas três coisas, desses três objetos, tem um certo valor e de que nossa matéria é 4%, a matéria escura é 26% e a energia escura é 70%. No caso dos bárions, a gente tem branco, preto, marrom, metal, não condutor, borracha, vidro, plástico, tudo isso. O constituinte é, no fundo, um só: próton, nêutron e elétron. Para a química, é só isso. Seria mui-

to interessante se a parte escura do universo — que é, no caso da matéria escura, seis a sete vezes a mais que a matéria usual e, no caso da energia escura, 12 a 13 vezes a mais —, tivesse uma caracterização também desse tipo. Será que formam átomos? Será que têm luz? Luz escura significa uma luz que nós não vemos. Mas um marciano, ou um ser feito de matéria escura e energia escura, será que ele não pode ver? Será que ele tem mais estrutura? Então, essa é a pergunta que se coloca. Qual é a estrutura dessa parte escura? Como é que ela pode ser vista no universo?

■ *De onde veio a ideia da construção do Bingo?*

Eu trabalho nessas questões de cosmologia desde o início do século. Trabalho com um colega chinês. Ele veio no fim da última década do século passado. E a gente só se interessava por essa parte escura. A gente sempre trabalhou nisso, mas trabalhávamos em teoria e com algumas observações que a gente pudesse comparar. Até que, por volta de 2010, meu filho mais velho, físico também, trabalhou em Londres. E ele tinha uns colegas que falavam em observar o universo, mas observar mesmo, através de um radiotelescópio. Entrei em contato com eles e a ideia era fazer alguma coisa que observasse exatamente isso, a parte escura do universo.

■ *Por que vocês escolheram a cidade de Aguiar?*

Porque tinha um local que era absolutamente limpo no sentido eletromagnético. A torre de *internet* é uma sujeira, porque a gente liga a televisão, liga o telefone, acende forno de micro-ondas, então são sujeiras que a gente chama de RFI, *radio frequency interference* [ou interferência de radiofrequência, em português], que são radiofrequências que a gente não consegue controlar muito. Ainda tem avião, tem *transponder* de avião. Na verdade, ainda existem algumas rotas de avião que vão para a Europa e passam por lá, e a gente tem que cortar. Mas o que sobrou é bastante limpo.

■ *Em que momento está hoje a construção do Bingo?*

Pelos relatórios, aparentemente será concluída a parte civil agora, no fim de março, que são as fundações. O objeto tem dois “espelhos” metálicos e cornetas, que são cones de 5 m por 2 m, que vão captar

o que vem do céu e que bate em um espelho, bate em outro e vem para cá [para as cornetas]. Essas frequências são captadas, vão para uma eletrônica, que nos dará os dados brutos. Em seguida, tem os estágios dois e três, nos quais vamos pegar esse material bruto e transformar em material mais apropriado para a ciência, o qual seria só a linha de 21 cm pura, dentro de todas as distâncias captadas. Já o estágio quatro é pegar esses dados, em comunhão com os estágios dois e três, fazer contas com a equação de Einstein e modificar essas equações e a curva como deve ser para descrever a parte escura do universo. Tudo isso é feito para saber mais informações e entender melhor como funciona a matéria escura. Nesse momento, a gente tem a montagem da eletrônica, que vai durar até o fim de julho ou começo de agosto. Depois, será feito o comissionamento, que é uma maneira de dizer que a gente vai calibrar, o que deve durar alguns meses. Depois de calibrado, é só fazer ciência. Vamos dizer que a utilização científica se dará daqui a um ano.

■ *Há aplicações práticas desses conhecimentos?*

Quando nós fizemos o projeto do telescópio, tinha só as cornetas. Agora tem outros objetos que foram inventados para olhar para essa radiação e que podem ser usados em coisas muito diferentes e práticas. Então, os nossos aparelhos convenientemente modificados podem virar radares, podem fazer sensoriamento remoto, do céu, do mar. Com isso, você aumenta muito mais o alcance prático do projeto, o que pode nos render vários bilhões. Os *chips* que são usados, nós temos um conjunto deles, mas a gente ainda não sabe reproduzir. E temos um projeto nessa direção, que é um projeto bilionário.

■ *Quais são suas expectativas nesse momento?*

Eu gostaria de dar uma explicação plausível e tecnicamente bem fundamentada da parte escura do universo. A minha hipótese, que eu acho que algum dia talvez possa corroborar a teoria e que tenho que investigar na prática, é que a parte escura do universo tem alguma estrutura. Mas aí tudo [está] a descobrir. É um chute bem calibrado, mas é um chute. Então, esse seria o resultado principal que eu teria dado.

UEPB

Seis décadas de luta e conhecimento

Mobilização acadêmica, resistência política e expansão pelo interior marcam a trajetória da instituição

Cidoval Moraes de Sousa
Especial para A União

Hoje, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) celebra 60 anos, um marco que transcende a simples efeméride para simbolizar seis décadas de resistência política, transformação social e a consolidação de um dos mais vitais patrimônios públicos dos paraibanos. Essa trajetória, iniciada sob a égide da Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (Furne), em 1966, amadureceu em uma potência tecnocientífica e inclusiva, consolidando-se, hoje, como uma âncora de desenvolvimento que integra do Litoral ao Sertão.

Ao longo do texto (nas páginas 5 e 6), revisitaremos o percurso histórico de lutas pela autonomia, analisaremos o estágio de excelência e inovação que a instituição ocupa no presente, destacaremos suas singularidades em políticas afirmativas e engajamento regional para, enfim, projetar os desafios de uma universidade que se prepara para liderar a sustentabilidade e a resiliência climática no semiárido.

Luta e resistência

A trajetória da UEPB começa em 1966, com a criação da Fundação Universidade Regional do Nordeste, sob a liderança de Williams Arruda. O projeto buscava suprir a demanda educacional de Campina Grande, mas logo enfrentou o impacto do golpe militar na gestão de Edvaldo do Ó. Em 1969, a fúria da intervenção federal afastou o reitor, impondo um período de repressão política e administrativa severa. Contudo, mesmo sob vigilância, pressão e perseguições políticas “a semente do saber” foi preservada por colaboradores, forjando o caráter resilien-

te de uma instituição que se recusou a sucumbir.

Os anos seguintes foram marcados por severas dificuldades financeiras. Diversas gestões buscaram a federalização ou o suporte orçamentário do Estado, enfrentando negativas sucessivas ao longo das décadas de 1970 e 1980. Reitores como Vital do Rêgo e Guilherme Cruz tentaram, sem êxito, garantir a sobrevivência da Furne junto aos governadores da época. A mobilização de docentes, estudantes e servidores intensificou-se no período, transformando a precariedade orçamentária em uma causa popular coletiva.

Em 11 de outubro de 1987, a lei sancionada pelo governador Tarcísio Burity transformou a antiga Furne na atual Universidade Estadual da Paraíba. O ato foi o coroamento de uma vigorosa mobilização liderada pelo reitor Sebastião Vieira, com o apoio de entidades representativas dos estudantes, além de professores, técnicos administrativos da instituição e diversos movimentos sociais e políticos do estado.

A estadualização garantiu um novo horizonte jurídico e administrativo, retirando a instituição do isolamento financeiro que a asfixiava. Foi o passo decisivo para que a universidade deixasse de ser um projeto municipal para se tornar um patrimônio estratégico de todo estado.

O reconhecimento definitivo pelo MEC ocorreu em 1996, coincidindo com os 30 anos de história da universidade. Sob a gestão de Itan Pereira da Silva, o decreto assinado pelo Governo Federal consolidou a UEPB como

uma universidade plena e definitiva. Naquele momento, a instituição já contava com mais de 11 mil alunos e atuava em 26 cursos de graduação e diversos programas de especialização. O aval nacional chancelou a qualidade acadêmica construída e permitiu a expansão da sua marca para além das fronteiras originais de Campina Grande.

A conquista da autonomia financeira em 2004, por meio da Lei nº 7.643, inaugurou a fase de maior vitalidade e expansão da universidade. Essa independência orçamentária permitiu a interiorização em oito campi estratégicos e o fortalecimento vigoroso da pesquisa e pós-graduação.

Uma nova UEPB nasceu desse marco, tornando-se uma âncora cívica capaz de fixar talentos no semiárido e combater desigualdades históricas. O controle sobre os próprios recursos transformou a instituição em instrumento soberano de desenvolvimento, ciência e cidadania para todas as gerações.

(continua na página 6)



Diversos sujeitos participaram da construção de um espaço educacional público, democrático e socialmente referenciado

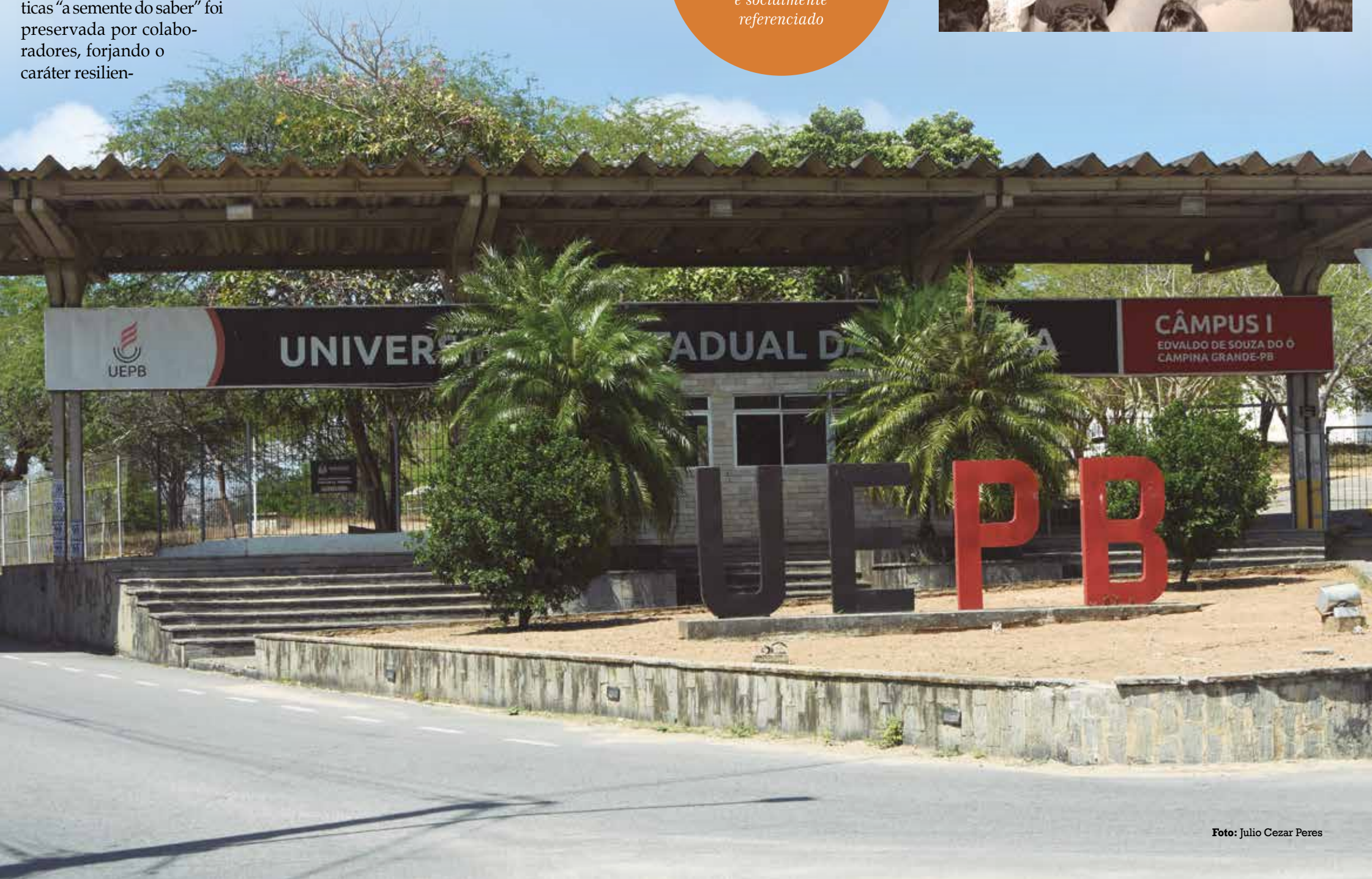


Foto: Julio Cezar Peres

EDUCAÇÃO PÚBLICA

Motor científico e social da Paraíba

Universidade Estadual promove inclusão e desenvolvimento unindo tecnologia, sustentabilidade e justiça social

Cidoval Moraes de Sousa
Especial para A União

A gestão de Marlene Alves e Aldo Bezerra, a primeira no contexto da vigência da autonomia, marcou a expansão estrutural, consolidou os processos de interiorização, investiu na dinâmica de internacionalização, políticas de cotas, aprovação de um novo e robusto plano de cargos e salários para o corpo técnico e docente, e, entre outras realizações, foi responsável pela implantação de uma política potente de capacitação docente, realização de concursos e programas internos de incentivo à pesquisa, que possibilitaram a criação dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* da universidade — mestrado e doutorados recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O projeto da Biblioteca Central, assinado por Oscar Niemeyer, e o do hoje Museu de Artes Popular Jackson do Pandeiro — ou Museu dos Três Pandeiros —, elevou o patamar cultural e arquitetônico da instituição em Campina Grande. A atuação política firme na Assembleia Legislativa garantiu pleitos decisivos para o corpo docente e estudantil, consolidando a marca da excelência. A gestão também introduziu uma política vibrante de apoio à cultura e de investimentos editoriais, projetando a Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EduPB) no cenário nacional com dois prêmios Jabutis. Este legado de modernização acadêmica preparou o terreno para a autonomia.

O reitorado de Rangel Júnior, com Etham Barbosa — no primeiro mandato — e Flávio Romero — no segundo mandato —, focou na consolidação acadêmica e na modernização dos processos internos com uma inovação importante: a introdução de servidores técnicos como pró-reitores — começando pelo planejamento e finanças. Mesmo sob desafios orçamentários, a gestão priorizou a qualificação docente e de técnicos, ampliação das políticas afirmativas, estímulo à pesquisa e à extensão, inovou em projetos culturais, manteve o apoio às publicações docentes e à editora, contribuindo, também, para elevação de conceito dos primeiros programas de pós-graduação e para criação dos primeiros doutorados da instituição.

Além disso, a administração promoveu uma transformação digital significativa, integrando tecnologias de informação para otimizar o suporte ao ensino e à extensão inovadora. A defesa da autonomia foi mantida, apesar das resistências e dos entraves criados pelo Governo Estadual à época.

Ainda assim, a UEPB aprofundou seu papel como uma âncora cívica, incentivando políticas de inclusão voltadas ao desenvolvimento regional. A universidade começou a transição para um modelo engajado, no qual o saber científico é compreendido como um direito democrático e plural. O suporte a grupos vulneráveis foi intensificado, prepa-



O desenvolvimento educacional se deu, também, por meio de um processo de ampliação, com a criação de diversos campi em cidades estratégicas do estado, além da implementação de laboratórios, incentivando a pesquisa, o ensino e a extensão

rando a instituição para as agendas de justiça social mais robustas que viriam a seguir. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão tornou-se o motor para solucionar problemas graves de saúde e educação no território paraibano. Esse compromisso social consolidou a legitimidade da universidade no estado.

A atual gestão de Célia Regina e Ivonildes Fonseca projeta a UEPB como referência em inovação e justiça social na terceira década do século. Destaca-se, entre outros processos, a implementação pioneira de cotas para pessoas trans e travestis, reforçando o combate sistemático ao racismo e às desigualdades. O suporte estudantil é robusto, com mais de 23 mil bolsas que garantem a permanência de jovens em situação de vulnerabilidade social. O Observatório do Feminicídio Brígida Lourenço exemplifica o compromisso ético da instituição com a proteção da vida e a dignidade humana. Esta liderança feminina une humanismo e tecnologia de forma indissociável. No campo da sustentabilidade, a UEPB alcançou a autossuficiência energética com a inauguração de seu parque solar, unindo economia e ecologia.

Inteligência climática

Aos 60 anos, a Universidade Estadual da Paraíba consolida-se como referência tecnocientífica, conectando sua produção acadêmica às agendas de desenvolvimento que moldam o presente e o futuro. Com 35 programas de pós-graduação, equilibra excelência científica e impacto social, transformando conhecimento em cidadania. A última avaliação da Capes elevou o conceito de oito programas, reafirmando sua relevância nacional.

A inovação é um eixo estruturante, com 189 ativos e 118 pedidos de patente. No *ranking* do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), figura entre as 50 mais inovadoras do Brasil. Esses resultados não significam assumir funções de governo ou mercado, mas oferecer ciência aplicada como suporte estratégico. A UEPB é parceira na construção de soluções coletivas.

A produção acadêmica é vasta e diversificada, com 12.497 artigos científicos que dialogam com diferentes áreas do saber. Com 7.496 livros e capítulos publicados, a instituição posiciona-se como a terceira maior força editorial do estado. A produção artística conecta 64 pesquisadores à cultura e à identidade, reafirmando o papel da universidade como guardiã da memória e da criatividade. Esses números refletem apenas 15 anos de pós-graduação consolidada, demonstrando a intensidade do crescimento institucional. A repercussão internacional é visível em *rankings* globais que destacam pesquisadores da UEPB. A Stanford University e a British Public Service Broadcaster (BBC) reconhecem nomes que enfrentam problemas críticos do mundo. A internacionalização “Sertão-Mundo” exporta cultura e importa so-

luções, ampliando o alcance da ciência paraibana.

Sob a liderança das reitoras Célia Regina Diniz e Ivonildes Fonseca, a UEPB projeta um futuro sustentável e inclusivo. O presente é definido por uma base científica fortalecida, capaz de integrar os objetivos de desenvolvimento sustentável à pesquisa e à gestão. Investimentos em infraestrutura e novos concursos para docentes ampliam a capacidade de inovação e ensino. O objetivo é construir uma sociedade mais justa, soberana e democrática. A universidade reafirma sua vocação de ser motor de transformação social.

Para os próximos 60 anos, a UEPB vincula sua produção tecnocientífica às agendas globais de inteligência climática e inteligência artificial. A proposta é converter a universidade em um *hub* de inovação

que integre automação e ciência para responder às vulnerabilidades do semiárido. Esse movimento exige reestruturação do pensamento acadêmico, onde a tecnologia é ferramenta de justiça ambiental. A saúde em contextos de crise climática será prioridade, antecipando respostas a novas patologias e emergências sanitárias derivadas do aquecimento global. Essa visão estratégica desdobra-se em um plano de desenvolvimento territorial robusto, que utiliza o conhecimento científico para reduzir desigualdades regionais.

A UEPB, com o seu sexagenário, não celebra apenas sua história, mas inaugura um novo ciclo de esperança e responsabilidade. Sua trajetória é marcada pela coragem de inovar e pela capacidade de transformar desafios em oportunidades.



Projeto assinado por Oscar Niemeyer, o Museu dos Três Pandeiros elevou o patamar artístico e arquitetônico da UEPB

Construindo saberes do Litoral ao Sertão

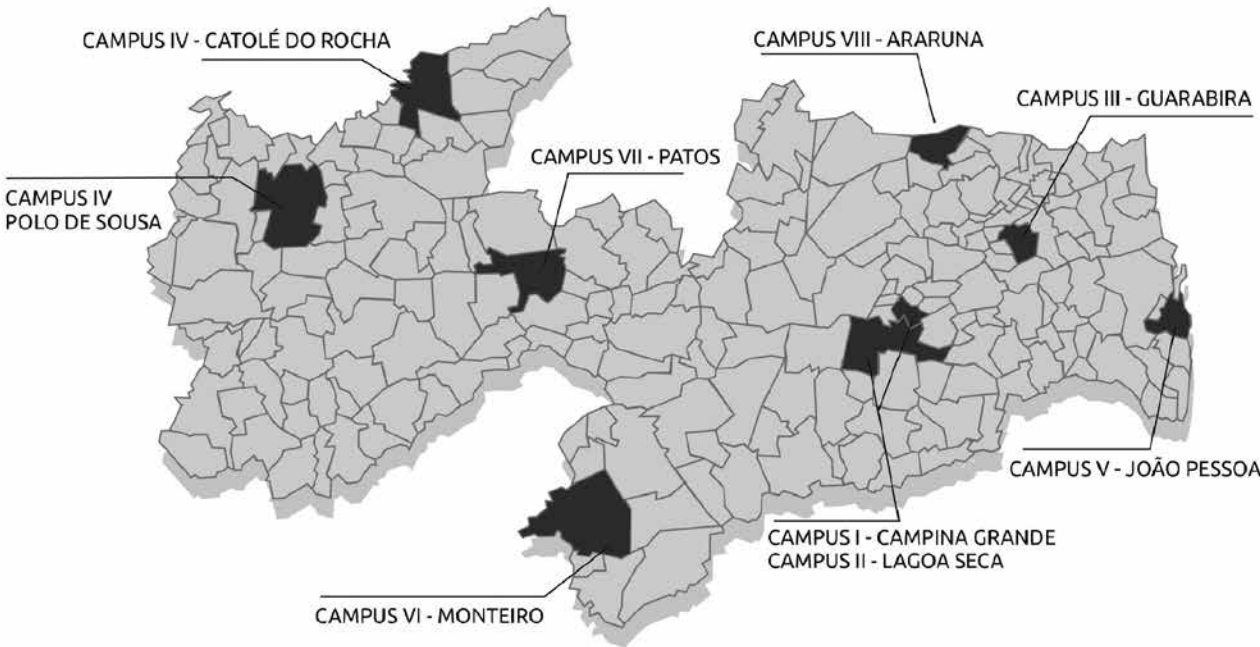


Gráfico: Relatório de Gestão 2021–2025

MARIA DA PENHA

Ações da patrulha crescem 264,7%

De janeiro a fevereiro, programa que acompanha vítimas de violência doméstica registrou 310 mulheres atendidas

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Mulheres vítimas de violência doméstica encontram cada vez mais apoio na Paraíba. Em todo o estado, o índice de atendimentos promovidos pelo Programa Integrado Patrulha Maria da Penha (PipMP) registrou um aumento de 264,7%. De janeiro a fevereiro deste ano, o serviço oferecido pela Secretaria de Estado das Mulheres e da Diversidade Humana (Semdh) contribuiu para garantir a segurança de 310 vítimas de agressão, enquanto, no mesmo período do ano passado, o órgão contabilizou 85 atendimentos.

“A violência que ocorre dentro dos lares ainda é subnotificada. Isso [o crescimento no número de atendimentos] não quer dizer que ela cresceu, mas que os registros aumentaram. Qual é o dado negativo? É quando as mulheres são assassinadas. Mas, quando elas buscam o serviço do PipMP, isso quer dizer que está havendo uma maior publicização, que há mais políticas públicas que fazem com que elas busquem a patrulha. Quer dizer que as mulheres estão buscando ajuda”, aponta a coordenadora estadual do projeto, Mônica Brandão.



Coordenadora estadual do PipMP, Mônica Brandão ressalta que as agressões ainda seguem subnotificadas, mas mais pessoas têm buscado amparo

Conforme os dados oficiais, das 37 vítimas de feminicídios ocorridos no estado, em 2025, apenas duas haviam entrado em contato com a rede de proteção — e a possibilidade de tornar-se parte dessas estatísticas é o

principal motivo para buscar auxílio, segundo a responsável pela patrulha. “Tivemos um mês de janeiro atípico. Não só janeiro; tivemos, de dezembro do ano passado a janeiro, uma maior procura das mulheres pelo serviço.

Isso também diz respeito aos números de feminicídios, ao medo desse escalonamento na violência”, avalia Mônica. Instituído em 2019, o programa surgiu de um Termo de Cooperação Técnica entre o Governo do Estado, a Se-

cretaria de Segurança e Defesa Social (Sesds) da Paraíba, o Tribunal de Justiça do estado (TJPB) e a Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do órgão judiciário. Ao todo, as ações da pa-

trulha abrangem 130 municípios e contam com núcleos especializados em João Pessoa, Guarabira, Campina Grande e Cajazeiras. Em janeiro deste ano, a iniciativa foi sancionada como política pública estadual.

Rede de apoio inclui advogados e psicólogos

Comandado, em nível estadual, pela major Gabriela Jácome, da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), o PipMP presta assistência a mulheres com idade a partir de 18 anos ou emancipadas, que tenham solicitado Medidas Protetivas de Urgência (MPU). Aquela que desejar acionar os serviços da patrulha é acolhida pela equipe responsável e acompanhada pela PMPB, que realiza rondas de monitoramento, a fim de fiscalizar o cumprimento da ordem judicial contra os acusados de agressão. A mulher contemplada também recebe um número de telefone sigiloso para contatar as autoridades em situações de emergência.

“Nesse caso, a comandante que estiver de plantão vai encaminhar uma viatura, para que possa ser feito o flagrante [contra o agressor], em decorrência de um eventual descumprimento de medida protetiva, ou para reorganizar a proteção dessa mulher. Nossa equipe multiprofissional contribui para que a vítima não só tenha a garantia da medida protetiva, mas para que ela saia desse contexto de violência e possa reescrever sua história. E, para isso, a gente precisa de olhares para além da segurança pública”, defende a coordenadora Mônica Brandão.

Além desse acompanhamento policial — que ocorre diuturnamente, 24 horas por dia, nos sete dias da semana —, a iniciativa disponibiliza consultas com advogados, assistentes so-



Rondas de monitoramento visam garantir o cumprimento das medidas protetivas

ciais e psicólogos, com o intuito de identificar as necessidades das vítimas e proporcionar uma maior independência — seja econômica, seja emocional —, para que elas retomem suas rotinas o mais saudável e normalmente possível.

De acordo com Mônica, muitas mulheres que são alvos desse tipo de crime não reconhecem os sinais típicos da agressão, tendo em vista que o ciclo da violência costuma desenvolver-se de maneira gradativa, evoluindo de ataques morais e psicológicos a investidas físicas e fatais. “A gente precisa estar atenta a tudo aquilo que incomoda, que se torna abusivo dentro de uma relação. ‘Se você não ficar comigo, não fica com mais ninguém’; ‘se você

se separar de mim, com quem vai ficar?’; ‘quem ficaria com uma mulher com três crianças?’; ‘quem ficaria com uma mulher desempregada?’ — essas coisas não chegam aos gritos. São formas de controlar e de manter a mulher dentro da relação abusiva, situações que ela não percebe e vai normalizando”, indica a coordenadora do PipMP.

Para Mônica, um sistema de proteção efetiva das mulheres paraibanas depende da aplicabilidade da lei. Medidas protetivas estabelecem um afastamento entre o acusado de agressão e a vítima, mas só levam à criminalização do alvo caso sejam descumpridas. “A gente precisa de uma maior efetividade na legislação. Eu não falo isso com

um olhar punitivista, porque a Lei Maria da Penha é uma lei educativa. Apesar disso, por vezes, nós temos uma ausência da aplicabilidade da forma correta. Nosso maior desafio, hoje, é fazer com que a legislação possa ser efetivada de modo a proteger todas as mulheres”, observa.

■ Além da assistência policial, iniciativa dedica-se a auxiliar as vítimas com assistência social e jurídica

Primeiro passo é quebrar o silêncio, diz coordenadora

Tanto quem sofre quanto quem testemunha um ato de violência contra a mulher pode realizar uma denúncia junto às autoridades. Ameaças, gritos, perseguições e outros comportamentos agressivos, pouco a pouco, incapacitam a vítima de liderar a própria vida. O primeiro passo, como lembra Mônica Brandão, é quebrar o silêncio.

“Tem algo que a gente precisa exercitar, que é o ‘não’. O lugar que foi dado para a gente, muitas vezes, foi um lugar de cuidado, de estar sempre disponível para cuidar de alguém. Neste mês de março, assim como em qualquer outro, precisamos olhar um pouco para nós mesmas, tentar enxergar o nosso redor, aquilo que nos incomoda, e buscar ajuda. Os dados nos trazem que nenhuma mulher sai de uma história de violência sozinha. Ela precisa do apoio de uma rede. E a gente precisa que elas acreditem em si mesmas, nas próprias ações, nesses serviços que estão disponíveis e que, rompendo esse silêncio, outras mulheres serão salvas. É isso que eu desejo a todas: que a gente possa viver, viver bem e viver livre de qualquer tipo de violência”, reforça a coordenadora do PipMP.

Para denunciar

Qualquer mulher que sofre violência e tem dúvidas acerca da situação pode procurar os serviços de acolhimento oferecidos pelos Centros de Referência estaduais

e municipais. Para formalizar uma denúncia, a vítima deve ir à delegacia local mais próxima, a uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam), à Defensoria Pública do estado (DPE-PB) ou ao Ministério Público (MPPB). Outra opção é acessar o aplicativo Maria da Penha Virtual ou a Delegacia Online, disponível no link <https://delegaciaonline.pc.pb.gov.br>.

Quem presenciar um episódio de violência contra a mulher deve acionar imediatamente o Disque 190, para que a PMPB possa reagir com celeridade contra o agressor. Se a violência já tiver sido cometida, informações sobre o caso podem ser comunicadas anonimamente ao Disque 197, da Polícia Civil da Paraíba (PCPB). O telefone 155, da Semdh, ainda pode ser utilizado, assim como o 180, da Central de Atendimento à Mulher, que abrange todo o território brasileiro.

Já para ser atendida pela PipMP, é necessário apresentar um documento que comprove a solicitação de medida protetiva. No Litoral, a sede do programa está localizada na Rua das Trincheiras, nº 221, no Centro de João Pessoa; enquanto, no Brejo, o núcleo ocupa a Rua Antônio Uchôa, nº 21, no Centro de Guarabira. Em Campina Grande, o serviço é sediado na Rua Coronel João Lourenço Porto, nº 179, no Centro; e, em Cajazeiras, na Rua Antônio Holanda, nº 356, também no Centro.

SALTOS E VOOS

Céus paraibanos atraem praticantes

Condições climáticas favoráveis e belas paisagens naturais chamam a atenção de turistas e esportistas de todo o mundo

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Há séculos, o sonho de deixar o chão por um momento e observar o mundo do alto acompanha a imaginação humana: de mitos antigos à execução de projetos de aviação, a ideia de voar atua como uma metáfora para a liberdade e um convite irrecusável para a aventura. Nos últimos anos, na Paraíba, atividades envolvendo veículos como parapente, paramotor e asa-delta, além dos saltos de paraquedas, vêm chamando cada vez mais atenção e atraindo turistas do mundo inteiro, graças à combinação de desafio pessoal, condições climáticas favoráveis e paisagens impressionantes — além de uma boa dose de adrenalina.

Dados do Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur) — sistema gerenciado, no estado, pela Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) — indicam que 171 agências de passeios e de viagens ativas na Paraíba informaram aptidão para atuar no segmento do turismo de aventura — 75 delas registradas em João Pessoa. Para esses negócios, o período mais movimentado do ano é o verão, de dezembro a janeiro, quando aumenta, no estado, o número de visitantes e de pessoas procurando por novas experiências.

Desde menino, o fotógrafo e piloto Rizemberg Felipe é fascinado pelas alturas. Ele conta que, enquanto brincava com pipas e aviões de papel na infância, sonhava que

era ele quem estava voando. “O paramotor foi a forma que encontrei de voar. Voo apenas por *hobby*, mas fui até o Rio de Janeiro fazer um curso, para pilotar com mais segurança. Ver a cidade do alto é fascinante, e voar é uma sensação mágica”. Segundo Rizemberg, sempre que sua pequena aeronave pousa, atrai uma série de curiosos, interessados na prática de esportes aéreos. “Acho que não tem nada que chame mais atenção do que alguém voando. Todo mundo se imagina desbravando os ares, pelo menos uma vez”, observa.

Entre os aventureiros, também está o aerodespor-



Foto: Daniel Eber/Arquivo Pessoal

Não tem nada que chame mais atenção do que alguém voando. Todo mundo se imagina desbravando os ares

Rizemberg Felipe



Foto: Douglas Silva/Arquivo pessoal

Para agências de passeios e viagens envolvidas com o turismo de aventura, na Paraíba, o período mais movimentado é o verão

tista Daniel Eber, que desbrava os céus paraibanos há mais de uma década. Para ele, tudo começou com um salto de paraquedas: a euforia de pular para a queda livre e, então, começar a flutuar, ganhou espaço no coração de Daniel, que resolveu procurar o curso de paraquedismo do Aeroclube José Targino Maranhão, em São Miguel de Taipu. Em 2013, ele tornou-se um paraquedista habilitado e, com o passar dos anos, foi ampliando o repertório: em 2016, voou de asa-delta; em 2018, de parapente. “Desde a primeira vez que saltei, não parei mais. Sempre que conhecia um esporte novo, procurava me capacitar para a prática dele também”, relata.

Hoje, o aerodesportista conduz experiências de parapente para pessoas interessadas em experimentar o voo livre. Segundo ele, do fim de novembro ao início de março, há sempre um crescimento na procura por esse tipo de atividade em João Pessoa, reflexo de uma maior quantidade de visitantes circulando pela capital. “João Pessoa tem uma vantagem para a prática de esportes que trabalham com o vento, como *kitesurf*, *windsurf* e o próprio parapente. O vento sopra em abundância o ano todo. Então nós, que praticamos esses esportes, vimos uma oportunidade de ganhar uma renda extra no verão e procuramos nos tornar instrutores certificados”, explica Daniel.

Registrado junto à Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), que regula a prática de esportes aéreos no Brasil, ele destaca que as praias de Jacarapé e do Sol, ao sul da cidade, são seus locais preferidos para voar de parapente: emoldurados por falésias, os dois lugares oferecem segurança, contato com a natureza e uma vista bonita. Já no caso do paramotor — uma aeronave ultraleve e motorizada, que permite decolagens em terrenos planos e voos independentes do vento (ao contrário do parapente, condicionado às correntes térmicas e morros para ganhar altitude) —, o aerodesportista aposta nas praias de Cabedelo e de Gramame, que costumam oferecer mais espaço

para decolagem e pouso. Daniel acredita que o aumento do interesse por esportes aéreos no estado está relacionado ao desenvolvimento da Paraíba como destino turístico de expressão nacional. No entanto, para consolidar o segmento, ele salienta a importância de se manter o rigor quanto à qualificação profissional das equipes envolvidas nessas atividades, ao uso de equipamentos certificados e à fiscalização das práticas. “Como tem havido essa inflação na procura, acho necessário que a gente se mantenha rígido em relação às regras e à segurança na área. João Pessoa é maravilhosa e tem tudo para ser um dos melhores lugares para a prática de voo”, conclui.

No Agreste, “Havaí do Voo Livre” já ajudou a registrar recordes

Embora o Litoral paraibano concentre uma grande parte de passeios e experiências turísticas, quando se fala em voo livre, é o Agreste do estado que ocupa uma posição de destaque. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), nos últimos anos, o turismo de aventura tem se fortalecido de maneira diversificada na região. Localizada na microrregião do Curimatá, a cidade de Araruna sobressai-se como exemplo de variedade. “No município, é possível fazer rapel, escalada, trilhas, *trekking* e voar de asa-delta ou parapente. Araruna, inclusive, é considerada um dos melhores lugares do mundo para praticar voos esportivos de longa distância”, detalha a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim.

Entre Araruna e a cidade de Tacima, existe uma rampa natural que tem chamado cada vez mais atenção de pilotos de asa-delta e parapente. O ponto, conhecido por ventos fortes, umidade e relevo montanhoso, rendeu aos dois municípios o apelido de “Havaí do Voo Livre”. Segundo o secretário de Turismo de Araruna, Ricardo Câmara, “brasileiros de vários estados e turistas estrangeiros vindos, principalmente, da Europa



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Araruna

Araruna é popular entre adeptos de asa-delta

costumam movimentar a região, especialmente nos meses de setembro a outubro. Essas pessoas geralmente ficam de 15 a 30 dias no local, mas a atividade que desempenham é mais profissional, e não necessariamente voltada para a recreação”.

Ricardo ressalta, ainda, que a Prefeitura de Araruna tem procurado formas de apoiar o desenvolvimento dessas modalidades de esporte. “Pensando em oferecer mais segurança para todos, há pouco, nós ofertamos um



Rampa natural da região recebe brasileiros e estrangeiros

curso de primeiros socorros para condutores de trilha, rapel, instrutores de voo livre e outros. Fizemos, tam-

bém, um curso de condução. E, além disso, temos investido na divulgação e na sinalização para turistas”, pontua.

A região ganhou relevância no segmento devido às suas condições topográficas e climáticas, consideradas ideais para a prática de parapente e asa-delta: planícies extensas, ventos constantes, boa visibilidade e correntes térmicas favoráveis. Somadas às habilidades dos pilotos, essas qualidades ajudaram a marcar recordes mundiais: em 2016, um trio de brasileiros — Samuel Nascimento, Donizete Lemos e Rafael Saladini — conseguiu voar 564 km de parapente em quase 12 horas, pousando no Ceará. Em 2019, decolando da rampa de Tacima, eles elevaram o patamar, voando 588,27 km em 11 horas. O recorde foi superado em 2021, quando o norte-americano Sébastien Kayrouz percorreu 613 km no Texas (EUA), mas o território paraibano ficou marcado como uma potência para a modalidade.

Evento internacional

No caminho para se consagrar, internacionalmente, como um estado propício para esportes aéreos de voo livre, a Paraíba sediará a edição de 2027 da Copa Mundial de Paraquedismo. O evento, organizado pela International Skydiving Commission (ISC), reunirá atletas de mais de 50 países, no mês de agosto do próximo ano.

Estado sediará a edição de 2027 da Copa Mundial de Paraquedismo, que reunirá atletas de mais de 50 países

TELEVISÃO

Sob as águas de Coremas

O Canal Brasil começa a exibir na próxima quinta a minissérie documental Navio do Sertão, sobre comunidades quilombolas da região

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Uma história escondida sob as águas do Sertão paraibano vem à tona em uma produção audiovisual que reúne memória, território e cultura popular. A minissérie documental *Navio do Sertão*, que estreia na próxima quinta-feira (19), no Canal Brasil, revisita a trajetória de comunidades quilombolas de Coremas e resgata lembranças ligadas a uma antiga localidade que desapareceu após a construção do açude da cidade. A produção de quatro episódios, transmitida em formato de maratona, será ainda reprisada nos dias 20 e 23 — posteriormente, também deverá integrar o catálogo de *streaming* da plataforma Globoplay.

O projeto conta com relatos de 28 personagens, entre moradores e lideranças quilombolas da região, reconstruindo episódios da formação social e territorial da área a partir de memórias orais e experiências coletivas. A ideia da série surgiu a partir de um trabalho anterior realizado com três comunidades quilombolas de Coremas. A antropóloga e pesquisadora Patrícia Pinheiro — responsável pela dire-

ção da obra — conta que o contato com os moradores começou durante uma parceria entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e as comunidades locais.

Cursando à época um pós-doutorado na UFPB, Patrícia foi procurada por lideranças que buscavam apoio institucional diante de conflitos envolvendo a posse de terras. “Eles estavam muito preocupados com a questão do território”, diz ela. “É uma situação de muita vulnerabilidade e muita luta também. Essa é a parte bonita, sabe? Que eles não desistem de lutar pelo território, pelas raízes, pelas tradições. E, aí, nos procuraram porque eles estavam com risco de invasões, principalmente no território”.

Uma das três localidades, a comunidade quilombola de Santa Tereza, também conhecida como Cruz da Tereza, está situada em área de expansão urbana e ainda não possui reconhecimento oficial do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). De acordo com Patrícia, a ausência de regularização tem exposto o território à especulação imobiliária e a tentativas de ocupação.

O contato com os moradores resultou em atividades de pesquisa e extensão universitária, desenvolvidas em parceria com a também pesquisadora Aline Paixão. As duas participaram da criação do projeto de extensão “Histórias de Quilombo”, iniciativa que reúne ações acadêmicas e culturais voltadas à valorização das comunidades qui-

lombolas da região.

Foi durante uma dessas visitas que o núcleo temático originário da minissérie sobreveio. Ao se deslocar de barco para a comunidade de Barreiras, outra localidade quilombola da região, a equipe ouviu de um morador uma informação que despertou curiosidade. “Quando a gente atravessa de barco, o seu Zé Pequeno fala: ‘Aqui tem um navio’. Eu perguntei: ‘Como assim?’. ‘Aqui era o Navio, era a comunidade do Navio, e ele está aqui debaixo dessa água ainda, do açude de Coremas’”, ela conta.

História submersa

O relato de seu Zé Pequeno levou a equipe a investigar a história da antiga comunidade, que foi inundada com a construção do açude de Coremas. A região, segundo moradores, era um vale fértil, com abundância de água, fator que motivou a escolha do local para a implantação da obra hidráulica.

A partir desse episódio, a equipe passou a reunir depoimentos e relatos sobre a vida na região antes e depois da formação do reservatório. Segundo a diretora, o material coletado revelou histórias de trabalho e participação de moradores na construção do açude e de outras infraestruturas locais.

“Muitos trabalhos para construir o que é o Sertão hoje. Seja nessas obras públicas, seja em obras dentro das fazendas. Eles iam fazer açude dentro das fazendas, pago pelo Estado. Trabalharam de uma maneira muito precária dentro das fazendas também”, afirma.

O documentário então buscou transformar essas lembranças em registros audiovisuais capazes de preservar parte da história da região por meio da oralidade. E, embora trate de episódios marcados

por dificuldades sociais e disputas territoriais, a série também procura apresentar aspectos culturais e cotidianos das comunidades. Patrícia explica que esse direcionamento, de evitar uma abordagem centrada exclusivamente nos conflitos, foi perseguido durante todo o processo.

“As dificuldades existem, mas essas dificuldades não é só o que define as pessoas. O que define elas é o conhecimento, o saber, a beleza, a alegria, o forró, o pé de serra. Então, nesse documentário a gente quis equilibrar muito também. De não mostrar só uma história de peso e de tristeza”, reitera. “Quando a gente chega lá para o São João, que acontece tradicionalmente todo ano, é muita alegria. É uma festa muito bonita”.

Escolhida para permitir uma abordagem mais detalhada das histórias individuais e coletivas, a montagem da estrutura em formato de minissérie exigiu meses de trabalho para equilibrar o número de personagens e organizar a narrativa. “Foi um grande desafio pensar como apresentar essas pessoas sem transformar a série apenas em uma sequência de apresentações”.

Cada episódio aborda aspectos específicos da história das comunidades, incluindo relatos pessoais, memórias da formação dos territórios e questões atuais relacionadas às reivindicações por direitos. Uma dessas iniciativas é uma organização educacional mantida por moradores em um dos territórios quilombolas, entidade que atende cerca de 150 crianças e funciona com participação direta da comunidade.

No capítulo final, a série amplia o foco para discutir temas con-

temporâneos enfrentados pelas comunidades — entre eles, estão o racismo, a luta pela regularização fundiária, o acesso à educação e a manutenção de iniciativas comunitárias. “A questão da terra ainda não está totalmente resolvida. É uma luta que muitas outras comunidades podem reconhecer”, lembra a pesquisadora, que diz sempre ter feito “cinema de guerrilha”.

“E outra coisa, esse engajamento não foi só da equipe que veio de fora de Coremas, foi de dentro de Coremas. Então deu um outro olhar para o filme, porque os próprios quilombolas estavam dentro do filme”, atesta. “Não só como entrevistados, mas como guias, como quem escolhia quem ia ser entrevistado, quem escolhia onde que a gente ia... essas decisões foram tomadas juntas; a gente foi construindo juntos esse trabalho, e isso fez toda a diferença, porque eles nos guiavam e a gente vinha com o trabalho técnico”.

Atualmente, Patrícia é professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em Foz do Iguaçu. Natural de Porto Alegre, ela viveu cerca de oito anos em João Pessoa, período em que desenvolveu parte de sua pesquisa acadêmica na UFPB. Com a estreia de *Navio do Sertão*, que contou com apoio financeiro da Lei Paulo Gustavo, a equipe também avalia a possibilidade de desenvolver novos projetos a partir do material coletado durante as filmagens, já que parte das gravações não foi utilizada na versão final da série. “Tem muito material ainda que pode virar um filme no futuro”, adianta.



Patrícia Pinheiro (de boné, na foto ao lado), diretora da obra, é antropóloga e morou durante oito anos em João Pessoa

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O corpo da moral

Seguir uma regra moral diz muito mais sobre a pessoa do que sobre a própria regra moral. Em geral, a recompensa por seguir regras é o compartilhamento de um carisma coletivo. O prestígio de fazer parte da “boa sociedade”. A sujeição à determinada regra moral é também uma sujeição a padrões de sensibilidade. Quando dizemos “não matarás” ou “é pecado roubar” certas emoções são imediatamente acionadas. Elas estão ligadas a esquemas interpretativos do mundo e a regras de sentimento. Como dizia a socióloga israelense Eva Illouz: é por conter uma carga demasiadamente grande de cultura que os afetos são elementos pré-reflexivos da ação. Os arranjos sociais e os valores morais são permeados de afeto.

As regras morais tendem a desempenhar um importante efeito integrador, reforçando a crença no pertencimento a uma comunidade virtuosa. Por ameaçar essa ordem moral e simbólica, o comportamento desviante é um perigo a ser neutralizado. O que justificaria a existência de sistemas de vigilância e punições. Podemos entender o porquê de o comportamento desviante muitas vezes redundar em estigmas, na exclusão social e no descrédito moral.

Todo e qualquer grupo social possui regras e meios específicos para impô-las. Não há garantia, porém, que desacordos não ocorram no menor e mais coeso deles. Estes costumam ser mais comuns em encontros sociais, quando indivíduos se veem diante uns dos outros. Os grupos sociais não dei-

xam de existir quando indivíduos que o compõe não estão presentes; é imprescindível que possuam interações regulares e que seus membros compartilhem uma ideia comum de “nós”. Interações entre indivíduos de um mesmo grupo são diferentes daquelas que acontecem em encontros entre estranhos, sobretudo quando usam padrões rituais distintos — o que é a receita certa para criar erros de entendimento.

Os indivíduos envolvidos em interações face a face são levados a demonstrar que compreendem perfeitamente a linguagem recomendada àquele tipo de situação social, os códigos morais correlacionados e que são capazes de manter o autocontrole. Eles estão sujeitos a embaraços e constrangimentos dos mais variados, especialmente ao agirem de modo desviante.

O sociólogo inglês Anthony Giddens observou que as regras que orientam os comportamentos em relações de copresença têm particularidades importantes. Em primeiro lugar, nas interações face a face a subjetividade e os estados emocionais são menos latentes. Isso aconteceria porque, nessas situações, as informações que transmitimos uns aos outros são corporificadas. O corpo é elemento fundamental e o principal “suporte” dessa linguagem. São raríssimas as oportunidades na qual a linguagem corporal é expressa em perspectiva unilateral, como quando pessoas são espionadas ou quando pesquisadores

analisam comportamentos individuais recorrendo ao uso de salas ocultas.

Essas ideias me fazem lembrar como Charles Taylor foi além ao pensar a compreensão da realidade com base na corporificação. É uma ideia bastante interessante que quero compartilhar com vocês e que acredito ser útil ao debate. Consiste em não limitar o papel desempenhado pelo corpo a simples execução de tarefas ou vê-lo como a dimensão na qual processos causais formariam as representações sociais. Vou tentar ser mais claro: antes de qualquer coisa, a compreensão que temos do mundo é corporificada — ao mesmo tempo em que expressa traços cognitivos, semânticos e morais. Os movimentos corporais envolvem unidades de sentindo que codificam o entendimento do “eu” e do mundo.

A obediência a uma regra séria, antes de tudo, uma questão de prática, na maioria das vezes ritualizada. Boa parte de nossa ação no mundo não é abertamente formulada, mesmo que a realidade seja moldada por representações. Daí, a insistência na ideia de que as representações não são o *locus* primário da compreensão. O sentido de “mim” e a maneira como “atuo” para outras pessoas também são corporificados: como os signos de respeito, deferência e porte expressos em encontros sociais; quando mantemos distância de certas pessoas e em intercâmbios de fala e esperamos o momento adequado para exprimir verbalmente nossos pensamentos.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Inferno da pedra

Vez em quando eu mando uma pessoa para o “Inferno da pedra”, expressão que minha mãe dizia e eu achava engraçado, sem saber que intuito tinha e onde ficava o tal Inferno da pedra.

Mandar uma pessoa para o Inferno é legal, natural e que tudo mais vá para o Céu encontrar com as virgens (do paraíso islâmico), porque o Inferno é aqui, e eu não sou o homem-bomba.

“Inferno da pedra” refere-se à “porta do Inferno” em Cesareia de Filipe, um local arqueológico associado a cultos pagãos antigos, incluindo o deus Pã. Jesus mencionou que as “portas do Inferno” não prevaleceriam contra a Igreja, usando a caverna física como metáfora para o poder do mal ou da morte. Céus... e o poder que não pode.

O inferno dos enfermos em ziguezague, em que estamos vivendo, não é nada além do que estamos assistindo — tapa na cara do demo Vorcaro, o vocacionado dos golpes que envolvem os cãesinhos super-poderes, sentados em suas poltronas antigas, e ainda reza a advertência: “Não-me-toque”.

Os diabinhos somos nós, além da sorte (minha) de ter como protetor São Bento, que Ele afaste o dragão desse “negócio” chamado Brasil. E não cessam os elogios e babados — em princípio, não acredito que existe um inferno maior do que estamos. É muito roubo, muita mutreta, muito tiro a queima roupa, muitas mulheres assassinadas, e a fome canina.

E nós com isso? Ora, mandar uma pessoa para o inferno é tudo de bom, ir com ela é outra coisa. Até os mestres empurram os discípulos para o Inferno, com o pescoço curvado em vênica. Em princípio, não nos deve interessar quem não se apresentar em vênica, mas não temos saída, roubaram até o portão do inferno. Aliás, onde andará o “Porteiro do Inferno”, de Jackson Ribeiro?

A estrada que havia se estreitado pós-pandemia, se alargou de novo. Nada vai trazer de volta os anos dourados. Saímos para trabalhar, mas hoje não temos a certeza de que voltaremos. Ô, Inferno pra ter cão!

Vamos voar no céu de brigadeiro? Que nada. Planejamos uma fuga do galinheiro, aos primeiros acordes de uma banda infernal, (a boa sacada que veio de Nando Reis), para não sermos convidados a tibungar nos caldeirões, e ficamos observando as consequências atrás de grossas cortinas de fumaças, que o dono mandou comprar na terra do Tio Sam. Doideira, né?

Até no inferno tem gente colada nos diabinhos *VIPs*, longe da “queima de arquivo” e os bestas morrendo de graça: para a diretoria-geral do inferninho todos tem que passar pelas chamas (não me chama, viu?). Todos mascarados, descarados, eu usando a máscara da escritora russa Ayn Rand, que defendeu a razão como o único meio de adquirir conhecimento. Os pessimistas do inferno daqui podem estar certos: ninguém sairá de lá e as filas são intermináveis. Será que estamos todos no Inferno, mesmo? Você também? Será que vamos ser apenas uns pobres cães de cabelos grisalhos, fazendo papel de figurantes tristes? *Dio, como te amo*.

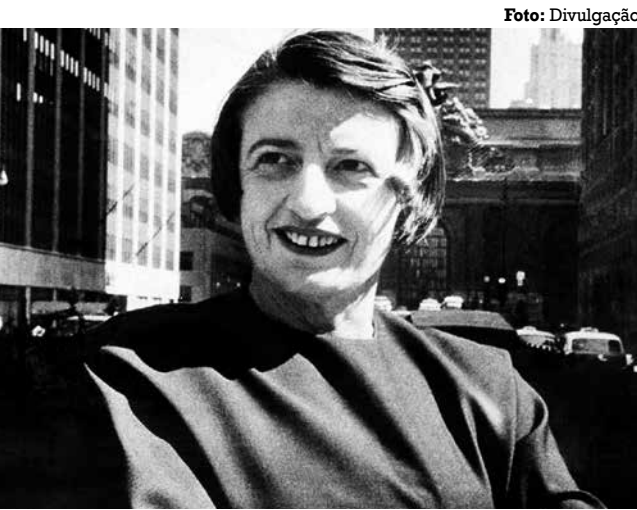
Fantástica as cenas dos idiotas servindo cervejas quentes, no fundo do pavilhão do Inferno, mas só para os senhores do conselho. Muita gente doente no inferno e as farmácias cheias de remédios para dormir e acordar. Você já sabia disso, né?

Nessa caldeirada, eu fico com Ayn Rand — sentir pena dos culpados, é trair os inocentes.

Kapetadas

1 – Vocês estão muito emocionados, tem crônica de jornal sendo escrita por *IA* há tempos (falei e sai correndo). Muitas colunas melhoraram bastante.

2 – Como disse Camus, ali na última página d’*O estrangeiro*, é como se a cólera tivesse esvaziado a esperança, me abri à tema indiferença do mundo. Não quero com isso dizer que a saída é se alienar, mas dar um tempo para a mente [d]esgarçada se recuperar é preciso.



Ayn Rand: razão como o único meio de adquirir conhecimento

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Corpo, sensibilidade e conhecimento

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908–1961), em sua obra *Fenomenologia da percepção*, publicada em 1945, desenvolve uma crítica à concepção positivista da percepção, propondo uma nova compreensão fundamentada na fenomenologia e na experiência do corpo. Para o positivismo científico, a percepção é entendida como um processo distinto da sensação, embora ambas se relacionem por meio de uma cadeia causal de estímulo e resposta. Nessa perspectiva, a percepção seria o ato pelo qual a consciência apreende um objeto a partir de dados sensoriais previamente recebidos pelos sentidos. Merleau-Ponty questiona essa visão ao demonstrar que ela reduz a experiência perceptiva a um mecanismo fragmentado, incapaz de explicar a complexidade da relação entre o ser humano e o mundo.

Além disso, o objeto percebido é apreendido de modo parcial, interpretativo e provisório. Diante disso, Merleau-Ponty integra também a estética em sua reflexão. Ele considera que a obra de arte moderna oferece um acesso privilegiado à experiência perceptiva, pois revela o modo como o mundo aparece ao olhar humano antes de ser transformado em conceito. Assim, o sensível, marcado por ambiguidades e tensões, torna-se um elemento fundamental para compreender a percepção. A sua fenomenologia propõe que a percepção seja entendida como um acontecimento corporal. Para compreender essa tese, deve-se considerar que a sensação se manifesta sempre em relação ao movimento e à atitude do corpo. Dessa forma, a percepção emerge da interação dinâmica entre corpo e mundo.

Para Merleau-Ponty, o corpo é um sujeito vivido, que participa ativamente da construção de sentido. A percepção, portanto, é uma experiência existencial que se realiza através da corporeidade, na qual o movimento desempenha uma função determinante nesse processo. Segundo Merleau-Ponty, cada objeto percebido estimula determinados gestos e ações, revelan-



Merleau-Ponty: percepção sinestésica

do possibilidades de interação. Assim, a percepção participa ativamente da realidade que se apresenta. Outro aspecto importante da teoria merleau-pontyana é a ideia de percepção sinestésica. Na experiência cotidiana, os sentidos funcionam de forma integrada. O ver, o ouvir, o tocar e o mover-se participam de um mesmo campo perceptivo. No entanto, segundo o filósofo, o pensamento científico moderno, muitas vezes, obscurece essa experiência originária ao reduzir a percepção a processos fisiológicos ou a explicações racionais. Desse modo, os sujeitos estão desaprendendo a perceber o mundo através do corpo.

A fenomenologia busca recuperar essa dimensão originária da experiência. Ao enfatizar a corporeidade, Merleau-Ponty também amplia a compreensão do sujeito no processo de conhecimento. Ele (o corpo) torna-se um observador encarnado que vive no tempo, na cultura e nas relações sociais, e a sua percepção está articulada à própria historicidade, à afetividade e ao encontro com o outro. Essas reflexões também aparecem em sua obra

posterior, *O visível e o invisível*, publicada em 1964, na qual Merleau-Ponty defende a ideia de que a percepção nasce no interior da própria experiência corporal. Antes de qualquer teoria científica sobre o corpo, existe a vivência direta da carne, isto é, da condição sensível que liga o sujeito ao mundo. A percepção, portanto, origina-se na própria experiência encarnada do sujeito. Nessa perspectiva, o sentido dos acontecimentos está na relação viva entre corpo e mundo. Nisso, a percepção envolve sempre uma indeterminação e abertura, pois o significado das coisas emerge no processo de interação entre o que é dado e o que é evocado pela experiência. O filósofo da fenomenologia também destaca que a arte, especialmente a pintura, a poesia e o cinema, revelam dimensões da experiência que escapam às explicações científicas tradicionais. Nas obras de arte, o mundo aparece como um acontecimento em constante transformação. O artista capta o movimento, a vibração e a instabilidade do visível, mostrando que a percepção é sempre um processo aberto.

A filosofia de Maurice Merleau-Ponty propõe uma compreensão fenomenológica fundamentada no corpo, no movimento e na experiência vivida. Essa tese oferece uma nova compreensão da relação entre o ser humano e o mundo. Ela continua influenciando diversas áreas do conhecimento contemporâneo, incluindo estudos em biologia, cognição e filosofia da mente, enfatizando a inseparabilidade entre percepção, corpo e conhecimento.

Sinta-se convidado à audição do 559º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 15 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei alguns tangos do bandoneonista e compositor argentino Astor Piazzolla (1921–1992), nos quais o corpo humano se manifesta como uma arte viva.

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

O Oscar 2026 e o cinema brasileiro

A grande festa do Oscar de 2026 acontece neste domingo, pontualmente, às 21h (horário de Brasília), no tradicional Teatro Dolby, em Los Angeles, Estados Unidos, revelando os premiados nas diversas categorias, inclusive de Melhor Filme Internacional, na qual se destaca a indicação do filme brasileiro *O agente secreto*.

Com um setor de produção hoje bem aquecido, a nossa cinematografia tem se mostrado vasta e esbanja capacidade e representatividade, porque cabe também às instituições culturais e de direitos formais, no que tange à geração dos mercados e de exibição. Isso, sempre com respaldo jurídico, normativo, objetivo, empreendedor, que funcione realmente em toda rede exibidora, dando ao cinema nacional o lugar de destaque e de maior espaço dentro do seu próprio país.

Contudo, ainda existem restrições à distribuição de filmes no Brasil. A tão elogiada cota de tela da Ancine, com base no Decreto nº 8, reeditado em dezembro de 2013, que determina limitações de dias para a exibição do filme nacional por salas brasileiras, de certo modo, proporcionava a circulação do cinema em nosso território. E, quando afirmo ser importante a estratégia de mercado para fora do país, principalmente os Estados Unidos, para se conseguir aquele algo mais respeitoso ao nosso cinema, não estou blefando, não.



Wagner Moura (C), em *O agente secreto*: filme concorre hoje a quatro Oscars da Academia

Esse é um fato que vem acontecendo realmente, menos com *O agente secreto*. Um filme que tem ganhado a confiança dentro e fora do seu país de origem, inclusive premiado em festivais do exterior onde vem sendo exibido. Resultado que, para o cinema brasileiro, é extremamente importante; até, economicamente.

Assistindo ao filme *O agente secreto*, de Kleber Mendonça (assunto que comentei semanas atrás nesta coluna), vejo que a marca do bom cinema ainda prevalece. Isso porque alguns posicionamentos usados no filme sobre a ques-

tão da linguagem, a partir de uma bem cuidada “representação” histórica, existem na obra de Kleber — razão do seu reconhecimento pela crítica especializada, sucesso de avaliação e premiação pelo mundo afora.

Ganhador do Globo de Ouro na categoria de Melhor Filme Internacional, representando o Brasil em recente festival de cinema nos EUA, deu ao ator Wagner Moura o prêmio de Melhor Ator. Detalhe: com presença honrosa e numerosa de atores paraibanos no elenco do filme. – Mais “Coisas de Cinema”, em: www.alex santos.com.br



APC: o Oscar em debate

Com a participação da Academia Paraibana de Cinema (APC), a Parahyba FM e a Livraria A União promoveram um encontro nesta semana e bate-papo com jornalistas, críticos, artistas e acadêmicos, que fazem e gostam de cinema. O tema foi trazer a opinião sobre o Oscar 2026.

O encontro ocorreu na quinta-feira passada, às 19h, no Auditório 1 da Funescc no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa. Ocasão em que houve sorteio de livros de cinema e muita diversão. Integrantes da APC estiveram presentes.

MÚSICA

Nordeste é segunda região com mais festivais

Danilo Casaletti
Agência Estado

A terceira edição do Panorama Mapa do Festivais, estudo anual sobre os festivais de música no Brasil, realizado pela plataforma de conteúdo e dados Mapa dos Festivais, revelou os 10 artistas brasileiros mais procurados pelos festivais em 2025. Os dados foram apresentados na quarta-feira (11), em São Paulo. O Nordeste aparece como a segunda região com mais festivais.

De acordo com o estudo, foram escalados 3.073 artistas para festivais no ano passado, 24% a mais em comparação a 2024. O grupo Menos é Mais

foi o campeão pelo segundo ano consecutivo. A banda esteve em 22 festivais em 2025, em 14 estados. Isso levou ao aumento da procura pelas músicas da banda em 74,4% na plataforma Deezer, parceira da pesquisa Mapa dos Festivais.

O top 10 de artistas que mais se apresentaram em festivais em 2025 segue, nessa ordem, com Duquesa, Péricles, Sorriso Maroto, BaianaSystem, BK, Nando Reis, Belo, Liniker e Matuê. O mapa mostra que 50% deles estavam entre os 10 mais escalados em 2024, o que demonstra uma crise na procura por *headliners* brasileiros.

A pesquisa também aponta a consolidação e a estabilização do mercado: em 2025, foram mapeados 366 festivais, 20% a mais em relação a 2023 e menos de 1% a mais que 2024. Desse total, 65 deles eram estreantes e 41 em segunda edição. Os festivais de pequeno porte, para até 15 mil pessoas, representam 80% dos eventos.

A Região Sudeste segue sendo a “casa” dos festivais, abrigando 200 deles, ou seja, mais de 50% dos eventos realizados. Em segundo lugar, está o Nordeste, com 68. A lista segue com o Sul (46), Centro-Oeste (34) e Norte (18).

Cada região tem sua caracte-

terística. Entre os festivais de música eletrônica, 75% ocorrem no Sudeste. No Sul, a prevalência é por *jazz* e *blues*. Na Região Norte, há prevalência de artistas mulheres e trans. No Nordeste, a concentração das apresentações está na Bahia e em Pernambuco.

A pesquisa considera que um festival de música precisa ter cinco artistas com repertório próprio em seu *line-up* e infraestrutura para receber o público.

Neste ano, o Mapa, pela primeira vez, trouxe dados sobre as turnês internacionais realizadas no país em 2025. Foram feitas 169 no Brasil. Dos artistas, 50% são de *rock*.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Piauí e poesia

Leio e sublinho alguns versos de Rogério Newton, no livro *Bem-aventurânsias* (Cotia: Uratau), e de José Elielton de Souza, em *Malinação* (São Paulo: Primata), os dois, de 2025. Ambas as coletâneas foram lançadas recentemente na Livraria A União. Ambos os autores são do Piauí, terra de poetas de fina estirpe, a exemplo de H. Dobal, Félix Pacheco, Mario Faustino, Paulo Machado, Torquato Neto e tantos outros.

Rogério Newton tem mais estrada e conta, no seu currículo literário, com alguns títulos no campo da poesia, da crônica e do ensaio, num total de 11 livros publicados. José Elielton de Souza, por sua vez, bem mais jovem, faz a sua estreia em livro, embora já tenha participado de algumas antologias e escrito um volume de ensaios, *Do centro da margem: invenções contemporâneas deste lado de cá do mundo*, de 2024.

Rogério Newton divide seus poemas em três seções (“Bem”, “Aventura” e “Ânsias”), numa edição que define bem o núcleo temático de sua dicção poética. Diria que sua versificação prima, a princípio, pelo cuidado e pelo labor diante do corpo da palavra. Ao bem, ou bens, juntam-se a aventura e as ânsias, estabelecendo a substância motivadora do lirismo, em tudo preciso, medido, contido, acabado. Ao ingrediente objetivo de certas imagens que recorrem nos textos, associam-se os fatores subjetivos da fala, por meio dos quais pode-se tocar a sutileza da sensibilidade poética na apreensão das coisas e dos sentimentos do mundo.

A escrita privilegia o silêncio, evoca a infância, repassa leituras, pensa o poético, testemunha o espanto e a dor existenciais. O tempo e a morte se fazem presentes enquanto instâncias decisivas do processo criativo e insumos inadiáveis de certa visão de mundo. A natureza também se insinua em passagens quase eufóricas, não fora o sentido de controle emotivo que parece presidir o ato de criação. “O silêncio dentro e acima das formas/faz até os pássaros emudecerem// a madrugada chegou / estou desperto e não sonho”.

Na metapoesia, o poeta se esmera à maneira de um ourives atento à delicadeza dos materiais utilizados, para fazer as peças brilharem com um ouro especial. Lendo o poema da página 31, confirmo o privilégio dessa sensação, senão vejamos:

“no momento em que escrevo
o bico da caneta aponta o papel
e quatro dedos para mim

no momento em que escrevo
penso horrores no jardim
que não é mais do éden

no momento em que escrevo
palavras saem da caneta e cai
pó das estrelas sobre mim”

Eis a marca essencial do registro em sua voz. A poesia como captação do imperceptível e como lição de coisas, atos, fenômenos, num permanente exercício de luz e sombra que move a vida.

Em *Malinação*, José Elielton de Souza como que se dispõe, em lúdicas travessuras vocabulares, a inscrever a natureza, a fauna e a flora dos longes rurais na pauta mágica da dimensão poética. Aprecio, em seu ofício face aos sortilégios da palavra, sobretudo, os poemas curtos, embora muito me agrade o élan politemático de “profecias”, texto que fecha o livro.

“Ofícios”, poema que abre a coletânea, assume a posição de profissão de fé e esclarece, de saída, certo tom e certa perspectiva que vão gerenciar a maneira de compor desse jovem poeta. Vejam-se os versos: “Teimar com a beleza/ à beira do abismo/ eis o (meu) ofício”. Nesta mesma linhagem do mínimo, em que o autor se realiza melhor, valem alguns poemas pelo sentido de economia verbal e pelo viés estético que ostentam na sua sutileza e densidade. Eis alguns deles: “Genealogia”, “Eclipse”, “Demiurgias”, “A ordem das formigas”, “Maçã”, “As luzes” e “Produto interno bruto”.

Dois poetas, duas gerações, num encontro que renova a tradição poética do Piauí, revelando, também, as vastas latitudes da poesia brasileira contemporânea.



Foto: Divulgação

CINEMA

Timothee Chalamet deve ver esses filmes

Lista é sugestão para ator se informar melhor sobre o mundo do balé e da ópera, após entrevista polêmica

Laysa Zanetti
Agência Estado

Timothee Chalamet, ator indicado ao Oscar por *Marty supreme*, entrou em uma po- lêmica após fazer comentá- rios que geraram revolta so- bre apresentações de balé e ópera. O astro de 30 anos afir- mou, durante um evento, que não gostaria de trabalhar com as duas formas de arte que, se- gundo ele, seriam desinter- santes para o público.

“Eu não quero trabalhar com balé ou ópera, ou coisas que são tipo: ‘Ei, mantenha essa coisa viva, mesmo que ninguém mais se importe com isso’”, disse, em evento promo- vido pela *Variety* e pela CNN.

As falas, que podem ter

respingado na campanha do astro ao Oscar de Melhor Ator, ecoaram negativamente. Di- versos artistas, bailarinos e or- ganizações responsáveis por apresentações teatrais respon- deram à fala, alguns até mes- mo convidando Chalamet a

conferir de perto seus espe- táculos.

Por isso, reunimos uma lis- ta com filmes cujas histórias envolvem ópera e balé, para o ator assistir e conhecer me- lhor a vida de bailarinos e can- tores líricos.



Foto: Divulgação/Fox

CISNE NEGRO (2010)
O terror psicológico de Darren Aronofsky, que rendeu um Oscar de Melhor Atriz para Natalie Portman, traz o mundo competitivo das escolas de balé para o centro da história, em que Nina (Portman) e Lily (Mila Kunis) disputam a atenção do diretor artístico Thomas (Vincent Cassel) pelo papel principal na montagem de *Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky. **Onde assistir:** Disney+



Foto: Divulgação/Warner

AMADEUS (1984)
O vencedor de oito Oscars, incluindo Melhor Filme, Diretor e Ator, conta a vida e as atribulações de Wolfgang Amadeus Mozart (Tom Hulce), segundo o compositor italiano Antonio Salieri (F. Murray Abraham), contemporâneo que sempre teve ciúmes da popularidade do austríaco e que alegava tê-lo matado. **Onde assistir:** disponível para aluguel digital.



Foto: Divulgação/Universal

BILLY ELLIOT (2000)
O filme emocionante de Stephen Daldry e Lee Hall conta a história de Billy (Jamie Bell), um jovem de 11 anos dono de um talento natural para a dança que, para seguir seu sonho e se tornar um verdadeiro talento, precisa da aprovação do pai — um mineiro que deseja ver o filho se tornar lutador de boxe. **Onde assistir:** Filmelir+



Foto: Divulgação/Vitrine

PACARRETE (2019)
Pacarrete (Marcélia Cartaxo) é uma professora de dança aposentada que vive com a irmã em Russas, no Ceará. Teimosa e de pavio curto, ela vive limpando a calçada e se irritando com quem passa por ela, enquanto alimenta seu sonho de montar uma apresentação de balé para a população, no aniversário de 200 anos da cidade. Enquanto monta o espetáculo, encomenda sua roupa e tenta convencer o prefeito, vê que ninguém se importa ou parece respeitar sua paixão pela arte. **Onde assistir:** Netflix



Foto: Divulgação/Amazon

SUSPIRIA (2018)
A refilmagem de Luca Guadagnino para o clássico de terror *cult* de 1977 conquistou o público com visuais marcantes e elenco estrelado. A história acompanha uma jovem bailarina americana (Dakota Johnson) que ingressa em uma renomada companhia de dança em Berlim, apenas para descobrir que o local é um clã de bruxas sinistro. **Onde assistir:** Prime Video

Em Cartaz

Cinema

Programação de 12 a 18 de março, nos ci- nemas de João Pessoa, Campina Grande e Pa- tos.

* Até o fechamento desta edição, não ha- viam divulgaço suas programações: o Cinema- xxi Cidade Luz, em Guarabira; o Cine RT, em Remigio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

O GUARDIÃO – SOB A PRODUÇÃO DE SÃO JOSÉ (*Opiekun*). Polônia, 2023. Dir.: Dariusz Regucki. Elenco: Rafal Zawierucha, Karolina Chapko, Radoslaw Pazura. Drama/ religioso. Repórter de rádio que atravessa crise conjugal é designado para contar histórias de peregrinos que visitam um santuário de São José. 1h34. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 20h30.

HORA DO RECREIO. Brasil, 2026. Dir.: Lúcia Murat. Documentário. Jovens brasileiros vivem temas complexos em seu cotidiano nas escolas. 1h23. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 18h30.

IRON LUNG – OCEANO DE SANGUE (*Iron Lung*). EUA, 2026. Dir.: Mark Fischbach. Elenco: Mark Fischbach, Caroline Kaplan, Troy Baker. Aventura/ ficção científica. Em futuro pós-apo- calíptico, preso é mandado para procurar um oceano de sangue em lua. 2h05. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h50, 18h15; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h45, 17h30, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 16h, 18h30, 21h; seg. a qua.: 18h30, 21h.

MISSÃO REFÚGIO (*Shelter*). Reino Unido/ EUA/ Canadá, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Jason Statham, Bodhi Rae Breathnach, Bill Nighy. Aventura. Detento em remota ilha escocesa resgata uma garota do mar, desencadeado uma série violenta de eventos. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 17h10, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h45, 16h50, 19h30; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 19h15, 21h45. CINE- SERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h15, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h15, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 19h15, 21h15. **PATOS MULTIPLEX 3:** dom.: dub.: 17h; seg. a qua.: dub.: 17h15. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 20h25.

POV – PRESENÇA OCULTA (*Bodycam*). Canadá, 2026. Dir.: Brandon Christensen. Elenco: Jaime M. Callica, Sean Rogerson, Catherine Lough Haggquist. Terror. Policiais tentam encobrir vestígios de um tiroteio, mas são observados por mais do que suas câmeras corporais. 1h15. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h15, 17h30, 19h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h40, 19h20, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h40, 19h20, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h45, 17h25; 21h15; seg. a qua.: 17h25, 21h15.

REAPRESENTAÇÃO

O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataíde,

Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ in- fantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): 12h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h.

EPIC – ELVIS PRESLEY IN CONCERT. (*Epic – Elvis Presley in Concert*). Austrália/ EUA, 2026. Dir.: Baz Luhrmann. Documentá- rio/ show. Registro de apresentações de Elvis Presley, com muitas imagens nunca vistas. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h20.

FOI APENAS UM ACIDENTE (*Yek Tasadeef Sadeh*). Ira/ França/ Luxemburgo/ EUA, 2025. Dir.: Jafar Panahi. Elenco: Vahid Mobasserí, Mariam Afshari, Ebrahim Azizi. Policial/ dra- ma. Grupo organiza plano de vingança contra homem que eles acreditam ser seu torturador. 1h43. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 18/3: 16h; dom., 22/3: 19h; ter., 24/3: 15h; qui., 26/3: 18h10; sáb., 28/3: 15h.

INCÊNDIOS (*Incendies*). Canadá/ França, 2010. Dir.: Dennis Villeneuve. Elenco: Lubna Azabal, Mélissa Désormeaux-Poulin, Ma- xim Gaudette. Drama. Irmãos viajam para o Oriente Médio para cumprir o último desejo da mãe e descobrir revelações sobre sua família. 2h11. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 15/3: 19h; qui., 19/3: 16h; ter., 24/3: 17h; sáb., 28/3: 19h; seg., 30/3: 18h10.

KILL BILL – THE WHOLE BLOODY AFFAIR (*Kill Bill – The Whole Bloody Affair*). EUA, 2025. Dir.: Quentin Tarantino. Elenco: Uma Thurman, Daryl Hannah, Lucy Liu, David Carradine, Vivica A. Fox, Michael Madsen. Aventura. Mulher busca vingança contra membros de organização criminosa da qual fez parte e que a atacaram no dia de seu casamento. Remontagem unindo *Kill Bill – Vol 1* (2003) e *Kill Bill – Vol. 2* (2004). 4h35. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 20h.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tâ- nia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joádisson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 16/3: 16h40, 19h30; sex., 20/3: 19h30; ter., 24/3: 19h30; dom., 29/3: 19h30. CENTERPLEX MAG 2: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h15, 16h40.

ÁGUIAS DA REPÚBLICA (*Eagles of the Republic*). Suécia/ França/ Dinamarca/ Finlân- dia/ Alemanha, 2025. Dir.: Tarik Saleh. Elenco: Cherien Dabis, Fares Fares, Lyna Khoudri. Dra- ma. Ator de sucesso no Egito cai em desgraça

com as autoridades do país. 2h09. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 15/3: 15h; qua., 18/3: 18h10; qui., 26/3: 20h30.

UM CABRA BOM DE BOLA (*Goat*). EUA/ Brasil/ Japão/ Singapura, 2026. Dir.: Tyree Dillihay. Aventura/ animação. Cabra recebe a oportunidade de jogar roarball, esporte dominado por animais rápidos e ferozes. 1h40. 6 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h20.

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (*Hoppers*). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aven- tura/ animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (At- mos): dub.: 15h30, 17h45. CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h30, 16h45; seg. a qua.: 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h30, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h30, 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h, 17h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 14h, 16h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 14h30, 16h30, 18h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINE- SERCLA PARTAGE 2: dub.: dom.: 14h30, 16h30, 18h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: dom.: 15h15, 17h15; seg. a qua.: 17h15. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: dom.: 14h40, 19h25; seg. a qua.: 15h05, 19h30. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 18h.

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica tra- balha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h30.

FELIZ ANIVERSÁRIO EM BELGRADO (*Celts*). Sérvia, 2021. Dir.: Milica Tomovic. Elen- co: Dubravka Kovjanic, Stefan Trifunovic, Katarina Dimic. Drama. Mulher que prepara uma festa para a filha tem rotina sufocante na família na Iugoslávia dos anos 1990, enquanto o país se desintegra em guerras. 1h46. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 17/3: 16h; sáb., 21/3: 15h; qui., 26/3: 16h; dom., 29/3: 15h.

MEMÓRIAS DE UM VERÃO (*The Summer Book*). EUA/ Finlândia/ Reino Unido, 2025. Dir.: Charlie McDowell. Elenco: Glenn Close, Emily Matthews, Anders Danielsen Lie. Drama. Menina é levada para passar o verão com a avó em uma ilha desabitada da Finlândia. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 15/3: 17h10; qui., 19/3: 18h30; sáb., 21/3: 17h; sex., 27/3: 16h; seg., 30/3: 16h.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (*Wu- thering Heights*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Emerald Fennell. Elenco: Margot Robbie, Jacob Elordi, Hong Chau. Romance/ drama. Casal vive uma paixão tumultuada e destrutiva. 2h16. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 19h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20.

A NOIVA! (*The Bride!*). EUA, 2026. Dir.: Maggie Gyllenhaal. Elenco: Jessie Buckley, Christian Bale, Jake Gyllenhall, Peter Sars- gard, Annette Bening, Penélope Cruz. Terror/ drama. Na Chicago dos anos 1930, cientista traz de volta à vida mulher assassinada para ser companheira da criatura de Frankenstein. 2h06. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h50, 17h45, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h20. **Patos:** PATOS MULTI- PLEX 4: dub.: dom.: 15h10; seg. a qua.: 15h20.

PÂNICO 7 (*Scream 7*). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courteney Cox, Isabel May, McKenna Grace, David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge preserguindo sua filha. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 16h45, 19h20, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro -XE): dub.: 14h15, 17h, 19h40, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINE- SERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h25, 18h35, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser): dub.: 16h25, 18h35, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 15h50, 18h30, 20h55.

A SAPATONA GALÁTICA (*Lesbian Space Princess*). Austrália, 2025. Dir.: Emma Hough. Hobbs e Leela Varghese. Comédia/ animação. Princesa entra em missão intergaláctica para salvar sua ex-namorada caçadora de recom- pensas. 1h27. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: sex., 20/3: 18h10; qua., 25/3: 20h; ter., 31/3: 18h10.

SE EU TIVESSE PERNAS, EU TE CHUTA- RIA (*If I Had Legs, I'd Kick You*). EUA, 2025. Dir.: Mary Bronstein. Elenco: Rose Byrne, Delaney Quinn, Mary Bronstein, Christian Slater, Conan O'Brien. Drama. Mulher vive crise lidando com vários problemas e sobrecargas ao mesmo tempo. 1h53. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 17/3: 18h10; dom., 22/3: 17h; sex., 27/3: 18h10; seg., 30/3: 20h30.

SYRÁT (*Sirát*). Espanha/ França, 2025. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Nuñez Arjona, Stefania Gadda. Drama. Pai com seu fi- lho viajam até o Marrocos para tentar encontrar filha que desapareceu em uma rave. Indicado a 2 Oscars, incluindo Filme internacional. Prêmio do Juri no Festival de Cannes. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 19/3: 20h10; qua., 25/3: 20h; dom., 29/3: 17h; ter., 31/3: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h40.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgard, Inga Ibsdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado a 9 Oscars., in- cluindo filme, direção, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante e filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Globo de Ouro de ator coadjuvante. 2h13. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 18/3: 20h30; sáb., 21/3: 19h.

A VOZ DE HIND RAJAB (*Sawt Hind Rajab*).

Tunísia/ França/ EUA/ Reino Unido/ Itália/ Ár- ábia Saudita/ Chipre, 2025. Dir.: Kaouthar Ben Hania. Elenco: Saja Kilani, Motaz Malhees, Amer Hlehel. Drama. Voluntários recebem a chamada de emergência de uma menina presa em um carro sob fogo cruzado em Gaza e tentam ajudá-la. Indicado ao Oscar de filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Veneza. 1h29. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 16/3: 15h; dom., 22/3: 15h; sex., 27/3: 20h30; ter., 31/3: 20h.

ZAFARI (*Zafari*). Peru/ Venezuela/ México/ França/ Chile/ República Dominicana/ Brasil, 2025. Dir.: Mariana Rondón. Elenco: Daniela Ramirez, Francisco Denis, Samantha Castillo. Drama. A chegada de um hipopótamo ao zoológico gera conflitos entre classes sociais de um bairro. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 17/3: 20h30; sex., 20/3: 16h; qua., 25/3: 16h; sáb., 28/3: 17h.

ZOOTOPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o miste- rioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. Indicado ao Oscar de filme de animação. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h15.

Teatro

HOJE

FEIRANTES PROFANAS. Montagem da Trupe de Humor da Paraíba.

João Pessoa: TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/nº, Centro). Sexta a domingo, 13/3 a 15/3, e sábado e domingo, 28/3 e 29/3, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show da clarine- tista Dany Dantas e da bandolinista Laídia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Do- mingo, 15/12, 14h. Ingressos: R\$ 15 (promocio- nal) e R\$ 20 (porta), antecipados na platafor- ma Shotgun.

https://shotgun.live/pt-br/events/chora- que-passa-10.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Se- gunda, 16/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

VERBAS INDENIZATÓRIAS

STF mira norma editada na Paraíba

ADI questiona mecanismo que equipara subsídio de desembargadores a 90,25% do que recebe um ministro

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O Supremo Tribunal Federal (STF) marcou para o próximo dia 25 de março o julgamento que pode extinguir, definitivamente, verbas indenizatórias que permitem salários acima do teto constitucional. A movimentação ocorre após liminares dos ministros Flávio Dino e Gilmar Mendes, que suspenderam pagamentos irregulares em todo o país, estabelecendo prazos de até 45 dias para a adequação das folhas de pagamento.

A Paraíba está inserida no debate por ser atingida pela Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 6.604. A ação questiona, por exemplo, o mecanismo que vincula, automaticamente, os subsídios de desembargadores do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), procuradores do Ministério Público da Paraíba (MPPB) e conselheiros do Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) a 90,25% do que recebem os ministros do STF.

Procurada por A União, a assessoria do TJPB informou que o órgão aguardará a decisão do STF e cumprirá, imediatamente, o que apontar a Suprema Corte. “No que diz respeito à base legal, o TJPB cumpre, integralmente, o que determina o CNJ [Conselho Nacional de Justiça] em relação à remuneração. Tanto é assim que, mensalmente, as remunerações são enviadas ao CNJ, constando no portal de transparência”, ponderou.

De acordo com o professor de Direito Constitucional Alex Taveira, embora o percentual seja permitido pela Constituição, a automaticidade do reajuste fere a autonomia federativa e o princípio da reserva legal, impedindo o Estado de gerir seu próprio orçamento.

“A problemática não reside no percentual em si, uma vez que está prevista a possibilidade deste percentual no artigo 93, V, da Constituição, mas sim a automaticidade do reajuste, [porque] sob a ótica



Foto: Valter Campanato/Agência Brasil



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Ministros Flávio Dino (foto acima) e Gilmar Mendes (foto ao lado) expediram decisões em caráter liminar para suspender o pagamento dos chamados “penduricalhos” da administração pública

do Direito Financeiro, a automaticidade fere a autonomia federativa e o princípio da reserva legal para a fixação de remuneração, retirando do ente estadual a capacidade de gerir seu próprio orçamento e avaliar sua disponibilidade financeira antes de conceder aumentos”, explica.

Também especialista em Direito Constitucional, o advogado José Augusto Meirelles pontua que, no que tange ao teto de remuneração das carreiras jurídicas de Estado, a doutrina clássica do Direito Administrativo define o subsídio como uma retribuição

pecuniária paga em parcela única, já englobando gratificações e vantagens.

“Em regra, o subsídio é parcela única e o teto deve ser respeitado, entretanto, em circunstâncias excepcionais e doutrinariamente consolidadas, há a possibilidade desse teto ser estendido, porém não o seria em várias das hipóteses contemporâneas recorrentes”, defende.

Verbas indenizatórias

Atualmente, a remuneração de um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) é de R\$ 46.366,19 mensais, va-

lor vigente desde 1º de fevereiro de 2025. Esse valor representa a última parcela do aumento escalonado de 18% aprovado em 2022, fixando o teto remuneratório do funcionalismo público brasileiro, servindo de limite para os demais salários da administração pública federal e estadual.

As verbas indenizatórias, teoricamente, não são remuneração pelo trabalho prestado, mas sim um ressarcimento por despesas extraordinárias que o servidor teve de suportar no estrito exercício de sua função pública. Diárias para viagens a

serviço e outras indenizações são exemplos recorrentes e legítimos. Contudo, ao longo dos anos, os tribunais, os Ministérios Públicos e as Assembleias Legislativas passaram a utilizar essa exceção constitucional como regra geral.

A cultura de concessão de benefícios no Tribunal de Justiça da Paraíba ilustra o fenômeno que o STF visa coibir. Em uma sessão extraordinária do TJPB, realizada em 26 de fevereiro de 2025, que durou apenas 24 segundos, a Corte autorizou, por unanimidade, o pagamento retroativo de R\$ 234 milhões em

indenizações para 281 magistrados. A verba foi justificada como “compensação por assunção de acervo processual”, referente ao pagamento extra devido ao acúmulo de processos judiciais.

Do total de beneficiados, 117 magistrados teriam direito a receber, individualmente, valores que ultrapassam os R\$ 900 mil. Ao menos 15 magistrados atingiram a cifra de R\$ 956 mil de indenização cada um, enquanto a grande maioria receberia aportes superiores a R\$ 500 mil.

Sob o ponto de vista das contas públicas, o impacto deste único pagamento retroativo representava cerca de 25,6% de todo o orçamento do TJPB estimado para o ano de 2025 (R\$ 914,3 milhões). O montante supera até mesmo o custo total de grandes obras de infraestrutura no estado, como a construção do Arco Metropolitano de João Pessoa, orçado em R\$ 218 milhões.

Segundo levantamento realizado pela página DadosJusBr (dadosjusbr.org), a remuneração líquida de um magistrado no TJPB subiu 9,2% nos últimos anos, passando de R\$ 49,5 mil, em 2024, para R\$ 54,1 mil, em 2025. No ano passado, o salário de um membro da Corte estadual era composto de uma remuneração base de R\$ 39 mil, acrescidos de R\$ 31,9 mil referentes a benefícios brutos e R\$ 16,7 mil em descontos.

Especialista defende controle rigoroso dos recursos públicos

Em 5 de fevereiro de 2026, o ministro Flávio Dino proferiu uma decisão de amplitude nacional nos autos da Reclamação (RCL) nº 88.319. A medida cautelar determinou a suspensão imediata de todas as verbas indenizatórias pagas a membros de Poderes e servidores públicos que não possuíam previsão expressa em lei.

No dia 23 de fevereiro de 2026, o decano da Corte, o ministro Gilmar Mendes, proferiu outra liminar no bojo da ADI nº 6.606, que tem como foco as verbas de caráter indenizatório efetivamente criadas por meio de leis estaduais aprovadas por Assembleias Legislativas locais — destinadas a incrementar a remuneração de membros do Poder Judiciário e do Ministério Público.

Diante da amplitude, da complexidade e dos impactos causados pela sobreposição das duas liminares proferidas em um curto espaço de tempo, o Supremo Tribunal Federal agiu rapidamente para mitigar a insegurança jurídica entre os ordenadores de despesas e as associações de classe.

Em uma nova decisão, expressa no dia 26 de fevereiro de 2026, Gilmar Mendes promoveu um ajuste em seus prazos processuais, para que a revisão dos pagamentos ocorresse em 45 dias uniformes, contados a partir de 23 de fevereiro, com o propósito de harmonizá-los perfeitamente com a lógica temporal da decisão emitida anteriormente por Flávio Dino.

Durante a sessão plenária que debateu a harmonização,

Mendes reforçou o caráter preempatório das vedações cautelares, ficando expressamente proibida qualquer tentativa velada de antecipação ou ampliação de pagamentos durante o período de transição.

Os tribunais não estão autorizados a realizar reprogramações financeiras com o intuito de concentrar, acelerar ou ampliar desembolsos de parcelas que em breve seriam extintas, tampouco podem incluir novas parcelas ou novos beneficiários que não estivessem devidamente contemplados no planejamento orçamentário original aprovado antes das liminares.

O ministro Flávio Dino aderiu aos ajustes promovidos pelo decano, reiterando que a convergência de prazos assegura um tratamento uniforme e isonômico à matéria

em todo o território nacional.

Para o professor Alex Taveira, o STF parece estar migrando de uma visão estritamente corporativa para uma de sustentabilidade fiscal e responsabilidade republicana. A expectativa é que o julgamento de 25 de março resulte em uma postura mais rígida, “possivelmente declarando a inconstitucionalidade de dispositivos que permitam o reajuste automático sem lei estadual específica”.

“Em nosso sentir, o tribunal deve enfatizar que a autonomia do Judiciário não é absoluta e deve coexistir com as limitações da Lei de Responsabilidade Fiscal [LRF] e a capacidade contributiva da sociedade. É o que se espera da Corte”, argumenta o jurista.

O advogado defende, ainda, que órgãos como o CNJ, o



Foto: Arquivo pessoal

Verbas que não possuam caráter estritamente compensatório devem ser somadas para fins de abate-teto

Alex Taveira

Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB) e o Ministério Público de Contas (MPC) devem adotar a “primazia da essência [conteúdo] sobre a forma”, exercendo uma fiscalização rigorosa sobre as chamadas verbas indenizatórias que, na prática, possuem natureza remuneratória e servem apenas para contornar o teto.

“Verbas que não possuam caráter estritamente compensatório (como auxílios que não dependem de comprovação de gasto) devem ser somadas para fins de abate-teto. Por fim, o controle deve evoluir para a responsabilização de gestores que autorizam pagamentos em desconpasso com a jurisprudência consolidada do STF sobre o teto remuneratório”, sustenta.

CONGRESSO NACIONAL

Textos endurecem punição por violência de gênero

Pelo menos 30 propostas em tramitação visam à proteção no meio digital

Da Redação
com Agência Câmara

A circulação recente de vídeos com apologia a crimes contra mulheres motivou a abertura de um inquérito pela Polícia Federal e impulsionou o debate sobre novos marcos legais na Câmara dos Deputados. Enquanto a corporação apura a responsabilidade dos autores das publicações, o Congresso Nacional acelera a análise de projetos de lei voltados ao enfrentamento da misoginia *on-line*.

Pelo menos 30 propostas em tramitação na Câmara buscam dar suporte jurídico para a punição de discursos que promovam o ódio ou a aversão a mulheres e meninas no meio digital. Apenas neste ano, sete projetos para combater a misoginia na *internet* foram apresentados por deputados.

Prevenção

Entre as propostas em análise, está o Projeto de Lei (PL) nº 6.194/2025, da deputada Ana Pimentel (PT-MG), que estabelece normas de prevenção e responsabilização das plataformas digitais. O texto prevê medidas protetivas de urgência, como a remoção prioritária de conteúdos misóginos e a suspensão da monetização de contas que propaguem agressões. “As mesmas ferramentas que permitem ampliar vozes femininas são utilizadas para facilitar o cometimento de violências, ampliar seu alcance e garantir rentabilida-



Foto: Rep./Instagram @novomulheresp

Aumento dos casos de agressões e feminicídios tem inspirado protestos em todo o Brasil

de a quem produz conteúdos misóginos”, denunciou a parlamentar.

Criminalização

No âmbito penal, o PL nº 890/2023, da deputada Silvye Alves (União-GO), propõe a criação de uma lei específica para crimes resultantes de práticas misóginas. A proposta estabelece pena de reclusão de dois a cinco anos, com previsão de aumento da sanção em metade, caso o crime seja praticado por meio da rede mundial de computadores.

Ao apresentar o projeto, Silvye observou que grupos misóginos aproveitam-se das facilidades dos meios de comunicação em redes sociais para monetizar o discurso de ódio e aversão ao gênero feminino. “Ademais, a conduta misógina possui exacerbado poten-

cial no incentivo a prática de crimes contra a vida de mulheres”, apontou.

No mesmo sentido, o PL nº 6.075/25, da deputada Sâmia Bomfim (Psol-SP), tipifica a promoção e a divulgação de conteúdo que estimule hostilidade ou violência contra o gênero feminino.

Governança digital

Já o PL nº 6.396/25, apresentado pela deputada Erika Hilton (Psol-SP), foca na governança digital ao alterar o Marco Civil da Internet. O projeto estabelece a responsabilidade solidária das plataformas digitais quando não retirarem conteúdos que incitem a violência contra a mulher. Na avaliação de Erika Hilton, a “indústria da misoginia digital” contribui para a manutenção das estruturas de desigualdade no Brasil contemporâneo.

“Há um ecossistema organizado, lucrativo e crescente de produtores de conteúdo que fazem do ódio às mulheres uma estratégia de engajamento, monetização e influência política”, aponta.

A deputada acrescenta que, nesse sistema, os provedores não são meros intermediários, mas agentes ativos que controlam fluxos, priorizações e modelos de negócio.

Legislação vigente

Atualmente, a legislação penal brasileira não possui um tipo específico para a misoginia. A prática é combatida por meio de tipos penais como o feminicídio (Lei nº 14.994/2024) e o crime de violência política de gênero (Lei nº 14.192/2021).

No que diz respeito à *internet*, a Lei nº 13.642/2018 atribui à Polícia Federal a apuração de crimes virtuais que envolvam a propagação de misoginia.

■
Parlamento brasileiro intensificou discussões após a circulação de vídeos que fazem apologia a crimes

Foto: Bruno Spada/ Câmara dos Deputados



Deputada Erika Hilton denuncia estratégia de monetização de mensagens de ódio às mulheres

CDH defende criminalização da misoginia

Da Redação
com Agência Senado

Na última semana, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal aprovou a emenda de redação, apresentada em plenário, para o Projeto de Lei (PL) nº 896/2023, que criminaliza a misoginia, equiparando a prática aos crimes de preconceito ou discriminação previstos na Lei do Racismo.

Relatora, a senadora Augusta Brito (PT-CE) rejeitou outras três emendas, todas de autoria do senador Eduardo Girão (Novo-CE). Agora, o PL nº 896/2023 volta, em caráter de urgência, à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), que também avaliará as emendas de plenário.

De autoria da senadora Ana Paula Lobato (PSB-MA), o projeto já havia sido aprovado pelas comissões permanentes da Casa, no fim de fevereiro, mas retornaram para análise das emendas apresentadas por Girão em plenário. Na CDH, a relatora Augusta Brito acolheu a emenda pela qual a misoginia é definida como “a conduta que manifeste ódio ou aversão às mulheres, baseada na crença da supremacia do gênero masculino”. A relatora destacou que a caracterização penal combaterá condutas misóginas que, assim como o racismo, afetam toda uma coletividade e têm sido cada vez mais visíveis, sobretudo nas redes sociais.

Augusta Brito, porém, re-

jeitou as outras três emendas, que propunham:

- restringir o conceito de misoginia;
- excluir manifestações artísticas, científicas, jornalísticas, acadêmicas ou religiosas do alcance da lei;
- exigir prova de que o autor agiu deliberadamente com ódio ou aversão às mulheres para que o crime ficasse configurado.

Para a relatora, as mudanças enfraqueceriam a norma e dificultariam a responsabilização do agressor. Augusta Brito apresentou ainda emenda de redação para incluir a expressão “condição de mulher” entre os critérios de interpretação da lei, ao lado de cor, etnia, religião e procedência, assegurando, segun-

do ela, coerência e precisão ao texto normativo.

Audiências públicas

A CDH também aprovou a realização de audiências públicas, a serem agendadas, com os seguintes temas:

- apresentação dos serviços do Senado Federal na prevenção e enfrentamento a todas as formas de violência contra a mulher e equidade de gênero, bem como do lançamento dos Planos de Acessibilidade e de Sustentabilidade Ambiental, conduzidos pelo Núcleo de Responsabilidade Socioambiental do Senado Federal;
- desafios enfrentados pelas pessoas com síndrome de Prader-Willi no Brasil;
- cotas na residência médica.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (35)

A 9 de novembro de 1989, o Muro de Berlim começava a ser derrubado. Alemães, de leste e de ocidente, saíram às ruas para destruir uma barreira que os separou durante 28 anos.

No Brasil, sonham em levantar um muro separando o Nordeste do restante do país.

Irmãos separatistas do sul/sudeste: quando odeias uma pessoa, odeias qualquer coisa nela que é parte de ti próprio. Aquilo que não faz parte de nós não nos incomoda.

“Em nome dos 400 patriotas que morreram pela Independência do Brasil na batalha do Riacho das Pedras, em Itabaiana, repudio o preconceito sulista contra a nação nordestina” (Manoel Sinhô).

“Salvo um ou outro zé mané que já nasceu de touca, todo menino, quando nasce, é nudista” (Stanislaw Ponte Preta).

O beijo na boca tem apenas 400 anos. O beijo grego vem desde 400 anos antes de Cristo.

O beijo romano era utilizado pelos romanos na Antiguidade. Era um beijo de cumprimento, que servia também como beijo de traição, como foi o de Judas.

O beijo de cheirar, ou osculum, era usado pelos maridos que podiam beijar a boca de suas esposas para verificar se não tinham consumido vinho, que era proibido para mulheres casadas na época e podia ser motivo de divórcio.

O cheirinho é nordestino. Pode ser grafado “xero”. É um beijo cachorro da moléstia de bom! E no cangote, então! Arrepia as penas da graúna. Oxe, se aperreie não!

O casal tailandês Ekkachai e Laksana Tiranarat passaram 58 horas e 35 minutos se beijando, batendo o recorde mundial de amor e resistência.

Deve-se evitar o beijo do Conde Drácula.

Sabe por que o mundo é uma porcaria? Porque ninguém se preocupa com coisas importantes, como o beijo na periquita” (Xico Sá).

“A minha revolta com a escala 6x1 era para ser apenas um desabafo na rede social, mas tomou uma proporção surreal. Hoje, tenho uma missão — defender por mais vida além do trabalho”, diz Rick Azevedo, defensor do movimento VAT (Vida Além do Trabalho) e ex-balconista de farmácia.

“Como é que eu vou gritar: “Favela Vive”, se todo dia eu sei que ela chora?” (Matriarcak).

“Se rolassem operações atirando a esmo no Leblon, até o Luciano Huck ia botar fogo em ônibus pra protestar” (Arnaldo Branco).

“Gratíssimo pelo cordel, Fábio Mozart. Terei seus versos impressos na alma e, depois dessa vida, depenurarei sua poesia na parede, onde Deus me der morada” (Frutuoso Chaves).

“Quem dera eu pudesse ter passado por Itabaiana e ali matado minha sede de poesia. E ainda que tenha nascido em terras paraibanas (São Bento), como não fui agraciada pela musa Erato nem morei na terra de Zé da Luz, vou lendo os bons poetas como Fábio Mozart e, quem sabe, se houver outras vidas, um dia possa expressar toda a poesia que penso, mas que esbarra no ‘molambo da língua paralítica’, como bem o disse Augusto dos Anjos” (Inês Mota — Natal/RN).

“Carro usado vende mais do que carro novo. Por que não se fabrica carro de segunda mão?” (Sonsinho).

“Podemos muito bem viver sem cultura, mas a vida se perde em encantamento” (Martha Medeiros).

Fui recomendado a uma ortopedista chamada Sara Costa. Se fosse Sara Joelho, eu marcaria consulta.

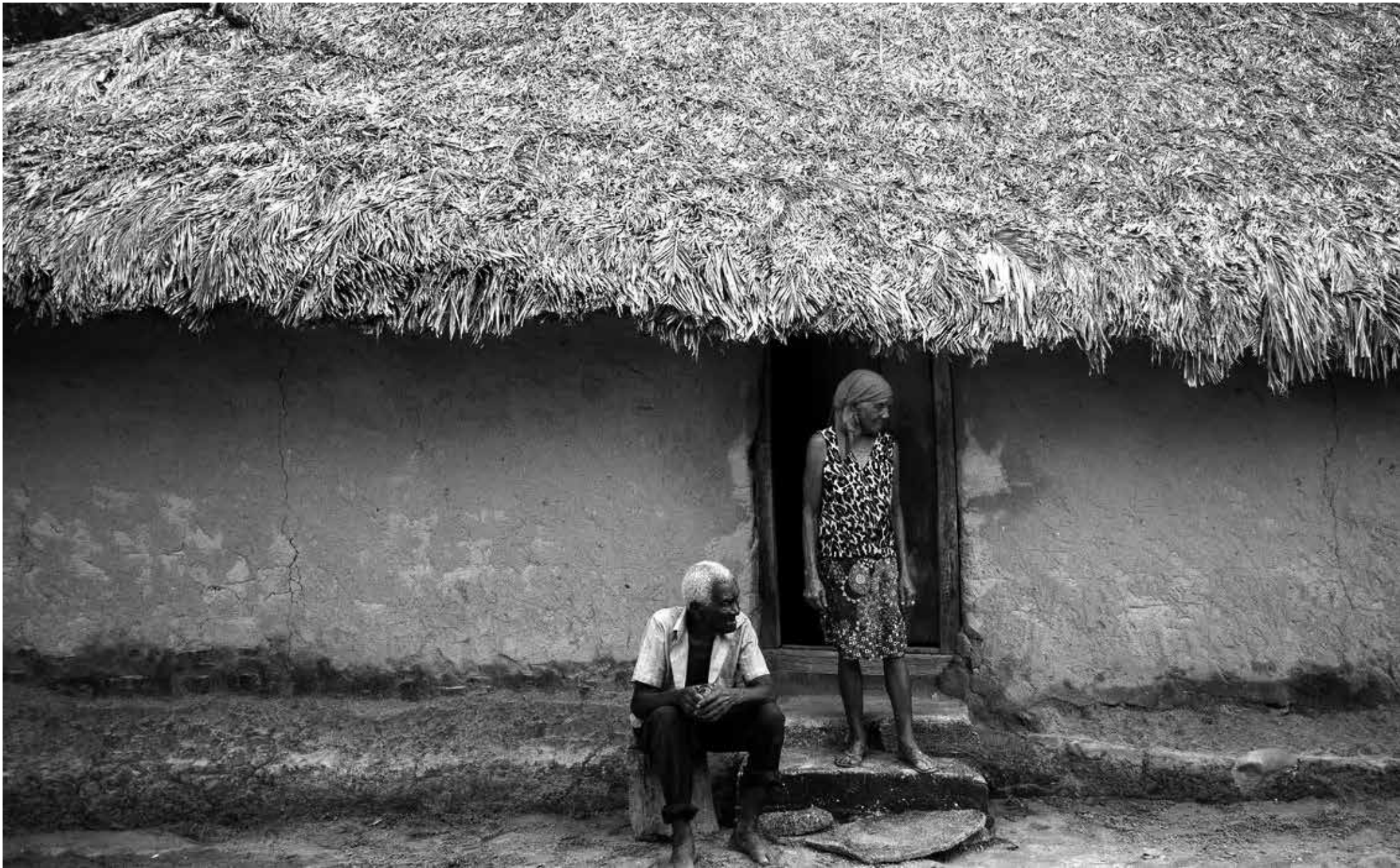


Foto: Weverson Paulino/Agência Brasil

Pesquisa apontou as dificuldades acerca da produção de conteúdo digital nas comunidades e também evidenciou a escassez de informações dos povos, que reflete na ausência de direitos

QUILOMBOLAS

Pautas alinham-se à agenda social

Estudo aponta que população é fortemente ligada às demandas referentes à justiça climática, racial e territorial

Matheus Crobelatti
Agência Brasil

Uma pesquisa do Instituto Sumaúma mapeou entidades quilombolas que articulam práticas culturais e comunicacionais em todo o país e descobriu que esta população é fortemente alinhada às agendas de justiça climática, racial e territorial. O Sumaúma atua na área de pesquisa de impacto social e apoia pessoas negras, indígenas e periféricas no acesso à educação. Para Juliane Sousa, pesquisadora quilombola que atuou como consultora da pesquisa, o levantamento é fundamental, porque reconhece as ações de comunicação e cultura empenhadas pela população quilombola há muito tempo. “Ao identificar e enumerar

essas atividades, a pesquisa auxilia no acesso a editais e ajuda organizações que trabalham com territórios quilombolas a entender que essas ações existem, permitindo que pensem estrategicamente em como apoiá-las,” argumenta. A pesquisadora ressalta que os estudos sobre a comunidade quilombola são escassos e isso se reflete na falta de direitos. Juliane Sousa relembra que o primeiro Censo do IBGE que identificou, especificamente, localidades e populações quilombolas foi realizado somente em 2022. “Isso é muito grave, porque é uma população que existe neste território desde que ele foi invadido, há mais de 500 anos. A falta de dados implica na falta de acesso a direitos básicos

para essa população, como educação, saúde e alimentação”, comentou Juliane. **Consulta** De comunicadores a influenciadores quilombolas, foram consultados 53 agentes de comunicação a partir de um formulário *on-line*. Também houve a realização de um grupo focal com oito lideranças quilombolas. A pesquisa observou que os agentes produzem conteúdos que preservam a memória das comunidades, registrando comemorações locais (81%), o plantio e a colheita do próprio alimento (73,6%), o artesanato (68%) e contações de história (64,2%), por exemplo. Também foram analisadas pautas debatidas nas práticas culturais e comu-

nicaçãois. Com possibilidade de múltiplas respostas, as temáticas envolvem racismo (87%), políticas públicas (85%), educação (77,4%), problemas ambientais (70%), demarcação territorial (64%), titulação territorial (62,3%), acesso à renda (60%) e justiça climática (53%). O estudo também evidencia as dificuldades acerca da produção de conteúdo digital nas comunidades quilombolas. Nas regiões rurais, muitos relataram falta de acesso à *internet*, limitações financeiras para aquisição de ferramentas e *softwares*, e dificuldades de compreensão no uso dessas ferramentas. Ainda foram apontadas dificuldades para captar recursos devido à falta de acessibilidade dos editais e

de incentivo de financiadores. Mais de 40% dos entrevistados disseram que não recebem nenhuma renda pelas atividades culturais e comunicacionais desenvolvidas. **Mapa interativo** Ao pensar na questão da falta de visibilidade, articulação e fortalecimento da população quilombola, o Instituto Sumaúma criou um mapa interativo de acesso aberto. Pela plataforma, é possível filtrar as comunidades por cidade, estado e país. Taís Oliveira, fundadora e diretora-executiva do instituto, explica que o mapa também facilita o contato com comunicadores e agentes culturais quilombolas. “Assim é possível dialogar com pessoas que queiram

conhecer mais sobre a cultura e as pautas quilombolas, visitar ou adquirir produtos e serviços dessas comunidades”, diz Taís. **A falta de dados implica na falta de acesso a direitos básicos como educação, saúde e alimentação** Juliane Sousa

Iniciativa garante preservação e valorização da cultura em Goiás

Um dos coletivos participantes do estudo foi a Rede Kalunga de Comunicação. Desde 2021, a mídia independente de comunicação propõe-se a contar a história das comunidades quilombolas do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o maior território quilombola em extensão do Brasil, na região da Chapada dos Veadeiros, em Goiás. O principal objetivo da rede é trazer uma visão do território de dentro do próprio território, garantindo que as histórias sejam contadas por quem as vive. A

rede atua na produção e execução de oficinas, eventos, *podcasts*, jornal e conteúdos audiovisuais. A comunicóloga e co-fundadora da Rede Kalunga, Daniella Teles, explica que a iniciativa busca valorizar o conhecimento dos membros da comunidade ao mostrar que a cultura e a oralidade deles são ricas e fundamentais para a manutenção da comunidade por séculos. Daniella também observa que as atividades articuladas pelo coletivo reverberam na autoestima da comunidade. “Vemos

que as pessoas tinham vergonha de falar que eram *kalunga*, por causa da exclusão causada pela estrutura racista em que vivemos. Agora elas ocupam seus espaços de direito”, diz. O próximo passo para o coletivo é o lançamento de um *site* quilombola, com o objetivo de levar para o mundo informações sobre a comunidade. O projeto busca criar uma comunicação acessível, educativa e continuada para que a história não seja esquecida ou desvalorizada.

Censo 2022 mostrou a situação das comunidades no território nacional

Da Redação com *agências* De acordo com Censo 2022, a população quilombola do país é de 1.327.802 pessoas, ou 0,65% do total de habitantes. Pela primeira vez, o estudo investigou esse grupo, integrante dos povos e comunidades tradicionais reconhecidos pela Constituição de 1988. Foram identificados 473.970 domicílios, onde residia pelo menos uma pessoa quilombola, espalhados por 1.696 municípios brasileiros. O Nordeste concentra 68,19% (ou 905.415 pessoas) do to-

tal de quilombolas do país. O Censo também mostrou que os Territórios Quilombolas oficialmente delimitados abrigam 203.518 pessoas, sendo 167.202 quilombolas, ou 12,6% do total de quilombolas do país. Destaca-se, ainda, que apenas 4,3% da população quilombola reside em territórios já titulados no processo de regularização fundiária. **Distribuição** A Bahia é a unidade da Federação com maior quantidade de quilombolas: 397.059 pessoas, ou 29,90% da população qui-

lombola recenseada. Os estados com as maiores proporções de quilombolas em territórios delimitados são Amazonas (45,43%), Sergipe (45,24%) e Mato Grosso do Sul (44,97%). Os percentuais mais baixos são de Alagoas (1,83%), Minas Gerais (3,38%) e Bahia (5,23%). Já os estados com maior presença de pessoas não quilombolas nos territórios oficialmente delimitados são Paraíba (51,58%), Espírito Santo (45,09%) e Rio Grande do Sul (41,99%). Os menores percentuais estão no Piauí (3,50%), Rondônia (4,33%) e Rio Grande do Norte (5,17%).

NORDESTE

Editais movimentam Paraíba e Alagoas

Seleções incluem vagas na Escola de Serviço Público do Estado, Guarda Civil de Maceió e gestão pública alagoana

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto muita gente já começa a pensar nos feriados que abril reserva, os concursos seguem firmes nos livros, atentos a cada novo edital que surge no horizonte. E, nesta nova quinzena que se inicia, três seleções merecem atenção especial, dentro e fora da Paraíba. Por aqui, a Escola de Serviço Público do Estado (Espep) abriu um novo processo seletivo para credenciar ministrantes de cursos voltados à capacitação de servidores. Mas é preciso correr: as inscrições encerram-se hoje. Já em Alagoas, a Prefeitura de Maceió lançou concurso para a Guarda Civil Municipal (GCM), destinado a candidatos de nível médio. E, no mesmo estado, a Secretaria de Planejamento (Seplag-AL) também abriu vagas para a carreira de especialista em gestão pública.

Áreas diversas

Na Paraíba, a oportunidade de mais imediata vem da Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba (Espep), cujo processo seletivo tem como finalidade a formação de cadastro reserva de profissionais de nível superior, atuantes em diversas áreas do conhecimento.

A ideia é reunir especialistas interessados em atuar como ministrantes em cursos de formação e capacitação, além de oficinas, palestras e seminários voltados à qualificação de servidores públicos estaduais. As atividades podem ocorrer tanto nas modalidades presencial e semipresencial quanto a distância.

O edital organiza as oportunidades em diferentes eixos temáticos, como negócios, gestão de pessoas, auditoria e controle, jurídico, tecnologia da informação, educação, políticas sociais, planejamento e finanças, ambiente e saúde, segurança e transformação digital. Entre os conteúdos previstos estão temas ligados à administração pública, licitações, governança digital, políticas públicas, gestão de projetos e formação de lideranças no setor público.

Para participar, é necessário efetuar a inscrição pela *internet* (acesse o formulário pelo *QR Code* ao lado) até hoje. De acordo com o edital, a seleção ocorrerá em duas etapas: análise curricular e avaliação de desempenho didático, realizada por videoconferência. A remuneração varia de R\$ 80 a R\$ 140 por hora-aula, conforme a titulação do ministrante, que poderá ser convocado conforme a necessidade da institui-



Escola vai reunir especialistas interessados em ministrar cursos de formação e capacitação, além de qualificação de servidores públicos

ção e a oferta de cursos. Vale lembrar que o credenciamento não gera vínculo empregatício com o Estado e que, apesar de a sede da escola estar localizada em João Pessoa, os cursos de capacitação podem ocorrer em diferentes regiões da Paraíba.

Segurança

Na capital alagoana, por sua vez, uma das seleções que deve atrair grande número de candidatos é o concurso público da Prefeitura de Maceió para a carreira de Guarda Civil Municipal. O edital prevê a oferta de 50 vagas imediatas, além da formação de cadastro reserva para o mesmo número de posições. Entre os requisitos para participar do certame estão Ensino Médio completo e Carteira Nacional de Habilitação (CNH) na categoria B. Já a jornada de trabalho é de 40 horas semanais, com vencimento inicial de R\$ 1,8 mil, acrescido de adicional de risco de vida equivalente a 100% do salário-base.

As inscrições seguem

abertas até 7 de maio e devem ser realizadas, exclusivamente, pela *internet*, por meio da plataforma da Comissão Permanente de Vestibular (Copeve) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). O valor da taxa é de R\$ 120. Quanto ao processo de avaliação, o concurso contará com diversas fases, incluindo prova objetiva, teste de aptidão física, avaliação psicológica, exames médicos, investigação social e curso de formação profissional. Todas as etapas ocorrerão na cidade de Maceió, com possibilidade de realização, também, em municípios próximos, caso o número de inscritos ultra-

passee a capacidade da capital.

Gestão pública

Outra oportunidade aberta é o concurso da Secretaria de Planejamento, Gestão e Patrimônio de Alagoas (Seplag-AL), voltado ao cargo de especialista em gestão pública. A seleção contempla 15 vagas imediatas e formação de cadastro de reserva em diferentes especialidades, todas destinadas a profissionais com formação superior em áreas específicas, como Administração, Contabilidade, Arquitetura, Geografia, Análise de Sistemas e Direito. Para uma jornada de 40 horas semanais,

o salário é de R\$ 5,7 mil.

Sob organização do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Ceb拉斯pe), o concurso recebe inscrições até 8 de abril, mediante pagamento de taxa de R\$ 120. A seleção contará com provas objetivas e discursiva, ambas de caráter eliminatório e classificatório, com aplicação prevista para 31 de maio, também em Maceió. Após a aprovação, os candidatos ainda passarão por um curso de nivelamento com carga mínima de 120 horas, etapa obrigatória antes da lotação definitiva nos órgãos do Executivo estadual.



Prefeitura de Maceió prevê 50 vagas para guardas civis

Foto: Divulgação/Semse



Use o QR Code para acessar o edital da Espep



Use o QR Code para acessar o edital da GCM de Maceió



Use o QR Code para acessar o edital da Seplag-AL

Profissional de RH atua como ponte entre pessoas e resultados

Se toda empresa é formada por pessoas, faz sentido que exista uma área dedicada a compreender e desenvolver esse capital humano. É justamente essa a missão de quem trabalha com gestão de pessoas, uma função que, até pouco tempo, era associada — quase que exclusivamente — a rotinas administrativas. Nos últimos anos, porém, o campo ganhou protagonismo à medida que as organizações passaram a perceber o quanto o trabalho nessa área é estratégico para a construção de ambientes mais saudáveis e produtivos. “Hoje, entende-se que o capital humano é um dos principais fatores de competitividade e inovação”, crava a profissional de Recursos Humanos, Érika Diana Nery do Nascimento Neves.

Para ela, a atuação exige um olhar atento tanto para as necessidades da organização quanto para o potencial das pessoas que a constituem. E é nesse ponto que a estratégia entra em cena. Na prática, como explica a especialista, o dia a dia desse profissional passa por garantir que, em meio à busca por re-

sultados, as relações de trabalho sejam fortalecidas e, ao mesmo tempo, caminhem em sintonia com os objetivos institucionais. “Trabalhar com gestão de pessoas significa atuar como ponte entre os objetivos da organização e o potencial das pessoas”, resume Érika. Segundo ela, é essa conexão entre comportamento e resultados que motiva o profissional de RH a desenhar políticas, práticas e processos capazes de equilibrar o ambiente de trabalho. “Sempre me chamou atenção como as relações de trabalho, a motivação e o desenvolvimento profissional impactam diretamente nos resultados das empresas”, observa.

Papel de mediador

Essa tarefa envolve desde a seleção de talentos e o apoio às lideranças até o acompanhamento do desempenho das equipes e o desenvolvimento dos colaboradores. Ou seja, em vez de apenas gerir folhas de pagamento e processos burocráticos, o profissional de gestão de pessoas atua mais como um mediador de interesses.

“É uma área bastante dinâmica, porque lida diretamente com pessoas, desafios organizacionais e mudanças constantes”, complementa a especialista. Nesse contexto, cabe a ele identificar habilidades a serem desenvolvidas, compreender dinâmicas de grupo e contribuir para a construção de uma cultura coerente com os valores da instituição.

Entretanto, para que esse trabalho aconteça, algumas competências tornam-se fundamentais. Comunicação clara, escuta ativa, inteligência emocional e capacidade de mediação de conflitos estão entre as habilidades mais valorizadas, de acordo com Érika. E a razão disso é simples: lidar com pessoas significa, inevitavelmente, tratar com diferentes expectativas e comportamentos, além das tensões que atravessam o cotidiano das empresas. “Hoje, convivem no mesmo ambiente diferentes gerações, cada uma com valores, formas de comunicação e expectativas profissionais”, reflete, destacando que esse caldeirão geracional impõe desafios importantes à área de

pessoas. Não à toa, atributos como pensamento analítico e atuação estratégica também são indispensáveis.

Atributos e desafios

Outro ponto igualmente desafiador é a necessidade de desenvolvimento contínuo, já que a área está sempre em transformação com o surgimento de novas metodologias, tecnologias e formas de trabalho. “A própria transformação digital tem impactado fortemente o mundo do trabalho, exigindo adaptação constante tanto das empresas quanto dos profissionais”, pontua. Diante desse cenário, a formação de quem deseja atuar na área precisa ir além do domínio técnico. Cursos nas áreas de Administração, Psicologia e Gestão de Pessoas costumam servir como porta de entrada para a carreira, mas o desenvolvimento profissional depende de competências essencialmente humanas. Empatia, diálogo e sensibilidade são elementos cada vez mais valorizados no mercado. Para Érika, acima de qualquer tecnicidade, é preciso estar disposto a aprender



Para Érika Neves, “é preciso ir além do domínio técnico”

Foto: Arquivo pessoal

continuamente e a desenvolver uma visão ampla sobre o contexto das organizações.

Para quem atua ou deseja seguir carreira na área, o serviço público também aparece como oportunidade. No processo seletivo simplificado aberto pela Espep, por exem-

plo, profissionais de áreas como Administração e Gestão de Pessoas podem atuar como ministrantes em cursos voltados à capacitação de servidores estaduais. Entre os temas previstos estão formação de lideranças, gestão de conflitos e inteligência emocional.

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial + 1,37% R\$ 5,314	Euro € Comercial + 0,56% R\$ 6,069	Libra £ Esterlina + 0,46% R\$ 7,040	Inflação IPCA do IBGE (em %) Fevereiro/2026 0,7 Janeiro/2026 0,33 Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09	Ibovespa 177.653,31 pt -0,91%
---	---	---	---	--	--	--

NA PARAÍBA

Benefícios sociais injetam mais de R\$ 8,54 bi por ano

Valor compõe orçamento doméstico e garante fluxo contínuo de consumo local

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Todos os meses, mais de R\$ 712 milhões entram na economia paraibana sem passar por grandes obras ou investimentos. O destino é outro: o orçamento doméstico de milhares de famílias atendidas por programas como Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada (BPC) e Auxílio Gás. Somados, esses três benefícios transferiram mais de R\$ 8,54 bilhões diretamente à população do estado apenas em 2025, influenciando desde o consumo básico até o movimento do comércio em praticamente toda a Paraíba.

Embora federais, são recursos que permanecem no território, garantindo um valor mínimo às famílias de baixa renda e um fluxo contínuo de consumo na economia local. Esse é o “efeito multiplicador” que as estatísticas evidenciam quando se observa o caminho percorrido por esse dinheiro, do bolso do paraibano às contas pagas no dia a dia.

O economista Cássio Besaria, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), observa que, por serem direcionadas às camadas mais vulneráveis da população, essas transferências tendem a retornar mais rapidamente ao mercado. “Na prática, para cada real adicional destinado às famílias de baixa renda, a parcela direcionada ao consumo é maior do que a observada entre as famílias de alta renda”, explica. Segundo ele, setores ligados a bens e serviços essenciais estão entre os primeiros a sentir esse impacto.

Na matemática dos benefícios sociais, esses R\$ 8,54 bilhões representam uma injeção média de R\$ 23,4 milhões por dia na economia paraibana. Diante de tal volume, Cás-



Bolsa Família, Auxílio Gás e BPC contemplam mais de um milhão de famílias paraibanas

sio chama atenção para o peso que esses recursos assumem quando comparados à própria riqueza gerada no estado. “Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) da Paraíba, em 2023, foi de R\$ 96,96 bilhões. Comparando este dado com o volume anual em transferências sociais, elas representam, aproximadamente, 8,8% do PIB”, analisa.

Em outras palavras, isso significa que uma parcela expressiva da atividade econômica do estado tem origem nessa renda adicional que chega diretamente ao bolso do paraibano e movimenta pequenos comércios e serviços locais. “Existem diversos trabalhos que mostram que o consumo derivado das transferências de renda se concentra em bens essenciais. Esse efeito fica mais evidente quando se observa as datas de pagamento dos benefícios. O período costuma gerar aumento perceptível no movimento do comércio”, complementa o economista.

Estatísticas

No caso do Bolsa Família, que transferiu mais de R\$ 5,1 bilhões à população

no ano passado, o acesso ao programa está condicionado a uma renda mensal de até R\$ 218 por pessoa da família — critério que ajuda a explicar por que o valor recebido é raramente acumulado, sendo direcionado ao pagamento de despesas mais básicas.

Segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Humano da Paraíba (Sedh), com base em informações do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social (MDS), cerca de 647 mil famílias foram beneficiadas com o valor médio de R\$ 670,25 em 2025. Isso significa que, aproximadamente, 1,63 milhão de pessoas vivem em lares atendidos pelo programa, o equivalente a quase 39% da população paraibana, estimada em 4,16 milhões de habitantes, conforme projeção recente do IBGE.

A mesma lógica pode ser observada no Benefício de Prestação Continuada (BPC) e no Auxílio Gás, programas que, embora distintos em finalidade, ajudam a revelar como esses repasses federais passam a circular na economia local. O BPC é pago atualmente a mais de 180 mil paraibanos, entre idosos com 65 anos ou mais e pessoas com deficiência, pertencentes a famílias de bai-

xa renda, garantindo, assim, o valor mensal de um salário-mínimo sem exigência de contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Somenteno ano passado, o benefício representou mais de R\$ 3,2 bilhões transferidos, indiretamente, à Paraíba, assegurando renda contínua a grupos com menor estabilidade financeira e despesas permanentes com medicamentos e cuidados básicos.

Já o Auxílio Gás mostra como benefícios aparentemente “simples” também exercem um impacto relevante no cotidiano das famílias e, por consequência, na circulação do dinheiro nos municípios. Com valor médio de R\$ 110 por repasse bimestral, o programa alcançou entre 199 mil e 233 mil famílias ao longo de 2025, somando mais de R\$ 144,1 milhões destinados aos paraibanos. Voltado a famílias inscritas no Cadastro Único (CadÚnico) com renda mensal de até meio salário-mínimo por pessoa, o benefício atua sobre um dos custos mais sensíveis da rotina doméstica: o gás de cozinha. Na prática, trata-se de um gasto inadiável, cuja variação de preço acaba comprometendo, ainda mais, um orçamento já muito enxuto.

Efeito multiplicador é evidente no estado

Quem conhece essa realidade é Eduarda Alves Ferreira, de 20 anos, moradora de Catolé do Rocha, no Sertão da Paraíba, onde vive com o pai e os seus dois irmãos, em um contexto marcado por renda instável, oriunda de trabalhos informais realizados pelo genitor. Por conta do Bolsa Família, a família recebe cerca de R\$ 600 por mês, dinheiro que, segundo ela, é destinado à compra de alimentos, produtos de limpeza e higiene.

Ainda assim, Eduarda faz questão de relativizar o alcance do benefício, já que o valor recebido não “sustenta uma casa”. “Hoje em dia, fazer o orçamento girar, assim, é bem complicado”, afirma. De toda a forma, o

que a família recebe é gasto no próprio município, que tem um pouco mais de 30 mil habitantes. Moradora da Zona Rural, Eduarda explica que as compras são feitas na cidade pela facilidade de encontrar o que precisa.

História semelhante é vivida por Claudete de Oliveira, moradora de Bayeux, na Região Metropolitana de João Pessoa. Mãe de três filhos, ela conta que passou a receber o Bolsa Família quando os meninos ainda eram pequenos e, desde então, utiliza esse recurso para manter a casa. “Já faz uns 20 anos que eu tenho o Bolsa Família. Meu menino mais velho tem 26 anos”, relata.

Hoje, apenas o filho mais novo, de 16 anos, permanece no programa, garantindo um re-

passe de cerca de R\$ 700 mensais. O dinheiro, segundo ela, tem destino certo dentro do orçamento doméstico. “Faço uma feira com o dinheiro do Bolsa Família”, resume. No início, conciliar trabalho e cuidado com os filhos pequenos era um desafio, já que, muitas vezes, não conseguia trabalhar fora por não contar com apoio em casa. Hoje, para complementar a renda, ela costuma fazer “bicos”, mas ela acredita que, sem o dinheiro do benefício, “seria muito difícil”.

Essa dinâmica de repasses é acompanhada de perto pela coordenadora estadual do programa, Ediclê Travassos de Lima, que destaca os efeitos positivos sobre a economia do es-

tado. Para ela, o efeito multiplicador é real, sobretudo em regiões com alto índice de vulnerabilidade social. “Nós, em apoio técnico *in loco*, principalmente nos municípios de pequeno porte, percebemos que essas transferências de renda são as que mais circulam no comércio”, afirma.

De olho no futuro e para que os benefícios práticos sejam ainda maiores, o governo estadual tem articulado políticas de inclusão produtiva, qualificação e geração de renda, buscando ampliar a autonomia financeira de famílias como as de Eduarda e Claudete. Afinal, não há impacto mais marcante do que a população com dinheiro no bolso.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

O avanço silencioso do endividamento das famílias

Nos últimos anos, a Paraíba passou a enfrentar um processo silencioso de deterioração financeira que começa dentro dos lares e, gradualmente, reflete-se na economia local. Cada fatura do cartão de crédito acumulada, cada parcela renegociada e cada escolha entre pagar contas essenciais ou garantir o básico da alimentação traduz uma realidade cada vez mais presente: muitas famílias operam no limite do orçamento.

Esse cenário integra um contexto nacional de aumento do endividamento das famílias, impulsionado pela expansão do crédito, pelo custo de vida mais elevado e pela lenta recomposição da renda.

Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da Confederação Nacional do Comércio (CNC), indicam que o endividamento das famílias brasileiras voltou a crescer no início de 2026. Em fevereiro, 80,2% dos lares relataram possuir algum tipo de dívida, o maior nível da série histórica iniciada em 2010 é 3,8 pontos percentuais acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Embora o endividamento não represente, por si só, um desequilíbrio financeiro, já que o crédito também funciona como mecanismo de antecipação de consumo, o avanço simultâneo da inadimplência exige atenção. A pesquisa aponta que 29,6% das famílias possuem contas em atraso e 12,6% afirmam não ter condições de quitar essas dívidas, evidenciando um núcleo persistente de inadimplência na economia.

Outro ponto relevante é o comprometimento da renda. Em média, 29,7% dos rendimentos familiares estão destinados ao pagamento de dívidas, enquanto cerca de 19,5% das famílias comprometem mais da metade da renda com obrigações financeiras, reduzindo a capacidade de poupança e aumentando a vulnerabilidade diante de imprevistos.

A situação é ainda mais delicada entre as famílias de menor renda. De acordo com a pesquisa, o avanço da inadimplência concentra-se, principalmente, entre aquelas com rendimento de até três salários mínimos, grupo que enfrenta maiores dificuldades para honrar compromissos financeiros em um ambiente de renda instável e custos crescentes.

No Nordeste, especialmente na Paraíba, esse impacto é mais presente devido à renda média mais baixa, maior informalidade no mercado de trabalho e menor margem de segurança financeira, levando muitas famílias a utilizar crédito para cobrir despesas básicas, e não apenas consumo durável.

Entre as modalidades de dívida, o cartão de crédito continua sendo a mais comum, seguido pelos carnês de lojas e pelos empréstimos pessoais. O uso frequente dessas alternativas, muitas vezes associado a juros elevados, aumenta o risco de um ciclo persistente de endividamento.

Do ponto de vista econômico, esse cenário revela uma contradição importante. O crédito ajuda a sustentar o consumo e movimentar setores como comércio, serviços e outros setores da economia. Ao mesmo tempo, o aumento da inadimplência e do comprometimento da renda pode limitar o crescimento futuro, ao reduzir a capacidade de consumo das famílias.

Diante desse quadro, fortalecer a educação financeira como política permanente em escolas, universidades, comunidades e iniciativas públicas e privadas, bem como ampliar programas de renegociação de dívidas e estimular a formação de pequenas reservas financeiras são medidas importantes para reduzir a vulnerabilidade das famílias de “práticas predatórias” do mercado. Afinal, o equilíbrio financeiro dos lares é também um elemento fundamental para a estabilidade econômica e social de regiões como a Paraíba.

DESAFIO A SUPERAR

Retorno gerado por IA é quase nulo

Apesar do entusiasmo das empresas, 95% dos projetos não são convertidos em valor econômico relevante, indica estudo

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

Apesar de ser tratada com grande entusiasmo e muita expectativa, a inteligência artificial (IA) ainda não é uma forma importante de alavancar a produção e os resultados de empresas que a utilizam. A constatação é de Norbert Jung, *CEO* (diretor-executivo) da Bosch Connected Industry — braço de tecnologia da Bosch, multinacional alemã de engenharia e tecnologia.

“Temos esse grande *hype* [empolgação], essa grande esperança de que a IA possa ajudar a resolver muitas das nossas questões, mas ainda, assim todo mundo, está meio que na fase-piloto. Noventa e cinco por cento dos projetos de IA não entregam valor econômico hoje”, apontou.

Para o diretor da Bosch, a questão passa por excesso de informação, o que classificou como cenário desafiador: “Temos cada vez mais dados, mas isso não parece produzir muito mais valor a partir desses dados”.

A declaração foi feita em um painel sobre IA, durante um evento que antecipou novidades da Hannover Messe, maior feira de inovação e tecnologia industrial do mundo, que ocorrerá de 20 a 24 de abril, em Hannover, cidade de cerca de 550 mil habitantes no Norte da Alemanha.

Caminhos
Ao apontar caminhos para fazer com que a IA agregue



Empresa alemã desenvolveu sistema de montagem com braços robóticos controlados por inteligência artificial que agiliza montagem de caixas de câmbio

mais valor às empresas industriais, Norbert Jung aponta para a integração com o conhecimento humano.

“A resposta está em trazer IA, máquinas e humanos juntos em uma forma de cointeligência na manufatura”, diz. “Nós industrializamos a IA generativa”, completa.

A constatação do especialista segue a conclusão do estudo “O estado da IA nos negócios em 2025”, publicado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na

sigla em inglês para “Massachusetts Institute of Technology”), uma das universidades mais prestigiadas do mundo. “Apesar de US\$ 30 bilhões a US\$ 40 bilhões em investimentos empresariais em IA generativa, o relatório revela um resultado surpreendente: 95% das organizações estão obtendo retorno zero”.

Robótica
O chefe do departamento de pesquisa da empresa de robótica Agile Robots, Sven

Parusel, considera que a IA começa a “ganhar vida” por meio de robôs. “Estamos vendo a IA sair das telas e entrar nos espaços de manufatura [industriais], especialmente quando falamos de IA física, trazendo robôs e máquinas físicas junto com as capacidades de IA”, aponta.

Ele conta que, desde 2018, a empresa alemã desenvolve braços e mãos robóticas, sistemas móveis e robô humanoide. “Para nós, é muito importante que to-

dos esses componentes se juntem, trazendo IA para todos eles e também para a própria fábrica”.

Sven Parusel revelou que a Agile desenvolveu um sistema de montagem de caixa de câmbio com dois braços robóticos controlados por IA. “Usa a IA para controle e visão computacional para detectar objetos. Já vemos os benefícios: produção mais rápida, mais flexível e mais fácil de configurar”, descreve.

Solução

Entre os caminhos apontados por especialista para agregar mais valor, está integrar a máquina ao conhecimento humano

Brasil será destaque em feira de inovação realizada na Alemanha

A Hannover Messe, a maior feira de inovação e tecnologia industrial do mundo, que acontecerá de 20 a 24 de abril, escolheu o Brasil como país parceiro. Representantes de centenas de países são esperados em Hannover, no norte da Alemanha, cidade famosa por sediar grandes feiras internacionais.

Essa é a segunda vez que o Brasil alcança esse *status*. A última vez foi em 1980, justamente quando a Hannover Messe iniciou a prática de escolher países parceiros.

Em uma área com mais de 10 pavilhões, expositores e representantes de empresas de diversos países poderão trocar informações, conhecer e apresentar tecnologias, além de fechar negócios.

A Deutsche Messe AG, organizadora da Hannover Messe, espera a presença de 123 mil pessoas de todas as partes do mundo, além de 3,5 mil expositores de 60 países. Estarão lá companhias como Amazon Web Services (AWS), Bosch, Siemens, SAP, Microsoft, Huawei e Accenture.

A Hannover Messe vai reunir demonstrações de tecnologias relacionadas a inteligência artificial (IA), robótica, automação, digitalização, defesa e descarbonização, com incentivo à energia limpa. Há também ambiente para a troca de informações sobre pesquisas e transferên-

cias de tecnologia. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o chanceler (chefe de governo) da Alemanha, Friedrich Merz, confirmaram presença.

País parceiro
Com a parceria, o Brasil terá direito a ocupar pavilhões que somam 2,7 mil metros quadrados. A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) — vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços — organiza a participação do país.

Serão 140 expositores brasileiros e uma delegação formada por 300 empresas, como a fabricante de aviões Embraer e a WEG, especializada em motores elétricos. Há espaço também para quase 60 *startups* — empresas de tecnologia com alto potencial de crescimento rápido.

Em um encontro com jornalistas, no fim de fevereiro, para anunciar detalhes da Hannover Messe, o *CEO* (diretor-executivo) da Deutsche Messe AG, Jochen Köckler, explicou por que o Brasil foi escolhido país parceiro. “O Brasil é a maior economia da América do Sul. É um país jovem, digital, com empresas muito bem desenvolvidas”, apontou.

Para o organizador, o ambiente colocará em evidência

vantagens competitivas do Brasil. “É mais forte em energias renováveis do que muitos imaginam, tem uma população 20 anos mais jovem que a europeia e que enxerga oportunidades”, citou.

“Todos os esforços devem estar voltados para uma parceria confiável e duradoura e, no fim, bons negócios para todos que estarão aqui”, previu.



O Brasil é a maior economia da América do Sul. É um país jovem, digital, com empresas muito bem desenvolvidas

Jochen Köckler,

Expositores nacionais destacarão tecnologia e energia renovável

A ApexBrasil foi a responsável pela curadoria de empresas brasileiras representadas na Hannover Messe. A agência de fomento à exportação atuou também na capacitação, especialmente de pequenos negócios, e viabilizou a infraestrutura para expositores brasileiros.

O diretor de operações da ApexBrasil Europa, Alex Figueiredo, avalia a feira como uma forma de ampliar a imagem do país no exterior, na visão dele, muito associada a “agricultura, Carnaval e futebol”. “É uma grande oportunidade de mostrar esse outro lado do Brasil, um Brasil inovador, um Brasil que projeta e fabrica aviões, carros, caminhões, maquinário e *software*”, diz.

Ele destaca que o país já possui protagonismo em um dos temas de interesse da feira: a transição energética. “Somos líderes em biocombustíveis. Sabemos que muitos países estão lutando para reduzir emissão de gases do efeito estufa [causadores do aquecimento global] no transporte. O Brasil tem, por décadas, trabalhado com *flex fuel*, que é uma invenção brasileira”, assinala ele, lembrando que uma multinacional de origem alemã, a Volkswagen, foi a primeira montadora a ter um carro *flex* no Brasil.

Um dos pavilhões ocupados por expositores brasilei-

ros contará com 30 empresas dedicadas à energia renovável, aos biocombustíveis e à eletrificação.

Para o representante brasileiro, a mensagem que o país passará é a de que “o Brasil está pronto para colaborar, investir e inovar juntos”.

Emprego e renda
Em conversa com a reportagem, a representante regional da ApexBrasil, Márcia Nejaim, assinalou a relação entre inovação e desenvolvimento econômico. “As empresas que exportam inovam mais, geram empregos com melhores salários e geram mais empregos”, sustenta.

“Na medida que esse círculo virtuoso vai acontecendo, a gente consegue gerar um impacto real na vida do brasileiro, na geração de empregos de boa qualidade e de mais empregos”, conclui.

À plateia de cerca de 100 jornalistas, quase todos estrangeiros, o embaixador do Brasil na Alemanha, Rodrigo Baena Soares, apresentou o país sul-americano como democracia estável e forte economia emergente.

“Compartilhamos valores, compartilhamos instituições democráticas, assim como os desafios comuns em nossas capacidades industriais, mas também a prontidão para agir juntos para maximizar resultados ganha-ganha para nos-

sas sociedades”, declarou.

O diplomata classificou a indústria brasileira como de muita criatividade e com grande conteúdo tecnológico. “Temos uma indústria que vai mostrar ao público, não só o alemão, mas também ao europeu, a sua enorme capacidade de encontrar soluções para diversas áreas”, antecipou.



Temos uma indústria que vai mostrar ao público a sua enorme capacidade de encontrar soluções para diversas áreas

Rodrigo Baena Soares

PLATAFORMA BIOINOVA

Paraíba desponta no mercado ambiental

Programa do Estado reúne informações sobre biomassa e estoque de carbono

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

As discussões globais sobre redução das emissões de gases de efeito estufa ganharam força no fim do século 20, especialmente após o Protocolo de Kyoto, firmado em 1997, primeiro acordo internacional a estabelecer metas de redução de carbono e mecanismos de compensação ambiental que deram origem ao atual mercado de créditos de carbono. Desde então, a medição da capacidade de captura e armazenamento de carbono nos territórios passou a ser uma informação estratégica em todo o mundo.

Na Paraíba, esse potencial começa agora a ser mensurado com precisão por meio da plataforma BioInova — Inovações para o Desenvolvimento Sustentável, iniciativa do Governo do Estado que reúne dados científicos sobre biomassa e estoque de carbono na vegetação paraibana. Além de posuir áreas capazes de capturar e armazenar carbono, o estado também apresenta uma condição considerada favorável no cenário ambiental brasileiro, ocupando a 23ª posição no *ranking* nacional de emissões de gases de efeito estufa.

Um dos resultados da pesquisa, que já está disponível na plataforma BioInova, aponta que a vegetação paraibana armazena cerca de 131 milhões de toneladas de carbono, resultado de aproximadamente 130 teragramas de biomassa aérea distribuídos pelo território.

As informações disponíveis na plataforma resultam de um trabalho científico que combina medições realizadas em campo, imagens de satélite de alta resolução e modelagens computacionais, permitindo identificar o potencial de captura e armazenamento de carbono em diferentes regiões do estado. A iniciativa é uma ação da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq).

O secretário da Secties, Claudio Furtado, explicou que o BioInova integra uma agenda mais ampla de iniciativas voltadas à sustentabilidade e à inovação tecnológica no estado. “Além do BioInova, nós

temos outros projetos voltados para energia e hidrogênio verde. É preciso olhar essa cadeia de forma integrada. Estamos trabalhando com dados ambientais, com biomassa e crédito de carbono, ao mesmo tempo em que desenvolvemos projetos de transição energética. A ideia é usar ciência e tecnologia como base para o desenvolvimento sustentável da Paraíba”, destacou.

A construção da plataforma exigiu um trabalho multidisciplinar envolvendo pesquisadores de diferentes áreas, como biologia, economia, ciência de dados e sensoriamento remoto. As informações foram obtidas a partir de medições realizadas diretamente em campo, combinadas com imagens de satélite e modelagens computacionais.

A professora Thaís Gaudêncio, uma das coordenadoras do projeto, explica que a organização dessas bases de dados foi essencial para transformar diferentes informações ambientais em uma base confiável para análise científica. “Não se trata apenas de ter dados, mas de ter dados de qualidade. São esses dados que permitem gerar informação, fazer previsões e entender o que realmente está acontecendo”, explicou.

Segundo ela, o BioInova foi criado justamente para transformar medições ambientais e informações dispersas em um sistema estruturado de dados. “A ideia foi organizar essas informações em um banco de dados acessível para pesquisadores e gestores públicos. A partir daí, conseguimos fazer cruzamentos de informações e es-

timativas mais precisas sobre biomassa e estoque de carbono”, afirmou.

Parte fundamental desse trabalho foi realizada diretamente em campo, com medições da vegetação em diferentes regiões da Paraíba. Os pesquisadores analisaram características como altura das plantas, diâmetro dos caules e densidade da vegetação. O professor Cléber Salimon, coordenador responsável por essa etapa da pesquisa, explica que esses levantamentos permitem calcular a quantidade de carbono armazenada na vegetação. “Os principais dados disponibilizados são o estoque de carbono por município e para todo o estado. A partir dessas informações, governos, municípios ou até proprietários de áreas privadas podem recorrer a mecanismos de financiamento ou pagamento por meio de créditos de carbono”, explicou.

O levantamento também reforça a importância da Caatinga, bioma predominante no estado e que ocupa cerca de 92% do território paraibano. Mesmo apresentando menor densidade de biomassa por hectare quando comparada a florestas tropicais, a vegetação do semiárido possui capacidade de captura e armazenamento de carbono.

Pesquisa

Além do levantamento ambiental, o projeto também investigou como a população paraibana percebe o mercado de carbono. Uma pesquisa realizada com 389 participantes em diferentes municípios do estado revelou que o tema ainda é

pouco conhecido pela maioria da população.

A professora Márcia Fonseca, coordenadora dessa etapa do estudo, explica que mais de 70% dos entrevistados declararam ter pouco ou nenhum conhecimento sobre o funcionamento desse mercado. “Percebemos que 43,4% dos respondentes declararam ter baixo conhecimento sobre o mercado de carbono e outros 31% afirmaram ter conhecimento intermediário. Ou seja, mais de 70% das pessoas conhecem pouco ou quase nada sobre esse mercado”, afirmou.

Para ela, ampliar o acesso à informação é fundamental para que a sociedade possa participar desse novo setor da economia. “Não dá para falar desse mercado sem que as pessoas sejam informadas. Para que políticas públicas funcionem, é necessário que a população compreenda como esse sistema opera”, explicou.

Pensando nisso, foi criado um manual explicativo, produzido pela equipe de pesquisadores do projeto, que apresenta de forma didática as etapas necessárias para desenvolver iniciativas nessa área. Segundo a professora Márcia Fonseca, o material foi pensado para orientar gestores públicos, empresas e interessados sobre como estruturar projetos e acessar esse mercado. “Hoje um projeto de crédito de carbono, mesmo em modelos mais básicos, como o reflorestamento, pode custar entre R\$ 150 mil e R\$ 500 mil. Por isso é importante compreender quais são as etapas e como esse processo funciona”, explicou.

■ Iniciativa é uma ação da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq)

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O lugar da mulher é na ciência

Nas colunas de março, resolvi fazer uma homenagem ao mês das mulheres, mostrando a importância feminina na ciência. Até porque precisamos mostrar que o lugar da mulher é na ciência.

Decidi começar com a cientista brasileira Johanna Döbereiner, que, graças às suas descobertas, revolucionou a agricultura no Brasil e no mundo. Ela nasceu em Aussig, na antiga Tchecoslováquia, mas foi no Brasil que se estabeleceu. Naturalizada brasileira em 1956, ela chegou ao Rio de Janeiro em 1950, depois da turbulência da Segunda Guerra Mundial. Ali, criou seus três filhos e viveu por cerca de 40 anos na mesma casa.

Ela tinha uma grande inspiração na educação, vinda de sua mãe, e decidiu contrariar as convenções de gênero ao se matricular em um curso de Agronomia na Universidade de Munique. Essa área tinha uma presença feminina muito pequena. Para manter os custos de seus estudos, ela trabalhava no campo, em uma fazenda que desenvolvia variedades melhoradas de trigo.

Esse contato de Johanna com a universidade deu a ela uma visão de qual seria o caminho que trilharia em seu futuro acadêmico. Quando chegou ao Brasil, foi trabalhar como agrônoma no Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícola, do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas. Ela mesma confessava às pessoas que não tinha aprendido nada de prático na universidade, devido às dificuldades e limitações do pós-guerra, mas tinha muita vontade de aprender o que fosse preciso.

Johanna deu início a uma série de estudos e pesquisas sobre os aspectos limitantes das técnicas em leguminosas tropicais. Isso fez com que ela começasse a conquistar respeito dentro da comunidade científica e, aos poucos, ficou mundialmente reconhecida pelo seu trabalho.

Em um século em que a agricultura enfrentava desafios e tinha uma presença fortemente masculina, Johanna foi uma exceção. Suas teses contrariavam o *status quo* da época, pois ela insistia no uso de microrganismos para promover a fixação biológica do nitrogênio (FBN) e multiplicar a produção agrícola brasileira, alavancando a agricultura tropical e dando uma nova força motriz à busca de competitividade frente aos grandes mercados.

Ela colocou seu nome na história ao demonstrar um processo totalmente baseado na FBN. Essa descoberta impulsionou todo o programa brasileiro de melhoria da soja, iniciado em 1964. Com isso, o que era comum no Brasil, ou seja, o uso de adubos nitrogenados, foi contrariado por essa técnica demonstrada por Johanna. Ela mostrou que o uso de bactérias poderia impulsionar a fixação do nitrogênio na soja.

A aplicação prática dessa técnica permitiu que o Brasil eliminasse o uso desses adubos químicos, representando uma economia anual de mais de 2 bilhões de dólares, além de demonstrar todo o potencial de sustentabilidade tecnológica do processo, já que essa técnica não gera passivos ambientais.

Johanna foi uma grande visionária ao ir contra o uso de fertilizantes químicos, defendendo a técnica da FBN. Essa contribuição ajudou a transformar o Brasil em uma verdadeira potência mundial na produção de soja no Cerrado e em várias outras regiões, tornando o país uma potência do agronegócio.

A cientista chegou a ser indicada ao Prêmio Nobel de Química pelas suas contribuições. A agricultura do Brasil e a do mundo não seriam mais as mesmas sem as ideias de Johanna Döbereiner.

Em uma época que a participação da mulher era rara na ciência, no mundo e, principalmente, no Brasil, ela contrariou todos os ditames e regras que impediam mulheres de exercer atividades científicas.

Johanna mostrou ao Brasil que o lugar da mulher é na ciência.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Professora Márcia Fonseca, coordenadora da atual etapa do programa, durante o lançamento

Foto: Divulgação/Secties



Outro professor envolvido é Cleber Salimon, aqui na aferição do carbono na vegetação

Foto: Divulgação/Secties

PERIFERIA PESSOENSE

Ação busca reduzir vulnerabilidades

Ideia é mitigar riscos trazidos por mudanças climáticas, tornando as comunidades mais resilientes a desastres naturais

Emerson da Cunha
emerson.aunniao@gmail.com

Cerca de 20 pessoas, entre adultos e crianças, escutavam falar de um novo projeto a ser desenvolvido na Comunidade do S, no Róger, em uma reunião realizada na tarde do dia 5 de março, na Escolinha Virgem dos Pobres. Entre eles, moradores e os chamados “técnicos de campo”, responsáveis por estreitar os laços com a comunidade para pensar juntos soluções de impacto no território vulnerabilizado pelas mudanças climáticas. O projeto chama-se Comunidade do S: território vivo e é desenvolvido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-PB). Ele visa mapear soluções baseadas na natureza (SBN), ações da comunidade que, conscientemente ou não, ajudam a combater os riscos e efeitos trazidos pelas mudanças climáticas, tornando a comunidade mais resiliente frente aos desastres naturais. A ideia é que uma ação seja identificada e aprimorada, reforçando seu impacto positivo na comunidade. De acordo com o projeto, podem ser jardins de chuva, canteiros pluviais e drenantes, barreiras vegetais ou fitorremediação.

No ano de 2025, a proposta foi selecionada pelo edital Periferias Verdes Resilientes, junto a outros seis projetos em todo o país, dentro de um grupo de mais de 90 projetos inscritos. O certame integra o Periferia sem Risco, estratégia que orienta as ações do Departamento de Mitigação e Prevenção de Risco da Secretaria Nacional de Periferias (SNP) do Ministério das Cidades. A partir da seleção, o projeto deverá receber o recurso de cerca de R\$ 2,5 milhões a ser aplicado ao longo de 18 meses. O edital buscou propostas que estruturassem iniciativas de adaptação de periferias urbanas às mudanças climáticas, com foco na aplicação de soluções baseadas na natureza (SBN), a partir de macroáreas prioritárias determinadas pelo programa Periferia Viva. No caso da Paraíba, seria o território do Porto do Capim. Além de João Pessoa, os projetos selecionados serão de

IAB-PB

Entidade procura criar ações de adaptação climática baseadas na dinâmica da natureza e desenvolvidas pela própria comunidade

envolvidos nas cidades de Olinda (PE), Belo Horizonte (MG), Colombo (PR), Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA) e Santo André (SP).

Segundo o edital, as soluções baseadas na natureza (SBN) tratam de “tecnologias mimetizantes — apoiadas e inspiradas em elementos, estruturas e funções da natureza —, que, contribuindo para a adaptação inclusiva das periferias urbanas às mudanças climáticas, proporcionam benefícios diretos e indiretos, não apenas para os ecossistemas, mas também, e sobretudo, para as famílias, favelas e comunidades urbanas envolvidas”. Ou seja, são soluções de adaptação climática baseadas na própria dinâmica da natureza e desenvolvidas pela própria comunidade. A pretensão é promover a melhoria da qualidade ambiental das cidades. Podem ser diversas as soluções encontradas: jardins de chuva, telhados e lajes verdes, composteiras, hortas comunitárias, praças arborizadas, filtragem de água da chuva, canteiros pluviais, proteção de nascentes.

“A gente faz um diagnóstico, um retrato de que essa camada das mudanças climáticas afeta de maneira desproporcional justamente as populações que já estão mais vulnerabilizadas, que são aquelas que estão nos territórios periféricos”, reforça o diretor de Regularização, Urbanização Integrada e Qualificação de Territórios Periféricos do Ministério das Cidades, Flávio Brasileiro, que esteve presente na reunião junto com a comunidade no dia 5 de março. “A gente



O envolvimento da comunidade também vem da participação de jovens do próprio território entre os técnicos de campo do projeto

te tem construído uma série de políticas, agendas para calibrar isso que está sendo discutido internacionalmente, que são, por exemplo, as soluções baseadas na natureza, que, muitas vezes, têm tecnologias muito aderentes à realidade da Europa, mas sem tecnologias adequadas ao Sul Global, muito menos aos territórios periféricos”, destaca.

Como acontece o projeto?

O projeto Comunidade do S: território vivo tem por visão atuar de forma participativa. Por isso, o resultado final ainda não pode ser considerado, tendo em vista que será construído junto à comunidade. “A gente não tem como dizer o que vai ser. Como é um projeto que tem uma base totalmente participativa, então a gente não chega assim: ‘Ah, vai ser feita uma praça’. ‘Vai ser feita a limpeza dessas águas aqui’”, explica a arquiteta e urbanista e coordenadora-geral do projeto, Alessandra Soares, que também esteve à frente da reunião. “A gente compreende com a população, entende mais ou menos o que são essas necessidades, e depois disso a gente vai dizer, ‘Ó, a gente sabe que a prefeitura está atuando aqui’, ‘A gente sabe que o governo

está atuando naquele lado’, e quais são os espaços que não têm atuação para que a gente possa atuar e que é interessante a partir do que a população falou. Pode ser que surja uma praça, algum mecanismo de limpeza de água, uma ponte”, cita Soares.

O plano do projeto divide-se em três etapas: leitura do território, com produção de dados do local; as oficinas de formação técnica da comunidade, com construção do projeto a ser desenvolvido; e a execução no território de obra de pequeno porte. As oficinas são locais de escuta ativa pelas quais a equipe poderá entender quais os problemas ambientais da comunidade e que soluções já foram dadas, de alguma forma. “O projeto parte, principalmente, da escuta e da compreensão das práticas sociais já existentes no território, ou seja, do que as pessoas já fazem para resolver problemas e para viver”, destaca Alessandra.

Comunidade participante

O envolvimento da comunidade também vem da participação de jovens do próprio território entre os técnicos de campo do projeto. A técnica em Arquivologia e Bibliografia Técnica Milena Ro-

drigues mora desde os três anos na Comunidade do S, e está contribuindo para levantar informações sobre o passado do local para ajudar a fazer a leitura do território e contribuir para as formações. “Nesse momento, eu estou intermediando essa comunicação com a comunidade. Tenho fornecido meus trabalhos arquivísticos para o IAB. Também tenho ajudado nos registros, na recuperação da memória da comunidade”.

Ela relata que o trabalho com os arquivos e registros da comunidade a fazem perceber os problemas ambientais já existentes no entorno no passado. “O avançar da comunidade foi se constituindo, se estabelecendo pelo aterramento do mangue”, frisa a jovem. “Começou a ter muito impacto. Como é uma área que alaga, muitas casas alagam também. Antes, não tinha, porque todo mundo morava lá dentro [do Lixão do Róger], muitos moravam dentro do lixão. Quando foram invadindo para a área de cá, onde era realmente um mangue, tem essa vazão de água muito grande, então começaram a ser muito impactados os próprios moradores com o tempo”.

O projeto tem resultado

no conhecimento e aprofundamento da história da comunidade, suas origens, fazendo entender de onde se vem e estudando para onde ir, em questão de melhoria do meio ambiente. É o que acha Ricardo Silva, liderança local que tem família na Comunidade do S há 15 anos e mora há três no local, e também está atuando como técnico de campo. “A gente fez uma pesquisa com os moradores da comunidade local e o que eles passaram é que aqui tem uma necessidade maior de mais plantações, mais árvores, mais vegetação e também uma área de lazer em relação à quentura, ao calor, tipo piscina, ou fonte mesmo de água”. Outros pontos sensíveis aparentes também se referem aos alagamentos e à legalização de água e energia.

Proposta foi selecionada pelo edital Periferias Verdes Resilientes, em meio a mais de 90 outros projetos



Entre as soluções, estão jardins de chuva, telhados verdes, hortas comunitárias, praças arborizadas, filtragem de água da chuva, canteiros pluviais etc.

Foto: João Neto/Botafogo

Lance do jogo disputado no dia 24 de janeiro, em que as equipes empataram em 1 a 1 pela fase de classificação



PARAIBANO 2026

Decisão começa no Marizão

Sousa e Botafogo enfrentam-se, hoje, a partir das 17h, em busca de vantagem para o jogo de volta, no próximo dia 21

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Inicia, hoje, no Sertão, a grande final do Campeonato Paraibano 2026. Após 49 partidas, nas próximas duas, será conhecido o campeão do torneio de futebol do estado. No Marizão, às 17h, Sousa e Botafogo fazem o primeiro enfrentamento da decisão. Os dois clubes chegam à terceira final consecutiva (2024, 2025 e 2026); nas duas anteriores, o Dino levou a melhor. Agora, o Belo entra com espírito de revanche, em busca de um título que não conquista desde 2019. O duelo de volta será no Almeidão, sábado (21), às 16h45.

O confronto entre o clube da capital e o clube sertanejo tornou-se uma das maiores rivalidades da atualidade, recheado de polêmicas. Para além das decisões recentes, quando se enfrentam, as equipes têm protagonizado grandes jogos. No último encontro, na terceira rodada da fase classificatória, empataram em 1 a 1, no Almeidão. Fora de campo, houve troca de farpas entre Fillipe Félix, presidente do Botafogo SAF, e Aldeone Abrantes, presidente do Sousa.

Para chegar até a final, o Sousa fez nove partidas na primeira fase, tendo somado 15 pontos. Venceu quatro jogos, empatou três e perdeu duas. Na tabela de classificação, foi o terceiro melhor, enfrentando o Campinense na semifinal. Com placar agregado de 1 a 1, nos dois duelos, o Dinossauo do Sertão levou a melhor nas penalidades (4 a 2) e avançou para a decisão.

Já o Botafogo teve a melhor campanha da fase classificatória. Após

nove partidas, acumulou 16 pontos, tendo quatro vitórias, quatro empates e uma derrota. Na semifinal, passou com agregado de 3 a 2, diante do Serra Branca. O bom desempenho geral vai permitir que a equipe pessoense faça o segundo jogo da final no Almeidão, tendo mais uma oportunidade de quebrar o jejum de títulos.

O clube da Maravilha do Contorno é o maior campeão paraibano com 30 taças, mas não vence a competição desde 2019. Nas próximas duas partidas, terá mais uma chance de quebrar o jejum que tem incomodado o torcedor. Nos anos de fila, o Belo foi vice-campeão em 2022, 2024 e 2025. A perda do título nas últimas temporadas, segundo atletas e comissões que passaram pela equipe, afetou o desempenho na sequência das competições, principalmente na busca pelo acesso à Série B.

Jogo no Marizão

O Belo terá uma dura missão na tarde de hoje. O clube pessoense não tem um bom retrospecto atuando na praça esportiva sousense, tendo vencido apenas três dos últimos 10 jogos que fez no estádio. A última vitória alvinegra foi na fase classificatória do Estadual do ano passado (2 a 1), que quebrou uma sequência de quatro confrontos sem vencer na cidade do Sertão.

Em mata-mata, o retrospecto é ainda pior. A última vitória do Botafogo ocorreu na semifinal do Segundo Turno do Campeonato Paraibano de 2008. No jogo de volta, a equipe pessoense venceu por 1 a 0, no entanto, havia perdido na ida por 4 a 2, dentro do Almeidão, sen-

do eliminada no agregado (4 a 3). É verdade que, desde então, tiveram apenas cinco encontros (2016, 2018, 2023, 2024 e 2025), de acordo com o site Bola na Área.

Além dos três triunfos, nas 10 partidas que fez no Marizão, desde 2017, o Alvinegro perdeu quatro e empatou três. No recorte de derrotas, há uma das maiores goleadas da história do confronto. Em 2023, o Dino venceu por 5 a 1. A vitória elástica daquele ano classificou a equipe de Aldeone Abrantes para a final, a qual perderia para o Treze.

Em toda história, conforme Raimundo Nóbrega, entusiasta e pesquisador da história do Botafogo, Dino e Belo estiveram frente a frente em 108 oportunidades. O alvinegro tem 52 vitórias, o Sousa tem 28 triunfos, e ainda ocorreram

28 empates. No Marizão, palco do primeiro jogo da final, o Sousa é quem tem vantagem. Ao todo, foram 49 jogos, com 22 triunfos dos donos da casa e 13 do Belo, além de 14 empates.

Virada de chave

Em meio às disputas do Paraibano, o Sousa jogava a Copa do Brasil, mas foi eliminado do torneio na última quinta-feira (12), de forma polêmica. Agora, focará 100% nos dois jogos contra o Botafogo, que teve a semana cheia para treinar. A participação na competição nacional acabou após bom jogo contra o CRB, enquanto tinha 11 jogadores em campo.

Aos 14 minutos do segundo tempo, Veraldo teria feito um gesto obsceno para o técnico Eduardo

Barroca, do CRB. Por conta desse ato, o árbitro Wagner do Nascimento Magalhães expulsou o atacante do Sousa. Com superioridade numérica em campo, os alagoanos marcaram dois gols (Mikael e Guilherme Pato), vencendo por 2 a 0.

Aldeone Abrantes e Alessandro Telles reclamaram bastante após a partida. O dirigente, principalmente, culpou o quarto árbitro Bruno Monteiro da Federação Paraibana de Futebol (FPF), que relatou ao árbitro principal o possível gesto obsceno. O treinador do Sousa não quis polemizar a situação e destacou que não tinha tempo para lamentar. Segundo ele, a partida contra o Botafogo é uma nova oportunidade e nova chance para ter um resultado e desfecho diferente em outro campeonato.

Últimos 10 duelos no Marizão				
23/03/2025	Sousa	1 x 0	Botafogo	Paraibano 2025
22/2/2025	Sousa	1 x 2	Botafogo	Paraibano 2025
6/4/2024	Sousa	0 x 0	Botafogo	Paraibano 2024
26/3/2023	Sousa	5 x 1	Botafogo	Paraibano 2023
11/1/2023	Sousa	1 x 1	Botafogo	Paraibano 2023
3/4/2022	Sousa	2 x 1	Botafogo	Paraibano 2022
15/4/2021	Sousa	0 x 1	Botafogo	Paraibano 2021
19/7/2020	Sousa	1 x 1	Botafogo	Paraibano 2020
7/3/2018	Sousa	1 x 0	Botafogo	Paraibano 2018
15/1/2017	Sousa	0 x 1	Botafogo	Paraibano 2017

ANA CLÁUDIA

Atleta segue destacando-se no triatlo

Paraibana é a única do Nordeste a participar do Training Camp Nacional que vai até o dia 20, no Rio de Janeiro

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A jovem paraibana Ana Cláudia, de 15 anos, segue se destacando no cenário nacional do triatlo e conquistando espaço entre as promessas do esporte brasileiro. A atleta foi convocada para participar do Training Camp Nacional 2026 das categorias Youth e Junior, promovido pela Confederação Brasileira de Triathlon (CBTri), e também garantiu vaga nos Jogos Sul-Americanos da Juventude, que serão realizados no Panamá, de 17 a 19 de abril de 2026. Ela viaja hoje rumo ao Rio de Janeiro, onde fica no Centro de Treinamento do Comitê Olímpico do Brasil, para se preparar para o torneio internacional. Ela é a única atleta do Nordeste no Training Camp e vai treinar ao lado de Luisa Vilha Ribas, do Paraná e mais duas atletas de São Paulo, Maria Fernanda e Maria Paula.

Ana Cláudia viaja para se apresentar à Seleção Brasileira, onde participará dessa preparação intensa até o dia 20 de março. A atividade faz parte de um programa de desenvolvimento de atletas da CBTri voltado para a formação de novos talentos e para a preparação de jovens que podem representar o país em futuras competições internacionais, incluindo o ciclo olímpico que mira os Jogos de Brisbane 2032, na Austrália.

A convocação é fruto de uma sequência de bons resultados da atleta em competições nacionais. No dia 30 de novembro de 2025, Ana Cláudia participou do Campeonato Brasileiro de Triathlon, realizado em Vila Velha, no

Espírito Santo, onde conquistou o vice-campeonato na categoria Junior A.

O resultado garantiu a vaga da paraibana para disputar os Jogos Sul-Americanos da Juventude de 2026, competição realizada a cada quatro anos e que reúne alguns dos principais talentos do continente. Já em 2026, Ana voltou a subir ao pódio. No dia 22 de fevereiro, ela disputou a primeira etapa do Campeonato Brasileiro de Triathlon, em Matinhos, no Paraná, e novamente conquistou o vice-campeonato na categoria Junior A. O desempenho reforçou seu bom momento e foi um dos fatores que contribuíram para sua convocação para o Training Camp Nacional. Com a vaga confirmada para os Jogos Sul-Americanos da Juventude, a atleta paraibana agora intensifica a preparação para o desafio internacional.

A expectativa da jovem triatleta é grande para a competição no Panamá, onde Ana Cláudia espera alcançar um bom desempenho, dando sequência ao seu bom momento atual, nesse que é o início de uma trajetória no esporte imensamente promissora. Ela quer consolidar o trabalho no triatlo de alto rendimento e levar o nome da Paraíba ao cenário esportivo sul-americano.

“As minhas expectativas são altas para o Sul-Americano. Estou trabalhando muito e querendo estar entre as 10 melhores da competição. Antes disso, temos essa preparação importante no Training Camping. Eu espero que eu consiga bons resultados nos testes e também no campeonato internacional”, comentou Ana Cláudia.



Ana Cláudia conquistou o segundo lugar no Campeonato Brasileiro, disputado em Vila Velha (ES), na categoria Junior A

FÓRUM DA MULHER

COB debate a equidade de gênero com lideranças do esporte

O III Fórum Mulher no Esporte, realizado pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) no dia 17 de março, em Brasília, reunirá lideranças do esporte, da comunicação, da saúde e do mercado para discutir desafios estruturais e caminhos para o avanço da equidade de gênero no esporte. Entre os destaques da programação, está a participação de José Roberto Guimarães, técnico multimedalista olímpico com a Seleção Brasileira feminina de vôlei, e a entrega do Prêmio Melânia Luz para Luciene Resende, presidente de honra da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).

No painel “Linha de Cuidado da Mulher Atleta: Gestão, Pós-parto e Retorno ao Alto Rendimento”, Zé Roberto, referência na condução de equipes femininas de alto rendimento, traz para o debate a perspectiva prática de quem acompanha, há décadas, a trajetória de atletas mulheres em diferentes fases da carreira. A discussão pretende levantar pontos como a criação de uma linha de cuidado integral para atletas durante a gestação, o pós-parto e o retorno ao alto rendimento, a partir de uma abordagem multidisciplinar que considere aspectos físicos, emocionais, sociais e institucionais.

Para Zé Roberto, o fórum

representa um espaço fundamental de reflexão e aprendizado dentro do Movimento Olímpico. “O Fórum Mulher no Esporte é muito importante no Movimento Olímpico. É um lugar para pensarmos em formas de avançarmos em mais oportunidades para mulheres no esporte e, para isso, pensar a equidade de gênero é fundamental. Espero poder contribuir e aprender nos debates com as lideranças nacionais e internacionais”, destaca o treinador.

Manoela Penna, diretora de Comunicação, Marketing e Valores Olímpicos do COB, acredita que ampliar o diálogo e envolver diferentes vozes é fundamental para o enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte. “O debate sobre equidade de gênero

ro só vai avançar quando deixar de ser um debate restrito às mulheres. Esse é um passo importante para que todos se reconheçam como parte ativa dessa mudança, refletindo sobre seus papéis, privilégios e responsabilidades nessa construção de um esporte mais inclusivo”, afirma.

Prêmio Melânia Luz

Outro momento marcante será a entrega do Prêmio Melânia Luz à Luciene Resende, presidente de honra da CBG. A homenagem reconhece a trajetória e contribuição para o desenvolvimento do esporte brasileiro e para a ampliação da presença feminina em posições de liderança. Emocionada, Luciene ressaltou o simbolismo deste reconhecimento.

“Recebo essa homenagem

com muita gratidão e emoção. Como mulher nordestina, sei o quanto muitas de nós precisamos romper barreiras para ocupar nossos espaços. O legado de Melânia Luz simboliza exatamente essa força das mulheres que desafiaram limites e ajudaram a construir o caminho que hoje seguimos no esporte brasileiro. Divido essa homenagem com todas as mulheres que seguem lutando por um ambiente esportivo mais justo, diverso e inspirador”, disse Luciene.

Maria Luciene Cacho Resende foi presidente da Confederação Brasileira de Ginástica, eleita em 2009, após ter atuado como vice-presidente da entidade desde 2004. Formada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe, construiu uma trajetória como atle-

ta, treinadora, árbitra e gestora. Durante sua gestão, a ginástica brasileira avançou de forma consistente no cenário internacional, com a conquista de medalhas olímpicas inéditas e o fortalecimento institucional da modalidade. Luciene também teve atuação relevante em organismos internacionais, como vice-presidente da União Pan-Americana de Ginástica (UPAG) e membro do conselho da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Luciene Resende junta-se às ex-atletas Joanna Maranhão, da natação, e Rosângela Santos, do atletismo, premiadas em 2025. Já na primeira edição do evento, em 2022, Aída dos Santos teve sua trajetória celebrada pelo pioneirismo no esporte. Ela terminou a disputa do salto em altura em quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Tóquio 1964, ostentando a melhor classificação olímpica de uma atleta brasileira por 32 anos.

Políticas de equidade

Entre outros assuntos em pauta nesta edição do fórum, estão as políticas de equidade no Movimento Olímpico, com foco na transição do compromisso institucional para a implementação efetiva; o mapeamento das organizações esportivas e das boas práticas relacionadas à igualdade e inclusão da mulher no esporte;

e discussões sobre diretrizes de representação de gênero e como a mulher é retratada pela sociedade.

O III Fórum Mulher no Esporte reúne gestoras, atletas, profissionais da saúde, pesquisadoras, representantes de organismos internacionais e do mercado esportivo para debater políticas de equidade, inclusão e os desafios contemporâneos relacionados à presença feminina no esporte. O evento acontece no próximo dia 17, em Brasília, das 8h às 18h.

A primeira edição do Fórum Mulher no Esporte foi realizada em agosto de 2022, no Rio de Janeiro, reunindo cerca de 200 convidados em torno de debates sobre equidade de gênero na prática esportiva, crescimento da participação feminina no esporte e a importância do investimento na carreira da mulher-atleta. Na ocasião, a atleta Aída dos Santos foi homenageada. Já a segunda edição, realizada em abril de 2025, também no Rio de Janeiro, contou com aproximadamente 300 participantes e aprofundou discussões sobre liderança feminina, treinadoras de alto rendimento e a continuidade da promoção da equidade de gênero no Movimento Olímpico após os Jogos de Paris, além de marcar o lançamento do Prêmio Melânia Luz.



José Roberto, técnico da Seleção Brasileira de vôlei feminino, será um dos palestrantes

COPA DE 1958

Fifa relembra o 1º título do Brasil

Entidade destaca a ascensão de Pelé, a chegada de Garrincha e a caminhada de Didi para a consagração da Seleção

De acordo com a Fifa, a caminhada da Seleção Brasileira até o quinto título começou na Suécia. Quer dizer: ao menos a história vencedora do Brasil como único pentacampeão da Copa do Mundo da entidade. No que dependesse da memória do garoto Pelé, porém, as derrotas do passado também fizeram parte da construção do triunfo da Seleção no Estádio Rasunda, em Solna, na Suécia — em especial a mais dolorosa delas.

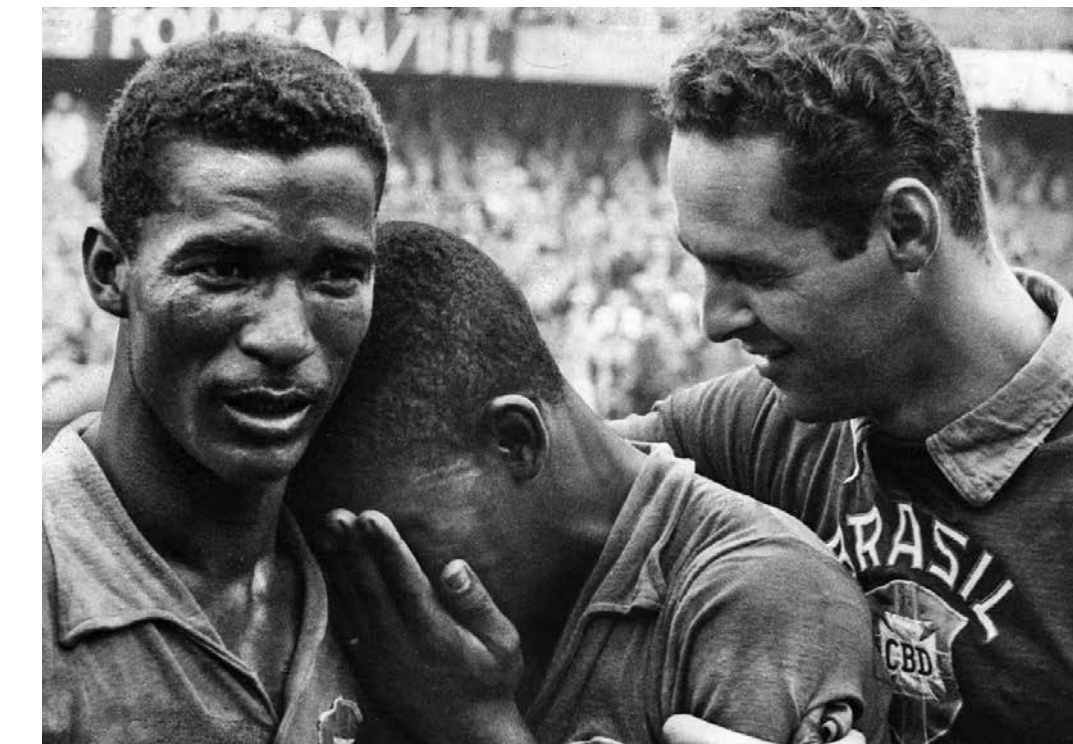
Oito anos antes, o ainda mais jovemzinho Edson Arantes do Nascimento comoveu-se com as lágrimas de seu pai, Dondinho, escutando na sala de casa o relato do Maracanazo. Ali, naquele momento, fez uma promessa — ou profecia? — de que trataria de remediar tamanha tristeza.

Ao lado de verdadeiros mitos brasileiros, como o inigualável Garrincha, e veteranos de extrema classe, como Didi, Nilton e Djalma Santos, com apenas 17 anos de idade — pasme! —, Pelé deu um peso diferente à camisa 10, deixando adversários e a plateia sueca atônitos. A cabeça dos jogadores brasileiros ficou atordoada por alguns instantes, eles admitem. Mas o talento daquele esquadrão se mostraria insuperável.

O artilheiro Vavá fez os dois primeiros gols da virada. Pelé também registrou uma dobradinha, com direito a um gol antológico, aplicando chapéu no meio da área. Até o tático Zagallo mostrou seu valor ofensivo para a primeira e única Seleção a marcar mais de quatro gols numa final de Copa.

O começo meio diferente

O Brasil não deu chance à Áustria em sua estreia: 3 a 0. Mas sua escalação, podem reparar, omitia dois nomes que entrariam para a história daquele torneio e do futebol: Gilmar; De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Dino Sani e Didi; Joel, Ma-



Pelé chora de alegria nos braços de Didi e também é acolhido pelo goleiro Gilmar, em 1958

zzola, Dida e Zagallo. Onde estavam Pelé e Garrincha? No banco. Assim como aquele que viria a ser o artilheiro brasileiro no torneio, Vavá. As explicações para as ausências eram distintas. Pelé, num amistoso a três dias do embarque para a Suécia, sofreu uma violenta pancada e machucou o joelho — por sorte, o médico da Seleção, Hilton Gosling, previu que ele teria condições de se recuperar durante o Mundial, embora já descartasse sua escalação no primeiro jogo. Vavá ainda brigava por espaço. Garrincha, por outro lado...

Anjo de pernas tortas

Até 1958, o endiabrado ponta-direita havia jogado apenas duas vezes pela Seleção — escalado, digase de passagem, na esquerda. O mesmo ousado futebol que deslumbrou na Copa do Mundo suscitava questionamentos na imprensa brasileira à época sobre quão saudável poderia ser a suposta “falta de seriedade” do emergente ídolo botafoguense. Joel, por outro lado, ganhava elogios constantes sobre sua aplicação tática

Após o empate por 0 a 0 com a Inglaterra na fase de grupos (o primeiro da história das Copas), Garrincha en-

fim foi lançado ao time titular, num rearranjo tático que também passou pela entrada do volante Zito, mais marcador, no meio.

Contra a União Soviética, o atacante atormentou a defesa, fez a plateia gargalhar e nunca mais saiu do time. Em 1962, lideraria a Seleção rumo ao bi.

A caminhada de Didi

Quando Liedholm abriu o placar para a Suécia na final, o coração dos jogadores em campo e dos milhões de torcedores em casa foi a mil. Mas Didi, o Príncipe Etíope, manteve a compostura. Na verdade, fez muito mais que isso. Recebeu a bola de Bellini quase dentro do gol brasileiro e caminhou a passos lentos, de modo altivo, rumo ao círculo central. Para quem o interpelasse em desespero (Zagallo entre eles), avisava que o Brasil iria ganhar. E como ganharam por 5 a 2 da Suécia.

Levanta a taça!

O rei Gustaf VI Adolf foi a campo para cumprimentar os campeões. A taça passou de mão em mão entre autoridades até chegar ao capitão brasileiro, o zagueiro Bellini. Em busca de um melhor ângulo, consta que os fotó-

grafos presentes pediram para que o zagueiro erguesse a Taça Jules Rimet. O gesto do beque brasileiro, assim no improviso, acabou virando um ritual.

Amarelo e azul

Só havia duas seleções naquela Copa do Mundo que tinham o amarelo como a cor de seu uniforme principal: justamente Brasil e Suécia. A etiqueta da época sugeria que os anfitriões vestissem um uniforme alternativo, mas os escandinavos não fizeram essa concessão.

Após sorteio, foi definido que a Seleção Brasileira não vestiria a Amarelinha. Acontece que o segundo uniforme brasileiro, branco, remetia à derrota de 1950, e aí a superstição entrou forte em campo. O roupeiro Francisco de Assis foi incumbido de buscar um novo kit para o grupo, e achou o manto azul, hoje eternizado.

Na véspera da partida, tentando confortar os jogadores, o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, lembrou em discurso que azul era a cor de Nossa Senhora Aparecida. Não só isso: todos os países que, antes, haviam jogado a final da Copa com esta cor terminaram campeões.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Vai ter Copa Paraíba?

Ainda nem acabou o Campeonato Paraibano, que por sinal começa a acabar hoje, com a partida de ida entre Botafogo-PB e Sousa, no Marizão, pela final do Estadual, e a Federação Paraibana de Futebol (FPF) já começa a lidar com uma polêmica importante. É que a FPF, que prometeu realizar uma Copa Paraíba no segundo semestre deste ano, reservando ao seu campeão uma vaga na Copa do Brasil 2027, não pode simplesmente fazer isso ao seu bel-prazer. A realidade já bateu na porta da entidade.

Vamos aos fatos. Para que a FPF organize a competição e disponha de uma vaga paraibana na Copa do Brasil do ano que vem, ela tem uma missão a cumprir: convencer a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a mudar para o ano que vem o regulamento da competição nacional. É que, de acordo com o sistema de disputa do campeonato, federações que têm direito a três vagas para a competição só podem indicar clubes oriundos dos seus campeonatos estaduais. Não pode ser de torneios seletivos.

É o caso da Paraíba, que, em 2026, pela primeira vez, após uma reestruturação na Copa do Brasil realizada pela CBF, tem três clubes no torneio. E assim vai ser em 2027. De modo que, para reservar uma vaga na Copa do Brasil no ano que vem para o vencedor da Copa Paraíba desse ano, o regulamento do torneio nacional terá que ser modificado.

Para além disso, a FPF estabeleceu critérios para a participação na Copa Paraíba que, ao meu ver, desnecessariamente, limita a quantidade de clubes aptos a disputar o torneio. E por que é desnecessário, Pedro? Porque ela coloca a legitimidade do torneio para garantir vagas em competições nacionais muito em xeque, aproximando-se sempre do mate. Explico!

De acordo com o Manual de Competições da CBF, antigo Regulamento Geral de Competições, um torneio seletivo — caso da Copa Paraíba — para ser legítimo para oferecer vagas em competições nacionais precisa ser disputado por no mínimo seis clubes, sendo três clubes da 1ª divisão do Estadual.

A Federação Paraibana de Futebol estabeleceu que estão aptos para disputar a Copa Paraíba apenas os clubes da elite do futebol paraibano que não caíram de divisão e que não chegaram à final. Ou seja, os seis clubes que não chegaram à decisão e que não foram rebaixados no Paraibano de 2026.

Com isso, o torneio já nasce no limite da legitimidade, com os seis times necessários para que a competição seletiva possa dar vaga em torneios nacionais. Bastaria uma desistência dos clubes que têm direito a disputar a Copa Paraíba para o campeonato ficar proibido de proporcionar ao campeão uma vaga em competições da CBF. Isso, claro, diante dos critérios divulgados até o momento, na ocasião em que a Copa Paraíba foi anunciada pela presidente Michelle Ramalho como novidade para o calendário do futebol paraibano em 2026.

A desistência de algum clube por questões financeiras, aliás, o que não seria uma realidade tão improvável, afinal vivemos em um contexto em que muitos clubes paraibanos são pobres e podem não querer investir em outro torneio no ano, além do Campeonato Paraibano, nem é a única possibilidade para um clube não querer jogar o campeonato. É que, enquanto não tiver uma definição clara de que a Copa do Brasil vai modificar o regulamento, o terceiro colocado do Estadual deste ano, no caso, o Campinense, pode boicotar o campeonato. Alegando que a terceira vaga na Copa do Brasil do ano que vem é dele. O que a rigor, diante do cenário atual, faz sentido. Não só boicotar não disputando, mas fazendo um legítimo lóbi para que o torneio não ocorra. Futebol é política, cara pálida.

Nada impede, no entanto, de uma correção de rota. Sobre tudo após a FPF enxergar essas questões expostas e refletidas nesta coluna. A primeira missão é clara. Para a Copa Paraíba sobreviver como torneio que poderá dar uma vaga na Copa do Brasil, ele vai precisar que a mãe, CBF, assinalasse oficialmente que vai modificar para o ano que vem o critério de classificação para seu torneio nacional, aprovando indicações via torneio seletivo para federações que possuem direito a três vagas. Só após isso a FPF pode se debruçar sobre outras problemáticas, que também existem, em nível local.

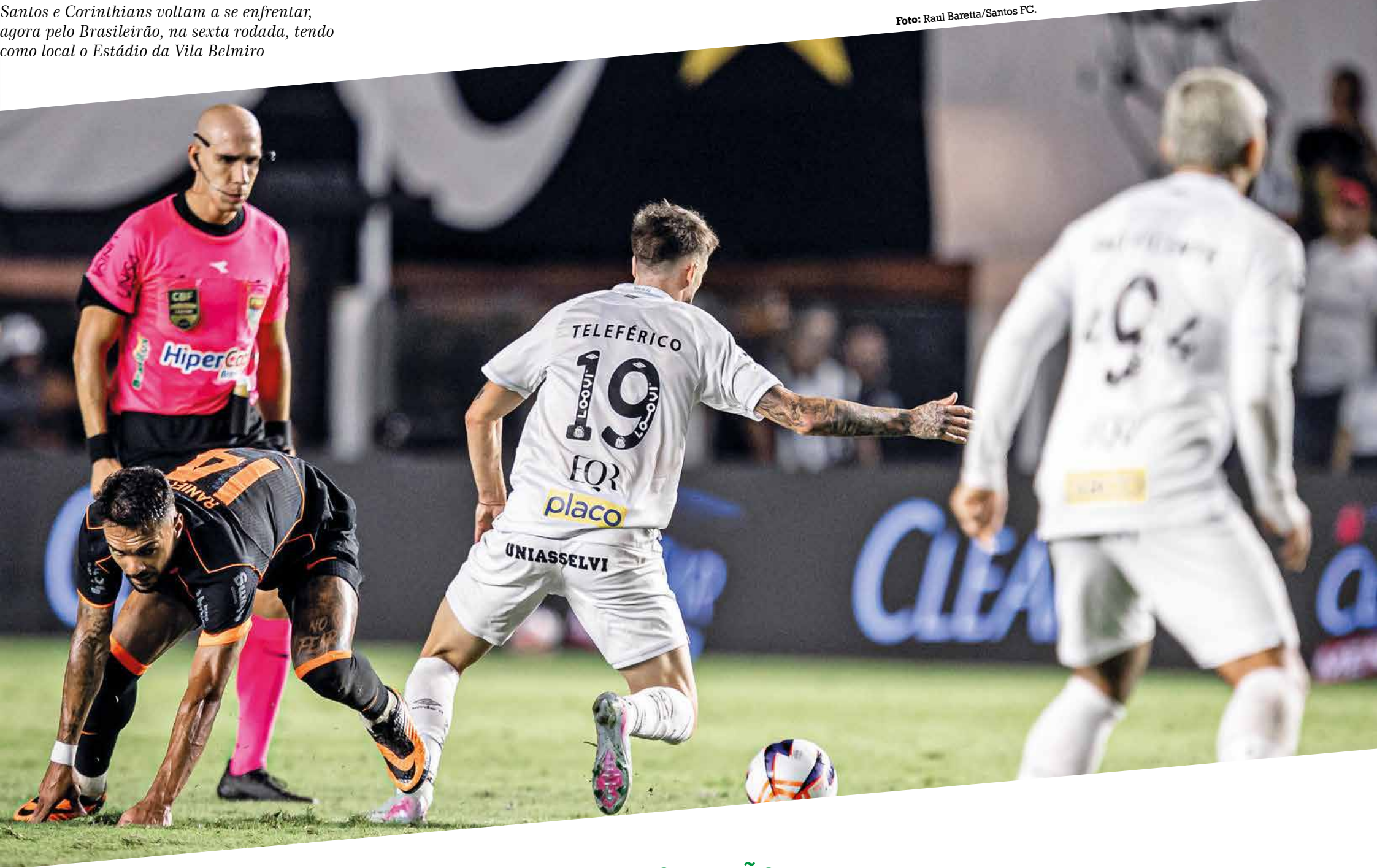
O curioso é que entra ano e sai ano, entra presidente e sai presidente, e parece que no prédio da bola do Tambiá ninguém tem muito o costume de ler regulamentos do futebol. E vai sobrando para mim ser o mensageiro de que as gestões na FPF têm alergia à leitura.



O time titular do jogo final contra a Suécia, na vitória de 5 a 2, que deu o primeiro título de Copa do Mundo ao Brasil

Santos e Corinthians voltam a se enfrentar, agora pelo Brasileiro, na sexta rodada, tendo como local o Estádio da Vila Belmiro

Foto: Raul Baretta/Santos FC.



BRASILEIRÃO

Rodada terá sete jogos neste domingo

Destaques para o clássico paulista entre Santos e Corinthians, na Vila Belmiro; Cruzeiro e Vasco, no Mineirão

Da Redação

Sete jogos dão sequência à sexta rodada do Brasileiro hoje. O destaque deste domingo (15) é o clássico paulista entre Santos e Corinthians, às 16h, na Vila Belmiro, com a provável presença de Neymar no time titular, o que não aconteceu no empate de 2 a 2 com o Mirassol, no meio de semana. No mesmo horário, mais dois jogos: Fluminense e Athletico-PR, no Maracanã, e Internacional e Bahia, no Beira-Rio.

A rodada prossegue às 18h30 com mais dois confrontos. O Palmeiras recebe o Mirassol, no Allianz Parque. Já no Couto Pereira, na capital paranaense, o Coritiba encara o Remo pela rodada. Às 20h30, o Bragantino encara o São Paulo em Bragança Paulista, enquanto o Cruzeiro recebe o Vasco, no Mineirão.

Santos x Corinthians

Um dos jogos mais esperados da rodada é Santos e Corinthians, que fazem o Clássico Alvinegro. A manchete do pré-jogo, sem dúvida, é Neymar. O atacante deve reforçar o Peixe logo mais na Vila Belmiro. Após ser poupado contra o Mirassol para controle de carga, o atacante treinou normalmente e a expectativa é que atue na partida.

O Santos tem cinco pontos em cinco jogos e ocupa o meio de tabela, tendo iniciado a rodada na 12ª colocação. Já o Timão começou a rodada na sétima colocação, com sete pontos. Yuri Alberto treinou na semana e deve começar jogando. A partida tem transmissão da TV Globo, do geTV e também do Premiere, às 16h.

Fluminense x Athletico-PR

O Fluminense volta a campo logo mais às 16h, para enfrentar o Athletico-PR no

Maracanã. A partida coloca frente a frente duas equipes que brigam na parte de cima da tabela. O time comandado por Luis Zubeldía chega com a confiança em alta, após a vitória segura sobre o Remo por 2 a 0. O Tricolor começou a rodada com a terceira colocação com 10 pontos, mesma pontuação do vice-líder Palmeiras e a apenas três do líder São Paulo.

Já o Furacão ocupa a oitava posição com sete pontos, mas vale lembrar

que os paranaenses possuem um jogo a menos na competição, o que torna o confronto de hoje como direto por posição no G-4. O duelo será transmitido pela TV Globo e pelo Premiere.

Internacional x Bahia

O Internacional chega pressionado após perder por 1 a 0 para o Atlético-MG. A equipe soma apenas dois pontos na competição, com dois empates e três derrotas, e precisa vencer para deixar

a zona de rebaixamento. Já o Bahia vem de empate em 1 a 1, no clássico contra o Vitória e acumula oito pontos. O Tricolor busca o triunfo fora de casa para se manter no G-4 do campeonato.

A partida do Beira-Rio tem transmissão da TV Globo para o Rio Grande do Sul e no Premiere para todo o Brasil, às 16h.

Palmeiras x Mirassol

Às 18h30, Palmeiras e Mirassol duelam no Allianz

Parque. O Palmeiras iniciou a rodada na vice-liderança do Brasileiro com 10 pontos conquistados e vem de derrota para o Vasco por 2 a 1, em São Januário. Em casa, o time de Abel Ferreira busca a reabilitação.

Já o Mirassol, por sua vez, encerrou a última rodada na 11ª colocação com seis pontos e, na última rodada, empatou com o Santos pelo placar de 2 a 2 no Maião. A partida em transmissão do Sportv e do Premiere.

Coritiba x Remo

A partida entre dois clubes que subiram juntos, ano passado, para a Série A acontece no Couto Pereira, às 18h30, e reúne times que vivem momentos diferentes. Com três pontos, o Remo inicia a rodada na zona de rebaixamento. Já o Coritiba está na parte de cima tabela, tendo iniciado a rodada em sétimo. O jogo tem transmissão exclusiva pelo Premiere.

Bragantino x São Paulo

Clube que começou a rodada com a liderança da tabela com 13 pontos, o São Paulo visita o Bragantino, no Cícero de Souza Marques. Será o segundo jogo de Roger Machado no comando do Tricolor. O Bragantino, com 10 pontos, mira o G-4. A partida, que começa às 18h30, tem transmissão exclusiva do Premiere.

Cruzeiro x Vasco

O Vasco chega com moral em Minas Gerais para o duelo de logo mais, às 20h30, diante do Cruzeiro, no Mineirão. O clube da colina venceu o Palmeiras por 2 a 1, no meio de semana, e soma quatro pontos, ainda figurando na parte de baixo da tabela, mas fora da zona de rebaixamento. O Cabuloso é o lanterna do torneio com dois pontos. A transmissão ficará a cargo da Record, CazéTV e Premiere.

Neymar

Craque deve voltar a ser titular no jogo de logo mais contra o Corinthians, na Vila Belmiro, depois de ser poupado no jogo diante do Mirassol, no meio de semana



O Internacional perdeu para o Atlético-MG na rodada anterior por 1 a 0, fora de casa, e busca reabilitação contra o Bahia

CULTURA POPULAR

Mestre andarilho da poesia matuta

Um dos homenageados na sétima edição da coleção Paraíba na Literatura, o guarabirense Chico Pedrosa celebra os seus recém-completados 90 anos de vida dedicados aos versos “feitos de terra e chão”

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O dia popularmente dedicado à poesia em solo brasileiro, 14 de março, guarda não só a homenagem ao poeta dos escravizados, Castro Alves, como também a feliz coincidência do nascimento do poeta popular e declamador paraibano, Chico Pedrosa, que completou 90 anos ontem. A trajetória do cordelista é contada pelo conterrâneo e professor Vicente Barbosa, na sétima edição da coleção *Paraíba na Literatura*, com lançamento em breve, pela Editora A União.

Barbosa inscreve o poeta guarabirense na tradição da chamada poesia matuta, na esteira de nomes pioneiros dessa arte, como Patativa do Assaré, Catulo da Paixão Cearense e, o também paraibano, Zé da Luz. “Seus poemas são fala e canto, cuja unidade das composições proclama a autenticidade dos versos colhidos junto à simplicidade do povo. Ele mesmo define a própria poesia quando diz: ‘Doutor, minha poesia / É feita de terra e chão / Não possui galanteios / Dos poetas de salão / É tão simples como a vida / De minha gente sofrida / Perdida na multidão’”, destaca o professor.

Francisco Pedrosa Galvão é fruto colhido do sítio Piripiri, município de Guarabira, único rebento que vingou do tronco dos agricultores Mestre Avelino e dona Ana Maria. Cresceu ao som do balanço do ganzá, tocado pelo pai nas horas vagas e também nas rodas de coco das noites enluaradas. Na escola, só cursou até o 3º ano primário, porque a professora o expulsou. Anos depois, narraria esse trauma da infância nos versos do poema *Revolta dum estudante*:

“Numa página do caderno / onde eu fazia ditado / mandou o seu afilhado / escrever uns palavrões. / No outro dia mostrou-me / eu neguei, ela acusou-me / cheia de má intenções / Minha letra ela conhecia / muito melhor do que eu / viu quem foi que escreveu / e mesmo assim me condenou / por mais que eu implorasse / ela me afastou da classe / conforme premeditou”.

A resposta definitiva ao incidente só veio na juventude, quando, passando pelos infortúnios da vida de retirante nordestino em situação análoga à escravidão, escreveu seu primeiro folheto, *Os sofrimentos dos nordestinos no Triângulo*

lo Mineiro. De volta das Minas Gerais, Pedrosa foi incentivado pelo amigo e também cordelista, Ismael Freire, a dar os primeiros passos na produção de seus próprios folhetos e vendê-los nas cidades do interior. De lá para cá, passou a tirar daí o seu sustento, assim como dos *shows* que realiza em bienais de livros, feiras literárias e outros eventos.

Os versos do poeta sempre estiveram marcados pelas dificuldades vividas pelo povo nordestino. Valendo-se das rimas, ele sempre protestou contra as injustiças, satirizando diferentes situações sociais com irreverência e sutileza.

“Chico se converte num dos últimos representantes vivos da escola de declamadores que tem como referência o poeta paraibano Zé da Luz. Chico é diferenciado, pois seus poemas são múltiplos, ora retrata o cotidiano do sofrer nordestino, ora também denuncia a devastação ambiental, ora fala das injustiças sociais, tudo isso sem perder a veia poética carregada de bom humor”, enfatiza o professor Vicente, ressaltando sua satisfação em escrever sobre o cordelista.

“Foi escrevendo cordéis / Lendo e vendendo nas feiras / Do meu querido Nordeste / Que palmilhei as pri-

meiras / Veredas que me levaram / A ultrapassar fronteiras”, escreveu o cordelista, que ainda hoje vive na estrada, transitando entre Feira de Santana, na Bahia, onde morou por mais de 30 anos e atualmente vivem seus filhos, e Olinda, em Pernambuco, onde possui um apartamento que serve como ponto de apoio para outras andanças pelo país.

Hoje, amanhã e sempre

Na bagagem, Chico Pedrosa carrega a habilidade e a memória dos mais de 300 folhetos publicados, de oito livros, entre eles *Pilão de pedra* (1988), *Raízes da terra* (2004) e *Antologia poética Sertão Caboclo* (2007), além de oito CDs com suas poesias e um DVD de causos e cantos, gravado no Teatro de Santa Izaabel. Aposentadoria é palavra que não faz parte dos versos do nonagenário. Para os próximos meses, após a realização de uma cirurgia de catarata, ele já possui agenda confirmada de participação em feiras de cordéis em Salvador (BA), Fortaleza (CE), Brasília (DF), São Paulo (SP) e Feira de Santana (BA).

“Eu vivo trabalhando, porque, se ficar pa-

rado, o bicho pega. Não pode ficar parado, não. A gente vai para essas feiras como convidado, e lá expomos nossos cordéis e livros, fazemos uma apresentação no palco do evento e ainda recebemos um cachezinho e, assim, a gente vai levando a vida, como Deus quer. Para nós, a nossa festa é essa”, revela, ao ser perguntado sobre as comemorações pelos 90 anos de idade.

Ainda que se considere um andarilho, a Paraíba continua ocupando lugar especial no seu coração. Numa das poesias, exaltou as qualidades de sua terra natal, da qual germina como semente através de seus versos e sua voz.

“Chico tem dado um grande contributo ao mundo literário paraibano, pois sua rica obra tem sido levada às escolas, sendo debatida e estudada nas universidades e outros espaços culturais e literários espalhados pelo estado e país afora. A obra de Chico jamais envelhecerá. Ela será de hoje, de amanhã e de sempre. Quando, por exemplo, ele dá enfoque à questão ambiental, demonstra, aí, sua grandeza e perspicácia com o que acontece no mundo atual, com um tema recorrente e que preocupa o planeta”, pontua o professor Vicente Barbosa.



Foto: Alexandre Macedo/Arquivo pessoal

Com oito livros e mais de 300 folhetos de cordel publicados, Pedrosa é um dos últimos representantes vivos da escola de declamadores que tem como referência o poeta Zé da Luz (1904-1965)



Ilustração: Bruno Chiozzi

Dono de uma carreira de sucesso no teatro, no cinema e, sobretudo, na teledramaturgia, o paraibano trabalhou mais de três décadas em novelas e minisséries da Rede Globo

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Nem todo gancho jornalístico fiska da forma correta

No dia 22 de fevereiro de 2026, um homem destruiu a casa da ex-mulher no Sertão da Paraíba e também matou um animal de estimação da vítima, para atingi-la emocionalmente. A morte do bichano foi usada como gancho jornalístico, quatro dias depois, na CBN João Pessoa, para discutir maus-tratos a animais. A abordagem, no entanto, me soou estranha.

A quem não é da área: “gancho” é o pretexto jornalístico. É o motivo para algo ser abordado por um veículo em dado momento, mesmo que o tema seja antigo ou “frio”, mas que ganha atualidade porque ganhou relevância circunstancial.

Explico. Considero equivocada a escolha do tema a partir do ocorrido no dia 22. Antes que me julguem como desumana ou inimiga dos animais, aviso logo: sou tutora de duas gatas lindas e muito queridas. Zelo por elas.

Parece-me, no entanto, inadequado usar um caso de violência contra a mulher como gancho para um debate sobre crimes contra animais. O desconforto aumentou porque, no dia 21, em outro município paraibano, um homem foi preso após atear fogo na casa da namorada, com o enteado dentro do imóvel.

Meu estranhamento é ainda maior porque, somente em 2025, conforme reportagem publicada pelo jornal A União, o Brasil registrou 6.904 vítimas de casos consumados



Programa usou um caso de violência contra a mulher para puxar um debate sobre maus-tratos a animais

e tentados de feminicídio em 2025, o que representa um aumento de 34% em relação ao ano anterior.

“Gancho”, no Dicionário da Comunicação (Editora Paulus, com organização de Ciro Marcondes Filho), é definido como o “motivo que proporciona ou justifica a publicação de uma matéria, pela primeira vez ou como continuação de outras(s)”. O termo também é apontado como um “recurso para renovar o interesse do leitor ou espectador”.

Ana Paula de Moraes Teixeira, autora do verbete no dicionário citado, lembra

que o gancho é o fio condutor da matéria. “Uma pauta pode conter mil instruções, mas se não tiver um gancho bem definido, que conduza todo o processo, dificilmente a matéria ficará bem estruturada do ponto de vista jornalístico”.

Algumas ressalvas: 1) a CBN João Pessoa aborda de forma responsável casos relacionados à violência contra a mulher, inclusive na semana da reportagem mencionada; 2) o conteúdo sobre maus-tratos a animais era interessante, com citação de normas específicas e úteis aos cidadãos.

Meu questionamento é sobre o timing e a escolha do enfoque. Nem todo gancho fiska da forma correta. A redação, por exemplo, poderia ter explorado a violência contra a gata, no caso do Sertão paraibano, relacionando-a a outros episódios em que atuais ou ex-companheiros atacam animais para atingir mulheres. E não são poucos os casos desse tipo.

Em 2021, foi defendida uma tese de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) intitulada A conexão entre as violências: um diagnóstico da relação entre os maus-tratos aos animais e a violência interpessoal. Entre os achados do estudo, destaca-se que mulheres vítimas de violência doméstica foram, em sua maioria, agredidas por cônjuges ou ex-cônjuges, sendo comuns as violências psicológica, moral e física. Em parte dos lares onde havia animais de estimação, eles também sofriam algum tipo de maus-tratos, sendo espantamento e agressão psicológica os mais frequentes.

O gancho não pode ser tratado apenas como um detalhe técnico. Trata-se de uma escolha editorial que direciona a pauta e tem potencial para influenciar a percepção do público sobre o tema. Quando o mote desvia o foco de uma violência maior para outra que dela deriva, corre-se o risco de relativizar o que é estrutural e urgente. A escolha do gancho adequado é, também, um exercício de jornalismo crítico.

Sebastião Vasconcelos

Um grande ator que nunca escondeu as suas raízes

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Cangaceiro, retirante, porteiro, pianista, pescador, pai de família fanático, avarento e oportunista. Esses foram alguns dos personagens que o ator Sebastião Vasconcelos deu vida e, com eles, construiu sua trajetória de sucesso. No teatro, no cinema e, sobretudo, na teledramaturgia, o paraibano nunca escondeu as suas raízes, que mesmo desconhecidas, fazia-se presente como matéria-prima de sua arte.

Sebastião Vasconcelos da Costa nasceu em 21 de Maio de 1927, na cidade de Pocinhos, no Cariri paraibano, onde criou-se com os outros oito filhos do casal Mathias Paulino da Costa e Irene Paulino de Vasconcelos. As condições econômicas do pai, um comerciante e produtor rural, possibilitaram-lhe não só o acesso às primeiras letras, como também ao ginásio, cursado no Colégio Pio XI, em Campina Grande, e depois aos estudos superiores, na Faculdade de Direito do Recife. Foi durante sua estada na capital pernambucana que o paraibano descobriu-se como ator.

“No Recife, ele começou no grupo de teatro da universidade. Contava que um rapaz que fazia a peça adoeceu e convidaram ele para fazer um teste, e foi aprovado. Aí, ele começou a gostar, mas fazia tudo isso escondido, porque o pai não podia saber. Naquela época, os atores eram muito discriminados e o pai dele chegou a receber cartas alertando para tomar cuidado com o filho, por estar envolvido em teatro, ameaçando, inclusive, de cortar a mesada. Por isso, tio Sebastião costumava utilizar o codinome de Paulo Alcântara”, relata o sobrinho do ator, Rômulo Vasconcelos.

Na capital pernambucana, o paraibano atuou em seis espetáculos pelo Teatro Universitário, sob a orientação de Adac-

to Filho, inclusive As férias de Apolo, que foi ao palco em maio de 1948. As críticas publicadas no Diário de Pernambuco, daquele mesmo ano, quanto a outra encenação do grupo, a comédia dramática de Alejandro Casona É proibido suicidar-se na primavera, destacavam que “Sebastião Vasconcelos Costa teria dado muito mais vida ao Hans, gesticulando menos. O jogo fisionômico seria mais eloquente do que a gesticulação, por vezes exagerada, embora se tratando de um neurótico de guerra, cuja satisfação maior consistia em ver gente morrer”. A lição foi aprendida e, dias depois, a mesma coluna de crítica reconhecia a melhoria da atuação: “Sebastião Vasconcelos, que no primeiro espetáculo não sabia onde botar os braços, transferiu para o rosto o que devia fazer em jogo fisionômico”.

No ano seguinte, o nome de Sebastião Vasconcelos cede lugar, nos jornais, ao pseudônimo Paulo Alcântara. Pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, atuou na peça O vento do mundo, dirigida por Hermilo Borba Filho e montada para comemorar o centenário do Teatro Santa Izabel, do Recife. No Teatro de Amadores de Pernambuco, o ator foi dirigido por grandes nomes da dramaturgia nacional, como Graça Mello, Ziembinski e Gianni Ratto.

Formado em Direito, em 1953, dois anos depois transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro (RJ), onde ingressou na Companhia de Teatro Tônia-Celi-Autran. Fez Otelo e A viúva astuciosa, peça que lhe conferiu seu primeiro prêmio na categoria de Melhor Ator Coadjuvante, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais (ABCT).

A lista de espetáculos no currículo do ator é longa e inclui As guerras do alemão e da manjerona, O judeu, A bela madame Vargas, Calúnia, Olho mecânico e A beata Maria do Egito, pela qual recebeu o Prêmio Governador do Estado como

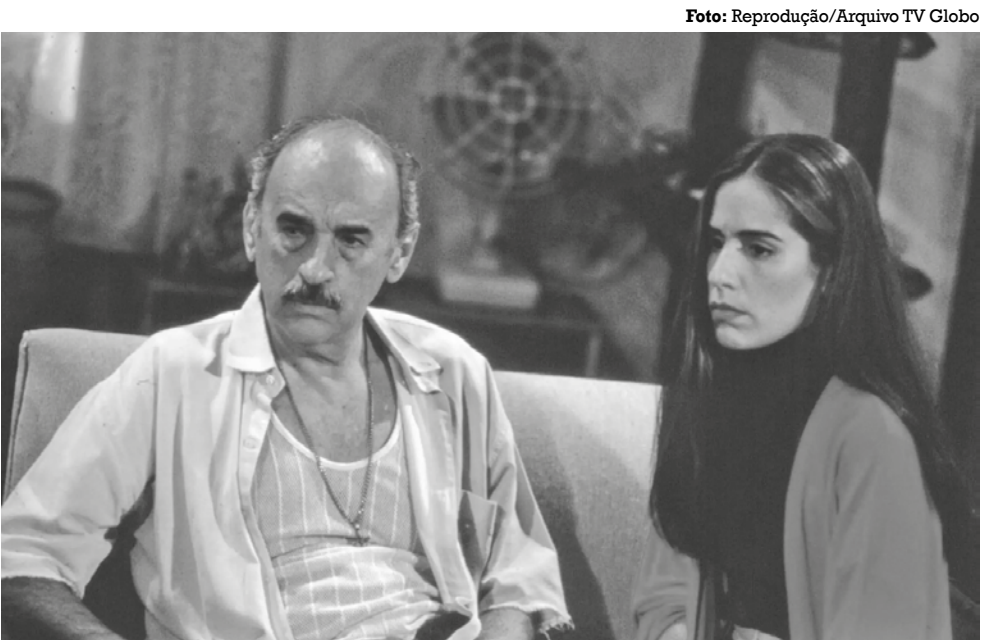
Melhor Ator. Na década de 1960, fez As três irmãs, Lisbela e o prisioneiro, O pagador de promessas e Os físicos.

De volta para o aconchego

Sebastião Vasconcelos estreou na televisão em 1959, na TV Rio, onde fez o protagonista Luís Jerônimo na primeira adaptação da novela Cabocla. O ingresso na TV Globo aconteceu no ano seguinte à criação da emissora, na novela O sheik de Agulir (1966). No meio da trama, o personagem de Sebastião (Jean) foi vítima de um misterioso assassino. A explicação dada pela autora do folhetim, uma escritora cubana, foi a de que achava o ator parecido com Fidel Castro e decidiu removê-lo da produção. Na década de 1970, Sebastião consolidou sua carreira em torno de tipos nordestinos como o retirante Severino, de Bandeira dois, o zelador potiguar Francisco, de O grito, e o coronel Tenório Tavares, em Saramandaia, novela de Dias Gomes.

Na década seguinte, voltou à telenha na adaptação de Morte e vida Severina, de João Cabral de Mello Neto, que contou com músicas de Chico Buarque e levou o Emmy Internacional em 1982, na categoria Arte Popular. Sob a direção de Walter Avancini e ao lado dos conterrâneos José Dumont e Elba Ramalho, Sebastião viveu o papel de Mestre Carpina, um dos personagens que guia a trajetória do retirante Severino em busca de uma vida melhor.

A atriz Tânia Alves, que participou do especial cantando na famosa cena do funeral de um lavrador, recorda bem das cenas protagonizadas pelo ator paraibano: “Era um elenco grande e as pessoas da mesma idade ficavam mais próximas umas das outras, mas eu me lembro de assistir à cena dele e eu fica-



Vasconcelos como pai das gêmeas Ruth e Raquel (Glória Pires), na novela Mulheres de areia

va de boca aberta, de queixo caído. Sebastião Vasconcelos era um absurdo, absurdo. Tinha aquela coisa da maturidade, sabe... e eu fazia questão de assistir todas as cenas dele”.

Dentre os personagens vividos pelo ator destacam-se, ainda, Sebastião, de Selva de pedra, homem que depois de um trágico acidente decide abandonar os bens materiais para se dedicar à pregação da palavra de Deus; o fiscal de fronteira Salvador Accioly, pai da Raquel na primeira versão de Vale Tudo; e o inesquecível Zé Esteves, pai avarento e ganancioso da personagem título de Tieta, adaptação de Aguiinaldo Silva para a obra de Jorge Amado. Uma das cenas que ficaram para a história da teledramaturgia é a do personagem descobrindo que o dinheiro que guardava por longos anos dentro do colchão não valia mais nada.

O ator esteve, ainda, no elenco de novelas como Terra dos sem fim, Séti-

Tocando em Frente

Sobre chuvas

O advento das chuvas, muitas vezes, nos faz confundir alegria com tristeza. Bem dizia Chaplin: “Eu gosto de andar na chuva, porque ninguém pode ver as minhas lágrimas”. É o que o aforismo deixa transparecer: certa dose de melancolia que pode nos levar à tristeza.

Essas considerações nos vêm no momento em que o mundo atravessa uma onda de prenúncios de uma grande guerra ou de guerras insanas, mas leva-nos também a refletir um pouco sobre os malefícios que as precipitações podem causar-nos ao lado, é óbvio, dos seus necessários benefícios.

Basta uma passagem rápida por páginas do cancionário popular da MPB, e somos levados a listar quantas e quantas vezes os nossos criadores musicais buscaram o universo da presença ou da ausência de chuvas, servindo estas de inspiração em suas composições.

Dos malefícios, os noticiários recentes estão repletos de passagens que nos fazem lembrar o quanto a ausência do precioso líquido já não nos causou, sobretudo, aos nossos irmãos nordestinos, quando ocorriam os devastadores períodos de seca. Mais recentemente, tem ocorrido exatamente o contrário: a presença exaustiva e intermitente de chuvas tem levado os nossos irmãos sulistas ao desespero.

Enfim, a música sempre cantou e decantou o sofrimento que a ausência da chuva proporciona, mas, ao que me consta, nunca falou, ou tem falado muito pou-



Guilherme Arantes, autor de “Antes da chuva chegar”, “Planeta Água” e “Deixa chover”

co, de eventos como os que estão a fazer sofrer o Sul do país.

Se buscamos organizar uma playlist atinente à chuva, não teremos maiores dificuldades em afirmar que ela esteve

presente, em seus mais diversos estilos e pelos mais diversos intérpretes.

Luiz Gonzaga, com parceiros (a maioria com Zé Dantas), talvez seja o campeão, para o maldizer ou o bem-dizer com

relação aos fenômenos cíclicos das secas: “Asa Branca” (1947), “A volta da Asa Branca” (1950), “Vozes da seca” (1953), “Riacho do navio” (1955), “Súplica cearense” (1979), “Xote ecológico” (1989), “Seca d’água” (1985).

Se nos lembrarmos dos antigos carnavais, a água sempre foi tema recorrente: “Tomara que chova” (Emilinha, Carnaval de 1951), “Lata d’água na cabeça” (Marlene, Carnaval de 1952), “Você pensa que cachaça é água” (Carmem Costa, Carnaval de 1953), “As águas vão rolar” (Zé da Zilda, Carnaval de 1954), entre muitas outras.

Saindo do período momesco, há várias correntes e estilos que abordaram o tema. Veja alguns, com respectivos intérpretes: “Sonhando ao mar” (ou “Vai, jangadeiro”, Augusto Calheiros, em 1930), “Chué, chué” (música de 1925, sucesso de Francisco Alves, em 1944), “Água de beber”, (Tom & Vinícius, 1960), “Chove chuva”, (Jorge Ben, 1963), “Águas de março” (Elis Regina, 1972), “Mucuripe” (Fagner, 1973) “Tenho sede” (Dominguinhos, 1976), “Lamento de lava-deira” (Elza Soares, 1979), “Beira-mar” (Zé Ramalho, 1979), “Timoneiro” (Paulinho da Viola, 1996), “Água” (Caetano, 2011).

Por fim, sem esgotar o tema, o que compete ao leitor, elencamos uma espécie de “cereja do bolo” ou um *finis coronat opus*: Guilherme Arantes que, demonstrando uma afeição genuína pela chuva, faz dela um tema recorrente e nos legou “Antes da chuva chegar” e “A cidade e a neblina” (ambos de 1976), “Planeta Água” e “Deixa chover” (ambos de 1981).

TECNOLOGIA

Ferdi Alici é o pioneiro no uso de IA na arte

Em maio, artista turco será palestrante no São Paulo Innovation Week

Agência Estado

Ferdi Alici acredita que arte e tecnologia não são opostos, e sim aliados. Fundador do Ouchhh, um estúdio criativo especializado em desenvolver projetos artísticos imersivos a partir de inteligência artificial (IA), o artista e empreendedor turco é um dos palestrantes confirmados no São Paulo Innovation Week.

O evento de inovação, tecnologia e empreendedorismo reunirá mais de mil convidados brasileiros e internacionais, de 13 a 15 de maio, na Mercado Livre Arena Pacaembu e na Fundação Alvaros Penteado (Faap). O festival é uma realização do *Estadão*, em parceria com a Base Eventos — os ingressos já estão à venda e os assinantes do jornal têm desconto.

Nascido em 1981, em Esmirna, na costa do Mar Ege, na Turquia, Alici foi um dos pioneiros da implementação da tecnologia e da ciência de dados na criação de instalações artísticas em ambientes públicos — físicos e digitais. Ele fundou o Ouchhh em 2011, com a filosofia “*data as paint, algorithm as brush*”, ou seja, “dados como tinta, algoritmo como pincel”.

Em seu trabalho e em conferências ao redor do mundo, Alici costuma questionar o que significa ser um artista no século 21, em um mundo dominado pela tecnologia e pela inteligência artificial. Ele acredita que a tecnologia deve

ser usada para expandir a criatividade humana e que a IA não deve ser apenas uma ferramenta, mas uma colaboradora.

Alici dirige o Ouchhh ao lado da parceria, Ey-lul Alici, e comanda uma equipe de especialistas em IA, cientistas de dados, arquitetos e artistas visuais. O estúdio costuma trabalhar com grandes instituições, desde organizações como Nasa e Google, até marcas como Ferrari, Nike e Bulgari.

“Nos últimos 15 anos, tentamos integrar arte, ciência e tecnologia dentro de lugares públicos de um jeito poético”, explicou ele em um evento em Dubai, em abril do último ano. A Ouchhh utiliza todo tipo de tecnologia audiovisual — realidade virtual, realidade aumentada, projetores, telas de LED, equipamentos audiovisuais customizados — e constrói as instalações a partir da análise de dados.

Um exemplo: em 2021, o Arco della Pace, em Milão, tornou-se o primeiro monumento do mundo a entrar no Metaverso quando o Ouchhh realizou uma escultura de dados cenográfica de 360°. A obra era composta por imagens geradas por um algoritmo em constante mudança. Esse algoritmo lia dados de milhares de obras de arte digitalizadas, misturadas com dados da Nasa.

O Ouchhh também foi responsável pela criação da exibição “*Poetic AI*”, uma experiência que par-

tiu da análise de dados sobre física, cosmologia, neurociência e as antigas civilizações para criar projeções imersivas em constante transformação. A atração passou por países como França e Alemanha.

Arte enviada à Lua

A empresa de Alici foi a primeira a enviar uma obra de arte criada com IA para a Lua. A empreitada nasceu de uma parceria com o Human Cell Atlas, projeto global que busca criar um mapa abrangente de todas as células humanas, e com a Cern (Organização Europeia para a Investigação Nuclear), o maior laboratório de física de partículas do mundo.

Analizando mais de 37 trilhões de dados sobre as células humanas, o Ouchhh criou uma espécie de “autorretrato da humanidade”, como Alici descreveu durante uma conferência TED realizada na Áustria em 2024. A obra foi inserida em um nanodisco e enviada à Lua em um fo-

guete da SpaceX em fevereiro de 2024.

“Isso não é só sobre fundir arte, ciência e tecnologia. É sobre a redescoberta da nossa humanidade através da narração. Todo dado ou algoritmo nos deixa mais perto de entender a complexidade da nossa existência”, disse o artista no mesmo evento.

Alici e o estúdio Ouchhh são vencedores de diversos prêmios de artes e *design*, como o Red Dot Best of the Best Design Award, o German Design Award, Asia Design Award, ADC Award (Nova York), IDA Design Award (Los Angeles) e o Muse Creative Awards.

Em 2025, ele fez parte do Rio Innovation Week, evento que inspirou o São Paulo Innovation Week. Além de Alici, o evento paulistano também contará com grandes nomes da área cultural, como a filósofa e romancista Rebecca Goldstein e Luc Ferry, filósofo e ex-ministro da Educação da França.

Charada

Resposta da semana anterior: Padece (2) = sofre + guia da bicicleta (2) = guidão. **Solução:** desejo imoderado (4) = sofreguidão.

Charada de hoje: Lá (2) é bom que você procure (2) a ferramenta (4).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiozzi



Eita!!!!

Curiosidades do Oscar 2026

Na noite de hoje, acontecerá a cerimônia de premiação do Oscar, no Teatro Dolby, em Los Angeles, na Califórnia, nos Estados Unidos. Neste ano, o prêmio mais badalado da indústria cinematográfica teve uma boa leva de filmes, alguns recordes históricos e a presença novamente de uma produção brasileira. Confira a seguir alguns destaques da 98ª edição da festa promovida pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Recorde de indicações

O grande destaque do ano é o filme *Pecadores*, de Ryan Coogler, responsável por um feito histórico na premiação. Estrelado por Michael B. Jordan (foto acima), que interpreta os gêmeos protagonistas, o longa-metragem recebeu 16 indicações, superando o recorde anterior de 14 indicações conseguida por três filmes: *A malvada* (1950), *Titanic* (1997) e *La la land* (2016). Reconhecido em categorias como Melhor Filme, Direção, Ator e nas categorias técnicas, a produção mistura suspense, ação e terror com crítica social, ambientado nos anos 1930.

Empate brasileiro

Representante do Brasil no Oscar, *O agente secreto*, dirigido por Kleber Mendonça Filho e estrelado por Wagner Moura, foi indicado em quatro categorias — Melhor Filme, Filme Internacional, Ator (Moura, o primeiro brasileiro a ser indicado na categoria) e Direção de Elenco —, igualando ao número de indicações de *Cidade de Deus*, na edição de 2004, que concorria por Melhor Direção (Fernando Meirelles), Roteiro Adaptado, Edição e Fotografia.

Superando Meryl Streep

A edição estabelece um recorde particular para Emma Stone: aos 37 anos, a atriz superou Meryl Streep ao se tornar a mulher mais jovem a atingir sete indicações na carreira. Ela concorre por sua atuação e produção no filme *Bugônia*, dirigido por Yorgos Lanthimos, mas não é a favorita, já que a atriz irlandesa Jessie Buckley está levando tudo pela sua atuação em *Hamnet: a vida antes de Hamlet*.

Força feminina

A edição 2026 do Oscar teve um número recorde de mulheres indicadas ao prêmio nas diversas categorias. Ao todo, 74 mulheres disputam o prêmio, sendo a figurinista Ruth E. Carter (de *Pecadores*), a mulher negra com maior número de indicações (cinco nomeações) em toda história do prêmio, superando as quatro da atriz Viola Davis. Outro destaque é a cineasta de *Hamnet*, Chloé Zhao, que retorna ao Oscar depois de vencer a estatueta com *Nomadland* (2020). Ela é a única mulher que está na disputa de Melhor Direção neste ano.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

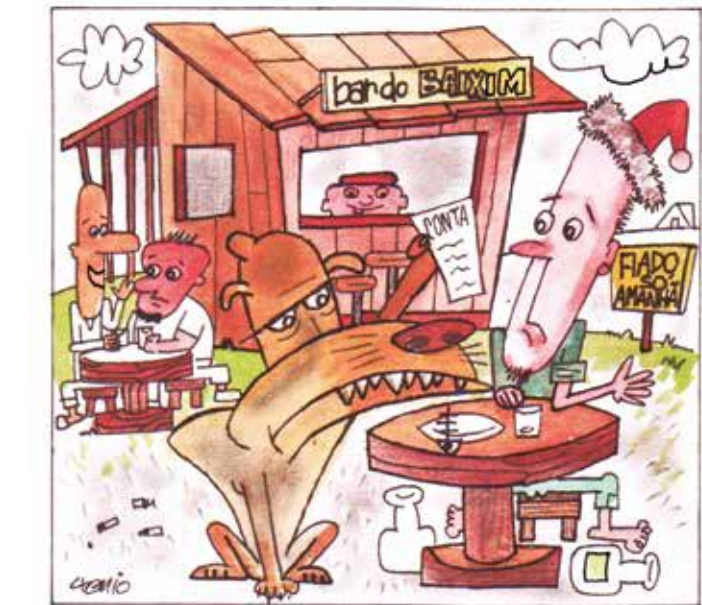
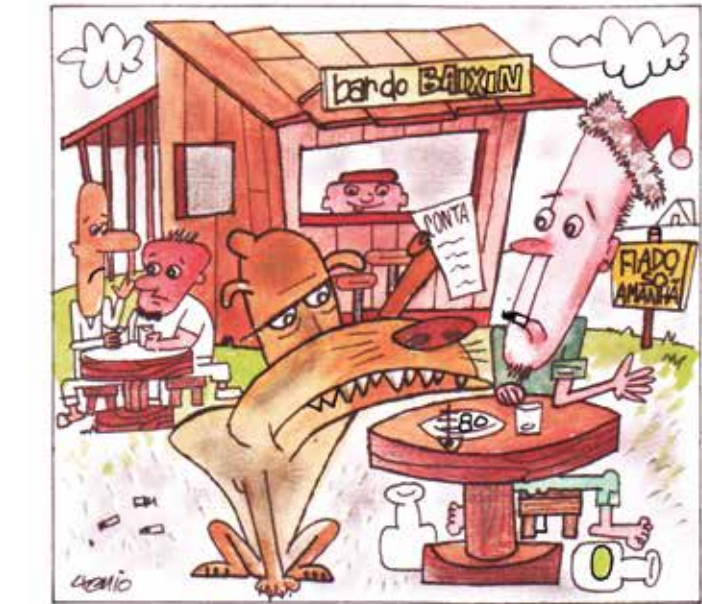
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - nome do bar; 2 - boca do freguês; 3 - rótulo; 4 - tamborete; 5 - nuvem; 6 - cigarro; 7 - curru do; 8 - tira-gosto; 9 - dentes do cachorro.

CINEMA

Emoção a cada envelope

A 98ª edição do prêmio da Academia promete ser uma das mais equilibradas dos últimos anos; para acompanhar a cerimônia, saiba mais sobre todos os principais indicados



Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

O Oscar 2026 chega ao dia de sua cerimônia de entrega das estatuetas como um dos mais equilibrados dos últimos anos. Ao contrário de várias edições anteriores, em que quase tudo parecia chegar definido, com apenas uma ou outra categoria das principais em aberto, desta vez temos boas disputas em três das quatro categorias de atuação; e até a de Melhor Filme, que parecia já ser favas contadas, tem *Uma batalha após a outra* vendendo *Pecadores* aparecer no retrovisor. A cerimônia do Oscar será transmitida ao vivo pela Rede Globo, pelo canal pago TNT e pelo streaming HBO Max. A **União** traz, neste caderno, um guia completo para saber tudo sobre os principais concorrentes.



Na Globo, a transmissão começa após o *Fantástico*, às 21h, com apresentação de Maria Beltrão e comentários de Dira Paes e Waldemar Dalenogare. TNT e HBO Max começam o esquentar a partir das 18h30, com o tapete vermelho comandado por Fabiula Nascimento e Vladimir Brichta. Aline Diniz comanda a cerimônia de premiação em seguida. O Brasil vive a expectativa de repetir o prêmio de *Ainda estou aqui* no ano passado, vencedor na categoria de Melhor Filme Internacional. Neste ano, *O agente secreto* também chegou forte às indicações, concorrendo em quatro categorias e como um dos favoritos a Filme Internacional. Wagner Moura também tem chances reais para Melhor Ator.

Além disso, o Brasil também concorre em Melhor Fotografia, com Adolpho Veloso, candidato por *Sonhos de trem*. Neste ano, o comediante e apresentador de *talk show* Conan O'Brien será, pela segunda vez consecutiva, o mestre de cerimônias. O 98º Oscar promete emoções e talvez surpresas acima do esperado. Revolucionários ou vampiros levarão o prêmio de Melhor Filme?

INDICADOS A MELHOR FILME

■ O AGENTE SECRETO
4 indicações

O filme de Kleber Mendonça Filho é (guardadas as devidas proporções) seu *Amarcord*: um grande painel do Recife dos anos 1970, abordando costumes, referências culturais e a opressão da ditadura, e ressoou pelo mundo. Também é um estudo da memória e do desinteresse por ela.

■ UMA BATALHA APÓS A OUTRA
13 indicações

Paul Thomas Anderson escreveu e dirigiu esse disparo irônico contra a intolerância contra imigrantes e coloca um ex-revolucionário contra um militar para salvar a filha. Ganhou Globo de Ouro (de musical ou comédia), Bafta, PGA... Se perder, será uma grande zebra.

■ BUGONIA
4 indicações

Mais uma colaboração entre o diretor grego Yorgos Lanthimos e a atriz Emma Stone com sua cota de bizarrices. Aqui, ela é sequestrada por sujeitos que acreditam que ela é uma invasora alienígena disfarçada. Neste ano, a parceria deve ser apenas figurante.

■ FI - O FILME
4 indicações

É o representante do cinemão-espetáculo nesta lista de indicados, com Brad Pitt estrelando como o piloto veterano que volta às pistas para orientar um colega mais jovem. Dirigido por Joseph Kosinski, não tem chance na categoria principal, mas pode ganhar algum prêmio técnico.

■ FRANKENSTEIN
9 indicações

Produção da Netflix e projeto do coração do diretor e roteirista Guillermo del Toro, o filme é mais uma adaptação do romance de Mary Shelley sobre o cientista que brinca de Deus ao trazer um morto à vida. Tem boas chances em categorias como Figurino e Desenho de Produção.

■ HAMNET - AVIDA ANTES DE HAMLET
8 indicações

Chloe Zhao dirigiu e escreveu o roteiro com a autora do romance, Maggie O'Farrell, para imaginar a vida da esposa de William Shakespeare, a partir dos pouquíssimos dados biográficos sobre ela. Poucos conseguiram chegar ao fim sem lágrimas. A vitória como melhor atriz é certa.

■ MARTY SUPREME
9 indicações

Baseado muito de longe na história real do mesatenista Marty Reisman, o filme de Josh Safdie tem Timothée Chalamet como um atleta da modalidade que vive alucinado, de golpe em golpe, tentando conseguir dinheiro para viajar e competir. Chalamet é nome forte para Melhor Ator.

■ PECADORES
16 indicações

Pecadores quebrou o recorde histórico de filme com o maior número de indicações. A princípio, isso não significou que a história que mistura *blues* e racismo com vampiros fosse a favorita, mas o filme cresceu nas últimas semanas. E Michael B. Jordan pode muito bem ganhar como Melhor Ator.

■ SONHOS DE TREM
4 indicações

O filme de Clint Bentley é um estudo instrospectivo sobre o luto e a relação do homem com a natureza: um lenhador que precisa se ausentar por meses de casa para trabalhar. Aqui, estamos de olho na indicação para Melhor Fotografia, do brasileiro Adolpho Veloso.

■ VALOR SENTIMENTAL
9 indicações

O diretor dinamarquês Joachim Trier conta a história do relacionamento fraturado de um pai e duas filhas, em torno da velha casa da família e da arte. É título forte para a categoria Filme Internacional e há uma torcida pela vitória de Stellan Skarsgård como ator coadjuvante.

Indicados podem ser vistos no cinema ou já no streaming

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Chegou o dia do Oscar, e alguém pode pensar que está “devendo” aquele filme que gostaria de ter visto antes da cerimônia desta noite. Pode estar muito em cima para uma maratona, mas, com um ou outro, é possível recuperar o tempo perdido. A maior parte deles já está disponível nas *streamings* ou pelo menos para aluguel ou compra digitais. Vários deles ainda podem ser vistos no cinema (de forma inédita, todos os indicados a Filme Internacional estão em cartaz, e todos no Cine Bangüê).

Dos longas, apenas *Marty supreme* e *Acartar — fogo e cinzas* estão no “limbo”: estavam

em cartaz até semana passada e ainda não chegaram às plataformas.

Mas a maior parte já pode ser garimpada e a lista a seguir traz o caminho das pedras: onde cada um dos filmes está disponível:

O agente secreto — em cartaz no Cine Bangüê, no Centerplex MAG e no Cinépolis Manairá; *streaming*: Netflix.

Uma batalha após a outra — *streaming*: HBO Max; aluguel ou compra digitais no Prime Video e na Apple TV.

Valor sentimental — *streaming*: HBO Max; aluguel ou compra digitais no Prime Video e na Apple TV.

Hamnet — *a vida antes de Hamlet* — alu-

guel ou compra digitais no Prime Video.

Sonhos de trem — *streaming*: Netflix.

Bugonia — aluguel ou compra digitais no Prime Video e AppleTV.

F1 — o filme — *streaming*: Apple TV; aluguel ou compra digitais no Prime Video.

Frankenstein — *streaming*: Netflix.

Foi apenas um acidente — em cartaz no Cine Bangüê; *streaming*: Mubi.

Sirât — em cartaz no Cine Bangüê e no Cinépolis Manairá.

A voz de Hind Rajab — em cartaz no Cine Bangüê.

Guerreiras do k-pop — *streaming*: Netflix.

Zootopia 2 — *streaming*: Disney+.

Elio — *streaming*: Disney+.

A pequena Amélie — aluguel ou compra

digitais na Apple TV, Prime Video, YouTube e Google Play.

Blue Moon — *música e solidão* — *streaming*: Claro TV+; aluguel ou compra digitais no Prime Video e na AppleTV.

Se eu tivesse pernas, eu te chutaria — em cartaz no Cine Bangüê.

A hora do mal — *streaming*: HBO Max.

A meia-irmã feia — *streaming*: Mubi.

Foto: Divulgação

MELHOR ATOR COADJUVANTE



■ SEAN PENN
Uma batalha após a outra

Como Steven J. Lockjaw, coronel obcecado por uma revolucionária e sua filha. Pode ganhar. **6ª indicação**, **1º como coadjuvante**, **dois prêmios** (*Sobre meninos e lobos*, 2004; *Milk — a voz da igualdade*, 2009).



■ BENICIO DEL TORO
Uma batalha após a outra

Como Sergio St. Carlos, o sensei que faz parte de um grupo de revolucionários e atravessa momentos turbulentos sempre na paz. **3ª indicação**, **3º como principal**, **um prêmio** (*Traffic — ninguém sai limpo*, 2001).



■ JACOB ELORDI
Frankenstein

Como a Criatura, que foi trazida de volta da morte pelo Dr. Frankenstein e busca o sentido de sua existência. Elordi se destaca na recriação de um dos personagens mais clássicos do cinema. **1ª indicação**.



■ DELROY LINDO
Pecadores

Como Delta Slim, veterano músico que vai tocar na nova casa de música para negros dos irmãos Fumaça e Fuligem. O personagem dá a primeira indicação a um grande ator. **1ª indicação**.



■ STELLAN SKAGSARD
Valor sentimental

Como Gustav Borg, cineasta importante que quer filmar em sua antiga casa para ajustar as contas com a memória da mãe e com as filhas de quem se distanciou. Skarsgard ganhou o Globo de Ouro. **1ª indicação**.

MELHOR ATRIZ COADJUVANTE



■ TEYANA TAYLOR
Uma batalha após a outra

Como Perfidia, revolucionária implacável que lida também com a obsessão de um militar. Com uma interpretação forte, ela saiu na frente na corrida ao ganhar o Globo de Ouro. **1ª indicação**.



■ AMY MADIGAN
A hora do mal

Como a tia Gladys, uma bruxa obcecada por juventude que suga vitalidade e controla mentes de suas vítimas. Madigan é uma das favoritas. **2ª indicação**, **2º como coadjuvante**.



■ WUNMI MOSAKU
Pecadores

Como Annie, curandeira espiritual e integrante da equipe da casa de música. É importante fonte de conhecimento para o enfrentamento dos vampiros. Ganhou o Bafta e tem chances. **1ª indicação**.



■ INGA IBSDOTTER LILLEASS
Valor sentimental

Como Agnes Borg Pettersen, historiadora que testemunha o conflito entre seu pai cineasta e sua irmã atriz. Lilleaas conduz muito bem a insegurança de sua personagem. **1ª indicação**.



■ ELLE FANNING
Valor sentimental

Como Rachel Kemp, atriz estadunidense de sucesso que aceita o convite para filmar com um prestigiado cineasta norueguês. Fanning transmite bem a insegurança de sua personagem. **1ª indicação**.

MELHOR FILME INTERNACIONAL



■ O AGENTE SECRETO
De Kleber Mendonça Filho (Brasil)

Premiado em Cannes com a melhor direção e melhor ator e vencedor do Globo de Ouro, o filme brasileiro chega forte ao Oscar, mas em noite de muita concorrência.



■ FOI APENAS UM ACIDENTE
De Jafar Panahi (França)

De diretor iraniano e filmado no Irã, concorre pela França porque trata de um tema que o país censura: vítimas de tortura sequestram seu torturador em busca de alguma reparação, sem saber bem qual.



■ SIRÂT
De Oliver Laxe (Espanha)

Deixemos de lado a brincadeira sem graça do diretor sobre os brasileiros no Oscar. O filme aposta em cenas fortes na história de uma família em busca de uma filha perdida em *raves* no deserto.



■ VALOR SENTIMENTAL
De Joachim Trier (Noruega)

Com oito indicações no total, divide com *O agente secreto* o favoritismo na categoria. A história da família que tem uma chance de se reencontrar através da arte é bem contada e cativante.



■ A VOZ DE HIND RAJAB
De Kaouthar Ben Hania (Tunísia)

O filme mostra voluntários de um centro de atendimento que recebem a chamada de emergência de uma menina presa num carro sob fogo em Gaza e tentam ajudar.

MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO



■ A PEQUENA AMÉLIE
De Maïlys Vallade

Produção franco-belga que se passa no Japão, onde uma menina belga de três anos explora o mundo e vive eventos que mudam sua compreensão do mundo. Ganhou o prêmio do público no Festival de Annecy.



■ ARCO
De Ugo Bienvenu

O filme é uma ficção científica sobre um garoto que viaja no tempo recebendo a ajuda de uma garota para voltar ao ano 3000. O tom é ecológico e a produção se concentrou em Paris.



■ ELIO
De Adrián Molina, Madeline Sharafian e Domee Shi

A produção da Pixar passou um poquico em branco nos cinemas, mas encontrou um lugar entre os indicados. É uma fantasia espacial que fala sobre solidão e família.



■ GUERREIRAS DO K-POP
De Chris Applehans e Maggie Kang

O grande favorito da noite na categoria é um fenômeno que emplacou uma canção onipresente. O título é autoexplicativo: um grupo de *k-pop* que caça monstros.



■ ZOOTOPIA 2
De Jared Bush e Byron Howard

A continuação do sucesso da Disney (que ganhou na categoria em 2017) não fica devendo ao primeiro, com personagens carismáticos e temas como gentrificação, preconceito e herança cultural.

MELHOR DIREÇÃO



■ PAUL THOMAS ANDERSON
Uma batalha após a outra

Seus filmes pareciam “artísticos demais” para o Oscar, mas seu filme de ação irônico o colocou como favorito neste ano. Ganhou o prêmio do sindicato, o Globo de Ouro, o Bafta e o Critics Choice. Se perder, é zebração. **4ª indicação na categoria**.



■ CHLOÉ ZHAO
Hamnet — a vida antes de Hamlet

A diretora chinesa é a única anteriormente premiada na categoria. Soubes evocar o mistério da natureza e a paixão inexplicável da arte. **2ª indicação na categoria**, **um prêmio** (*Nomadland*, 2021).



■ JOSH SAFDIE
Marty supreme

Separado do irmão Benny, com quem assinava os filmes, Safdie construiu a narrativa alucinada de uma montanha russa. Mas um caso de vista grossa de assédio em filme anterior respingou em sua campanha. **1ª indicação na categoria**.



■ RYAN COOGLER
Pecadores

Coogler combinou uma história de vampiros com a paixão pelo *blues*, atmosfera erótica e observações sobre o racismo. O resultado é um filme bonito, empolgante, sedutor e que tem o que dizer. **1ª indicação na categoria**.



■ JOACHIM TRIER
Valor sentimental

Trier fez um grande filme de atores (e sobre atores) sabendo como deixar todo seu elenco brilhar, mas também usando exemplarmente o cenário metafórico da casa antiga e com rachaduras. **1ª indicação na categoria**.

MELHOR ATOR



■ WAGNER MOURA
O agente secreto

Como Marcelo, homem clandestino no Recife, tentando se reconectar com o filho e escapar da ditadura, e como Fernando, seu filho anos depois. Moura domina o filme e ganhou Cannes e o Globo de Ouro. **1ª indicação**.



■ LEONARDO DICAPRIO
Uma batalha após a outra

Como Bob, revolucionário aposentado que precisa salvar a filha sequestrada. DiCaprio com a competência de sempre, entre o drama e o humor. **7ª indicação como ator**, **6º como principal**, **um prêmio como principal** (*O Regresso*, 2016).



■ ETHAN HAWKE
Blue Moon — música e solidão

Como Lorenz Hart, compositor estadunidense vivendo o luto de ter perdido o parceiro de grande sucesso. Hawke é considerado por muitos a melhor atuação do conjunto, mas não parece ter chances. **3ª indicação como ator**, **1º como principal**.



■ TIMOTHÉE CHALAMET
Marty supreme

Como Marty Mauser, jogador de tênis de mesa que não mede esforços ou escrúpulos para conseguir dinheiro para viajar e competir. Chalamet se dedicou muito ao papel e é um dos favoritos. **3ª indicação como ator**, **3º como principal**.



■ MICHAEL B. JORDAN
Pecadores

Como Smoke (Fumaça) e Stack (Fuligem), irmãos gêmeos que abrem uma casa de música para negros no Mississippi que é atacada por vampiros. Jordan está ótimo no papel duplo, e sua indicação ganhou força nas últimas semanas. **1ª indicação**.

MELHOR ATRIZ



■ EMMA STONE
Bugonia

Como Michelle, empresária que dois sequestradores acham que é uma alienígena invasora. **5ª indicação como atriz**, **3º como principal**, **2 prêmios como principal** (*La La Land — Cantando Estações*, 2017; *Pobres Criaturas*, 2024).



■ JESSIE BUCKLEY
Hamnet — a vida antes de Hamlet

Como Agnes, esposa de William Shakespeare, assombrada pela possibilidade da morte de um filho. A atriz irlandesa tem *performance* comovente e é a grande favorita da noite. **2ª indicação**, **1º como principal**.



■ ROSE BYRNE
Se eu tivesse pernas, eu te chutaria

Como Linda, mulher que está no limite com a carga de obrigações do dia a dia. Byrne ganhou o Globo de Ouro de comédia ou música e é considerada a “segunda força” na categoria. **1ª indicação**.



■ KATE HUDSON
Song sung blue — um sonho a dois

Como Claire, que assume o nome de Thunder na dupla que faz tributo musical a Neil Diamond. Hudson consegue uma indicação 25 anos depois da primeira. **2ª indicação**, **1º como principal**.



■ RENATE REINSVE
Valor sentimental

Como Nora Borg, atriz de teatro em crise que recebe o convite para filmar com o pai distante, cineasta de prestígio, na antiga casa de sua família. Reinsve transmite com primor as complexidades de sua personagem. **1ª indicação**.

A Paraíba no elenco de O agente secreto: Suzy Lopes (1); Fafá Dantas (2); Jodlisson Cunha (3); Márcio de Paula (4); Beto Quirino (5); Cely Farias (6); Flávio Melo (7); e Buda Lira (8)

Fotos: Divulgação/Reprodução

TORCIDA

Atores paraibanos fazem suas apostas

Todos os oito integrantes do estado no elenco de O agente secreto sonham alto: querem duas ou até três vitórias

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O agente secreto alicerça seu roteiro no retorno de Marcelo (Wagner Moura) ao Recife nos anos 1970 — o protagonista foge do passado em São Paulo para reconstruir seu futuro na terra natal. Apesar de ter a capital pernambucana como cenário principal, os artistas selecionados para dar vida à história escrita por Kleber Mendonça Filho são de todo o Brasil — de Wagner, baiano, a Maria Fernanda Cândido, paraense. A Paraíba, inclusive, é um dos estados mais representados no longa-metragem — são oito atores. Na expectativa por mais uma vitória brasileira na maior premiação do cinema, Beto Quirino, Buda Lira, Cely Farias, Fafá Dantas, Flávio Melo, Joálisson Cunha, Márcio de Paula e Suzy Lopes contam para A União suas expectativas para esta noite.

Beto Quirino faz rápida aparição como Desidério, vigilante do instituto de polícia científica que é pego numa situação para lá de constrangedora. “Existem duas categorias em que eu estou apostando: Melhor Produção de Elenco e Melhor Ator. Por que não Filme Internacional? Porque, no ano passado, já levamos [com Ainda estou aqui, de Walter Salles]. É difícil repetir”, sustenta.

Buda Lira interpreta Anísio, funcionário da mesma instituição policial para onde Marcelo vai. O ator é figura recorrente nos filmes de Mendonça Filho — antes de O agente secreto, ele marcou presença em Aquarius (2016) e Bacurau (2019). “Minha torcida é para que se faça ‘barba, cabelo e bigode’ no Oscar. Ou seja, trazermos, ao menos, três prêmios: Filme, Ator e Produção de Elenco”, assevera.

Cely Farias empresta corpo e voz para Cleide, cuja tra-

ma é inspirada na tragédia real ocorrida com o menino Miguel Otávio da Silva, há seis anos, em Recife: a criança caiu do prédio no que a mãe trabalhava, estando sob os cuidados da patroa dela. Cleide chega furtivamente para prestar depoimento no instituto de polícia científica.

“Minha torcida é pelos prêmios todos! Mas acho que O agente tem chances de levar o troféu de Filme Internacional”, garante.

Fafá Dantas dá vida a Das Dores, auxiliar de serviços gerais que também trabalha naquela instituição policial e se compadece da mãe, que, aos prantos, vai atrás de Cleide, em busca de justiça.

“Eu mantenho os pés no chão. O prêmio é lá, nos Estados Unidos, e a Academia tem as métricas deles. Se tivessemos escolhido duas apostas principais, eu diria Melhor Casting e Filme Internacional. O trabalho do produtor de elenco, Gabriel Domin-

gues, foi cirúrgico”, aponta.

Carnaval de novo

Flávio Melo também aparece por poucos segundos na tela, mas é impossível ignorarmos sua presença: sem a barba que “cultiva” na vida real, ele faz as vezes de pastor, pregando em frente ao histórico cinema São Luiz, em Recife, durante uma matinê do terror A profecia, dirigido por Richard Donner em 1976.

“Este ano, parece Mega Sena da Virada; a concorrência está grande. Mas acho que temos chances de levar algum Oscar para casa. Torço muito pelo Nordeste”, crava. “A gente vem de um teatro e de um cinema sofridos, com as nossas questões sociais. Mas, quem embarca na arte, uma hora vai ter que brilhar também”.

Joálisson Cunha é o frenetista que recepciona o personagem de Wagner Moura, na sua chegada no Recife; enquanto abastece o carro do

protagonista, pede para que este ignore o cadáver em frente ao posto de gasolina.

“Particularmente, queria que levasse todos os prêmios a que foi nomeado, mas, comparando com os outros indicados, acredito que O agente secreto tem mais força em duas categorias: Melhor Filme Internacional e Casting”, declara.

Márcio de Paula é um dos policiais que também aparece na sequência do posto de gasolina e que tenta extorquir Marcelo, mas ignora o corpo que apodrece no estabelecimento.

“Dentre todos os prêmios, eu escolheria o de Produção de Elenco, porque eu acho que valoriza a todos nós, incluindo o elenco de apoio. Não somos protagonistas, mas temos participações bacanas para ajudar a contar essa história — e eu acho isso importantíssimo”, atesta.

Suzy Lopes atua como Carmem, outra funcionária do ins-

tituto de polícia que, nas horas vagas, vende coxinhas para os colegas, e que interpela Marcelo sobre os documentos da instituição que ele tenta afanar, em determinada cena do filme.

“Eu estou acreditando que traremos três das quatro indicações: Melhor Filme, Ator e Elenco. ‘Tri-Oscar’. Esse ano o Brasil terá mais de um Carnaval. Teremos uns quatro para comemorar, estão sabendo, né?”, brinca.

A paraibana vai além — apesar do reconhecimento por parte da Academia, Suzy afirma que o trabalho de Kleber Mendonça Filho e de sua equipe teria condições artísticas e técnicas de conquistar outras indicações, em categorias como Roteiro Original e Edição. “Kleber super poderia estar concorrendo a Direção também. Mas não acho que tenhamos sido esnobados. Fiquei tão feliz com quatro indicações, que só tínhamos tido com Cidade de Deus, em 2004”, afirma.

TODOS OS INDICADOS

FILME: O agente secreto, de Kleber Mendonça Filho; Uma batalha após a outra, de Paul Thomas Anderson; Bugonia, de Yorgos Lanthimos; F1 – o filme, de Joseph Kosinski; Frankenstein, de Guillermo Del Toro; Hamnet – a vida antes de Hamlet, de Chloé Zhao; Marty supreme, de Josh Safdie; Pecadores, de Ryan Coogler; Valor sentimental, de Joachim Trier; Sonhos de trem, de Clint Bentley.

DIREÇÃO: Paul Thomas Anderson (Uma batalha após a outra); Chloé Zhao (Hamnet – a vida antes de Hamlet); Josh Safdie (Marty supreme); Ryan Coogler (Pecadores); Joachim Trier (Valor sentimental).

ATOR: Wagner Moura (O agente secreto); Leonardo DiCaprio (Uma batalha após a outra); Ethan Hawke (Blue Moon – música e solidão); Timothée Chalamet (Marty supreme); Michael B. Jordan (Pecadores).

ATRIZ: Emma Stone (Bugonia); Jessie Buckley (Hamnet – a vida antes de Hamlet); Rose Byrne (Se eu tivesse pernas, eu te chutaria); Kate Hudson (Song sung blue – Um sonho a dois); Renate Reinsve (Valor sentimental).

ATOR COADJUVANTE: Benicio del Toro (Uma batalha após a outra); Sean Penn (Uma batalha após a outra); Jacob Elordi (Frankenstein); Delroy Lindo (Pecadores); Stellan Skarsgård (Valor sentimental).

ATRIZ COADJUVANTE: Teyana Taylor (Uma batalha após a outra); Amy Madigan (A hora do mal); Wunmi Mosaku (Pecadores); Elle Fanning (Valor sentimental); Inga Ibsdotter Lilleass (Valor sentimental).

FILME DE ANIMAÇÃO: Arco, de Ugo Bienvenu; Elio, de Adrian Molina, Madeline Sharafian e Domee Shi; Guerreiras do k-pop, de Chris Appelhans e Maggie Kang; A pequena Amélie, de Mailys Vallade; Zootopia 2, de Jared Bush e Byron Howard.

FILME INTERNACIONAL: O agente secreto, de Kleber Mendonça Filho (Brasil); Foi apenas um acidente, de Jafar Panahi (França); Sirât, de Oliver Laxe (Espanha); Valor sentimental, de Joachim Trier (Noruega); A voz de Hind Rajab, de Kaouther Ben Hania (Tunísia).

DOCUMENTÁRIO: Alabama – presos do sistema, de Andrew Jarecki e Charlotte Kaufman; Embaixo da luz de neon, de Ryan White; Rompendo rochas, de Mohammadreza Eyni e Sara Khaki; A Vizinha perfeita, de Geeta Gandbhir; Um Zé Ningüém contra Putin, de David Borenstein.

FOTOGRAFIA: Uma batalha após a outra, por Michael Bauman; Frankenstein, por Dan Laustsen; Marty supreme, por Darius Khondji; Pecadores, por Autumn Durald Arkapaw; Sonhos de trem, por Adolpho Veloso.

ROTEIRO ORIGINAL: Blue Moon – música e solidão, por Robert Kaplow; Foi apenas um acidente, por Jafar Panahi, Shadmehr Rastin, Nader Saeivar e Mehdi Mahmoudian; Marty supreme, por Josh Safdie e Ronald Bronstein; Pecadores, por Ryan Coogler; Valor sentimental, por Joachim Trier e Eskil Vogt.

ROTEIRO ADAPTADO: Uma batalha após a outra, por Paul Thomas Anderson; Bugonia, por Will Tracy; Frankenstein, por Guillermo del Toro; Hamnet – a vida antes de Hamlet, por Maggie O’Farrell e Chloé Zhao; Sonhos de trem, por Clint Bentley e Greg Kwedar.

MONTAGEM: Uma batalha após a outra, por Andy Jurgensen; F1 – o filme, por Stephen Mirrione; Marty supreme, por Ronald Bronstein e Josh Safdie; Pecadores, por Michael P. Shawver; Valor sentimental, por Olivier Bugge Coutté.

DESENHO DE PRODUÇÃO: Uma batalha após a outra, por Florencia Martin e Anthony Carlino; Frankenstein, por Tamara Deverell e Shane Vieau; Hamnet

– a vida antes de Hamlet, por Fiona Crombie e Alice Felton; Marty supreme, por Jack Fisk e Adam Willis; Pecadores, por Hannah Beachler e Monique Champagne.

TRILHA SONORA ORIGINAL: Uma batalha após a outra, por Jonny Greenwood; Bugonia, por Jerskin Fendrix; Frankenstein, por Alexandre Desplat; Hamnet – a vida antes de Hamlet, por Max Richter; Pecadores, por Ludwig Göransson.

CANÇÃO: “Dear me” (Diane Warren – Relentless), por Diane Warren; “Golden” (Guerreiras do k-pop), por Ejay, Mark Sonnenblick, Joong Gyu-kwak, Lee Yu-han, Nam Hee-dong, Teddy Park e 24; “I lied to you” (Pecadores), por Ludwig Göransson e Raphael Saadiq; “Train dreams” (Sonhos de trem), por Nick Cave e Bryce Dessner; “Sweet dreams of joy” (Viva Verdi), por Nicholas Pike.

SOM: Uma batalha após a outra, por José Antonio García, Christopher Scarabosio e Tony Villaflor; F1 – o filme, por Gareth John, Al Nelson, Gwendolyn Yates Whittle, Gary A. Rizzo e Juan Peralta; Frankenstein, por Greg Chapman, Nathan Robitaille, Nelson Ferreira, Christian T. Cooke e Brad Zoern; Pecadores, por Chris Welcker, Benjamin A. Burt, Felipe Pacheco, Brandon Proctor e Steve Boeddeker; Sirât, por Amanda Villavieja, Laia Casanovas e Yasmina Praderas.

FIGURINO: Avatar – fogo e cinzas, por Deborah L. Scott; Frankenstein, por Kate Hawley; Hamnet – a vida antes de Hamlet, por Malgosia Turzanska; Marty supreme, por Miyako Bellizzi; Pecadores, por Ruth E. Carter.

MAQUIAGEM E PENTEADO: Coração de lutador – The smashing machine, por Kazu Hiro, Glen P. Griffin e Björn Rehbein; Frankenstein, por Mike Hill, Jordan Samuel e Cliona Furey; Kokuho – o preço da perfeição, por Kyôko Toyokawa, Naomi

Hibino e Tadashi Nishimatsu; A meia-irmã feia, por Thomas Foldberg e Anne Cathrine Sauerberg; Pecadores, por Ken Diaz, Michael Fontaine e Shunika Terry.

EFEITOS VISUAIS: Avatar – fogo e cinzas, por Joe Letteri, Richard Baneham, Eric Saindon e Daniel Barrett; F1 – o filme, por Ryan Tudhope, Nicolas Chevallier, Robert Harrington e Keith Dawson; Jurassic world – recomeço, por David Vickery, Stephen Aplin, Charmaine Chan e Neil Corbould; O ônibus perdido, por Charlie Noble, David Zaretti, Russell Bowen e Brandon K. McLaughlin; Pecadores, por Michael Ralla, Espen Nordahl, Guido Wolter e Donnie Dean.

PRODUÇÃO DE ELENCO: Uma batalha após a outra, por Cassandra Kulukundis; O agente secreto, por Gabriel Domingues; Hamnet – a vida antes de Hamlet, por Nina Gold; Marty supreme, por Jennifer Venditti; Pecadores, por Francine Maisler.

CURTA-METRAGEM: Um amigo de Dorothy, de Lee Knight; Butcher’s stain, de Meyer Levinson-Blount; Os cantores, de Sam A. Davis; O drama menstrual de Jane Austen, de Julia Aks e Steve Pinder; Duas pessoas trocando saliva, de Natalie Musteata e Alexandre Singh.

CURTA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO: Borboleta, de Florence Mialhe; Forevergreen, de Nathan Engelhardt e Jeremy Spears; A garota que chorava pérolas, de Chris Lavis e Maciek Szczerbowski; Retirement plan, de John Kelly; As três irmãs, de Konstantin Bronzit.

CURTA-METRAGEM DOCUMENTÁRIO: Armado com uma câmera – vida e morte de Brent Renaud, de Brent Renaud e Craig Renaud; Children no more – were and are gone, de Hilla Medalia; O Diabo não tem descanso, de Geeta Gandbhir e Christalyn Hampton; Perfectly a strangeness, de Alison McAlpine; Quartos vazios, de Joshua Seftel.